

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA DA AMAZÔNIA -
PPGSCA

JORNALISMO E QUESTÃO AMBIENTAL NA AMAZÔNIA:
análise de matérias jornalísticas do *Portal A Crítica* no *Instagram*, ano de 2023

VANESSA BARBOSA BRITO

Orientador: Prof. Dr. Adelson da Costa Fernando

MANAUS - AM
2025

VANESSA BARBOSA BRITO

**JORNALISMO E QUESTÃO AMBIENTAL NA AMAZÔNIA:
análise de matérias jornalísticas do *Portal A Crítica* no *Instagram*, ano de 2023**

Dissertação apresentada à Banca examinadora do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas; Linha de Pesquisa 02: “Redes, Processos e Formas de Conhecimento”, sob orientação do Professor Doutor Adelson da Costa Fernando.

**Manaus – AM
2025**

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

B862j

Brito, Vanessa Barbosa

Jornalismo e questão ambiental na Amazônia: análise de conteúdos jornalísticos do Portal A Crítica no instagram, ano de 2023 / Vanessa Barbosa Brito. - 2025.

129 f. : il., color. ; 31 cm.

Orientador(a): Adelson da Costa Fernando.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa de Pós-Graduação em Soc. e Cultura na Amazônia, Manaus, 2025.

1. Sociedade. 2. Ambiente. 3. Jornalismo. 4. Mídias Sociais. 5. Jornalismo da Floresta. I. Fernando, Adelson da Costa. II. Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-Graduação em Soc. e Cultura na Amazônia. III. Título

VANESSA BARBOSA BRITO

**JORNALISMO E QUESTÃO AMBIENTAL NA AMAZÔNIA:
análise de matérias jornalísticas do *Portal A Crítica* no *Instagram*, ano de 2023**

Dissertação apresentada à Banca examinadora do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas; Linha de Pesquisa 02: “Redes, Processos e Formas de conhecimento”, sob orientação do Prof. Dr. Adelson da Costa Fernando.

Aprovado em _15_/_05_/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Adelson da Costa Fernando - Presidente
Universidade Federal do Amazonas (PPGSCA/UFAM)

Profa. Dra. Marina Magalhães de Moraes - Membro
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

Prof. Dr. Gladson Rosas Hauradou - Membro
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

“O meio ambiente virou estereótipo, modismo. Ele é evocado para alavancar empreendimentos em um momento em que ‘desenvolvimento sustentável’ promove notoriedade ou para ser posto no lugar de vilão, quando ocorrem as catástrofes e ele é tido como vingador” (Eloísa Loose).

“O jornalista deve saber selecionar o que interessa e é útil ao público (o seu público, o público-alvo); buscar a associação entre essas duas qualidades, dando à informação veiculada a forma mais atraente possível; ser verdadeiro quanto aos fatos e fiel quanto às ideias de outrem que transmite ou interpreta; admitir a pluralidade de versões para o mesmo conjunto de fatos, o que é um breve contra a intolerância; e manter compromissos éticos com relação a prejuízos causados a pessoas, coletividades e instituições por informação errada ou inadequada a circunstâncias sensíveis” (Nilson Lage).

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, por me conceder saúde, força e sabedoria para lidar com desafios, percalços e obstáculos durante o período do mestrado.

Ao meu esposo Rômulo Araújo, por ser meu porto-seguro, meu grande apoiador e por me acolher com amor, compreensão, mas também, incentivo quando pensei em desistir.

À minha família, nas pessoas da Rosângela Barbosa (mãe), Valdeci Brito (pai), Gabriella Hammes (irmã), minhas bases e inspirações para ser uma pessoa e mulher melhor.

Também registro meus agradecimentos a todos que, de alguma forma me apoiaram, seja nas aulas do mestrado, no trabalho, e sobretudo, ao meu querido orientador, professor Dr. Adelson da Costa Fernando, por toda paciência, apoio e orientações brilhantes e necessárias para a conclusão desta importante jornada.

Por fim, agradeço à coordenação e corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) e à Universidade Federal do Amazonas (Ufam) por todos os ensinamentos que levarei para minha vida, acadêmica e pessoal, em mais este sonho que se torna realidade.

RESUMO

Este trabalho analisa a relação entre jornalismo e a questão ambiental na Amazônia a partir do estudo do perfil de um portal de notícias na rede social *Instagram*. A pesquisa parte da compreensão de que os problemas ambientais na região estão intrinsecamente ligados a questões sociais, afetando diretamente populações tradicionais e modos de comunidades amazônicas. A pesquisa tem como objetivo geral uma análise a abordagem de conteúdos jornalísticos sobre as expressões da questão ambiental na Amazônia, no *Portal A Crítica* no ano de 2023. Os objetivos específicos são: 1) Discutir sobre o papel do jornalismo diante da questão ambiental na Amazônia; 2) Avaliar a produção de conteúdos de notícias sobre questões ambientais na Amazônia, divulgadas pelo *Portal A Crítica* no *Instagram*; e 3) Identificar os desafios e perspectivas, do referido portal, no fazer jornalístico e na tematização das expressões da questão ambiental na Amazônia, vislumbrando caminhos necessários para um “jornalismo da floresta”. Para alcançar os objetivos pretendidos, a metodologia será baseada nos conceitos e critérios do autor Laurence Bardin. Os dados analisados constaram de material coletado das reportagens e conteúdos produzidos pelo portal e das postagens reproduzidas no *Instagram* no ano de 2023. O estudo conclui que é fundamental fortalecer um jornalismo ambiental sensível, plural e considerando os mais diversos territórios amazônicos, especialmente diante dos desafios enfrentados pela Amazônia contemporânea e pelo capitalismo. A pesquisa aponta que as mídias alternativas, aliadas às redes sociais, podem ser fundamentais para o fortalecimento de um jornalismo ambiental mais democrático, plural e comprometido com os direitos socioambientais e com as vozes dos amazônidas.

Palavras-Chave: Sociedade, Ambiente, Jornalismo, Mídias Sociais, Jornalismo da Floresta

ABSTRACT

This study analyzes the relationship between journalism and environmental issues in the Amazon, based on the study of a news portal's profile on the social network *Instagram*. The research is grounded in the understanding that environmental problems in the region are intrinsically linked to social issues, directly affecting traditional populations and the ways of life of Amazonian communities. The general objective of the research is to analyze how journalistic content addresses the expressions of environmental issues in the Amazon, focusing on the *A Crítica Portal* in the year 2023. The specific objectives are: 1) to discuss the role of journalism in the face of environmental issues in the Amazon; 2) to evaluate the production of news content about environmental matters in the Amazon published by the *A Crítica* portal on *Instagram*; and 3) to identify the challenges and perspectives faced by the portal in its journalistic practices and in addressing environmental issues in the Amazon, envisioning the necessary paths toward a "journalism of the forest." To achieve these objectives, the methodology will be based on the concepts and criteria proposed by Laurence Bardin. The data analyzed consist of material collected from reports and content produced by the portal, as well as posts shared on *Instagram* throughout 2023. The study concludes that it is essential to strengthen an environmental journalism that is sensitive, plural, and attentive to the diverse territories of the Amazon, especially in the face of the challenges posed by contemporary Amazonian realities and capitalism. The research also highlights that alternative media, in combination with social networks, can play a crucial role in promoting a more democratic, plural, and socio-environmentally committed journalism that amplifies the voices of Amazonian peoples.

Keywords: Society, Environment, Journalism, Social Media, Forest Journalism

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Indicador/Tema: Seca e fumaça

QUADRO 2 – Indicador/Tema: Meio ambiente

QUADRO 3 – Indicador/Tema: Política

QUADRO 4 – Legendas e formatos

QUADRO 5 – Fontes de informação

QUADRO 6 – Narrativas e produção

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I - JORNALISMO E MEIO AMBIENTE NA AMAZÔNIA: a questão da dinâmica do capital e a degradação ambiental.....	14
1.1 A Amazônia no pensamento social brasileiro: conversas preliminares.....	14
1.2 A questão ambiental na Amazônia e a dinâmica de expansão do capital.....	19
1.3 Jornalismo, meio ambiente e as expressões da questão social: um debate necessário.....	24
1.3.1 Jornalismo ambiental na Amazônia.....	24
1.3.2 Jornalismo e questão social: as expressões da questão ambiental.....	28
CAPÍTULO II - AMAZÔNIA E A QUESTÃO AMBIENTAL NO <i>INSTAGRAM</i>: análise das matérias jornalísticas do <i>Portal A Crítica</i>.....	35
2.1 Os influxos das novas mídias digitais.....	35
2.1.1 Novas tecnologias, redes sociais e seus impactos.....	37
2.1.2 Hipermídia e o mundo real e digital.....	41
2.2 <i>Instagram</i> , uma mídia jornalística.....	43
2.3 A notícia no <i>Instagram</i> do <i>Portal A Crítica</i>	47
2.4 As expressões da questão ambiental: uma análise das matérias jornalísticas.....	65
CAPÍTULO III – A QUESTÃO AMBIENTAL E O FAZER JORNALÍSTICO DO <i>PORTAL A CRÍTICA</i>: os desafios para um “jornalismo da floresta”.....	67
3.1 O jornalismo e as novas narrativas na mídia de massa.....	69
3.1.1 Narrativas indígenas na mídia.....	72
3.2 Entendendo o “Jornalismo da Floresta”: uma crítica ao jornalismo tradicional.....	73
3.3 O fazer jornalístico do <i>Portal A Crítica</i> e os desafios de um “Jornalismo da Floresta”.....	79
3.3.1 A Amazônia e as possibilidades de um “Jornalismo da Floresta”	87
3.3.2 “Jornalismo da Floresta” na Amazônia: uma urgência, um desafio.....	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS.....	95
ANEXO 1 – Quadro/matérias produzidas – seis primeiros meses/2023.....	102
ANEXO 2 – Postagens do <i>Instagram</i> do <i>Portal A Crítica</i>	112
ANEXO 3 – Lista de links do <i>Instagram</i> do <i>Portal A Crítica</i>	126
ANEXO 4 – Lista de reportagens reproduzidas do <i>Portal A Crítica</i>	128

INTRODUÇÃO

A Comunicação Ambiental incorpora todas as atividades voltadas para a divulgação e promoção da causa ambiental. Todavia, segundo Bueno (2007), o Jornalismo Ambiental se mantém vinculado a um sistema de produção jornalístico. Tendo esta premissa, é importante lembrar das questões ambientais na Amazônia que são notícias nos veículos de comunicação de massa. Assuntos que também possuem impacto na sociedade e na vida dos amazônidas.

As questões ambientais sobre temas relacionados à sustentabilidade, crises ambientais como emergências climáticas, desmatamento, queimadas, aquecimento global, enchentes, estiagem e outras, além de políticas públicas ambientais, dados sobre desmatamento e queimadas e outros temas, atualmente, são levadas ao conhecimento da população também por meio dos portais noticiosos como o *Portal A Crítica* que possuem repercussão no estado do Amazonas. Além destes, as redes sociais digitais também contribuem para o aumento deste alcance, visto que são uma extensão dos portais na internet e atingem diferentes públicos que se utilizam das plataformas digitais, como o *Instagram*.

Fato é que há uma lacuna referente a uma maior divulgação de notícias e fatos sobre meio ambiente e sustentabilidade no que diz respeito às comunidades tradicionais, a pesquisas científicas, a fatos do cotidiano, a ações desenvolvidas pelos governos, mas também por organizações não-governamentais, e sobre dar visibilidade às vozes dos povos que vivem na floresta. Esta lacuna precisa ser explorada nesse campo e nesta localidade: a Amazônia amazonense, que compreende o território localizado dentro do estado do Amazonas.

A Amazônia possui outros territórios compreendidos pela Amazônia Legal que engloba a totalidade de oito estados (Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins) e parte do estado do Maranhão. Segundo dados do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea, ano 2008), a Amazônia ocupa 49% do território nacional e se estende também pelo território de oito países vizinhos.

Tanto a comunicação como o jornalismo ambiental, abrangendo termos como divulgação, difusão e a própria popularização do conhecimento da e na Amazônia amazonense fazem parte de um roteiro histórico que teve seu início, apogeu e declínio, necessitando de urgente retomada e de fortalecimento. E para tal, a pesquisa propõe contribuir com um olhar sobre isso a partir da análise de conteúdos, conforme proposto a seguir, a hipótese de que a divulgação de conteúdos sobre Amazônia foi afetada pelo negacionismo de notícias sobre a questão ambiental.

Além disso, a pesquisa pretende apontar para uma maior democratização e popularização da pauta ambiental na Amazônia que trata assuntos referentes a questões ambientais como foco de notícias a serem divulgadas nos veículos de comunicação de massa. Além disso, o estudo traz a proposta de estudar e estabelecer mecanismos para a popularização de um “Jornalismo da Floresta”, que contemple vozes amazônidas, como ribeirinhos, indígenas, quilombolas, ativistas e pesquisadores da região.

Por isso, o estudo sobre o “Jornalismo e Questão Ambiental na Amazônia” surge em um contexto em que há uma maior atenção para notícias relacionadas a temas como sociedade, política, economia e noticiário policial, em contrapartida a falta de profissionais especializados na cobertura ambiental nos veículos de comunicação de massa, como no portal analisado na pesquisa.

Sendo assim, nota-se que a problematização da pesquisa se refere a qual Amazônia está sendo abordada nas notícias que são veiculadas sobre a questão ambiental como um retrato ou expressão da Amazônia Amazonense, que será analisada no decorrer deste estudo a partir de coleta e análise de dados das reportagens reproduzidas no *Instagram* do *Portal A Crítica*. Ademais, também é necessário observar as notícias no ano de 2023, sendo o primeiro ano de mandato do atual presidente Luís Inácio Lula da Silva e de reeleição do Governador do Amazonas Wilson Lima.

A escolha deste período para o estudo busca analisar como o negacionismo ambiental afetou a divulgação de notícias sobre a Amazônia Amazonense no referido ano e como as políticas públicas do Governo Federal afetaram o conteúdo das notícias sobre questões ambientais nesta região. Além disso, pode ser feita uma correlação com as políticas públicas adotadas pelo Governo do Estado do Amazonas no referido ano, para mostrar um panorama de como os governos trataram as questões ambientais na Amazônia do ponto de vista político e governamental.

De outro modo, foi avaliado e analisado como a questão ambiental é noticiada no *Instagram* do *Portal A Crítica* a partir de uma metodologia qualitativa descritiva e explicativa, a qual abordou a causa das notícias veiculadas nesta mídia digital. A pesquisa constou de coleta e análise qualitativa das matérias jornalísticas reproduzidas nas postagens do *Instagram* no ano de 2023 pelo portal de notícias. Também foi realizado estudo sobre narrativas, conteúdos, fontes e formatos utilizados para a divulgação destas notícias nas redes sociais. Além disso, serão discutidos os impactos da questão ambiental na Amazônia do ponto de vista dos estudos sobre a própria sociedade na Amazônia.

Nosso objetivo geral consistiu numa análise de conteúdos jornalísticos sobre as expressões da questão ambiental na Amazônia, no *Portal A Crítica*, considerando o ano de 2023. Os objetivos específicos, que também se constituíram nos 03 (três) capítulos da dissertação são: 1) Discutir sobre o papel do jornalismo diante da questão ambiental na Amazônia; 2) Avaliar a produção de conteúdos de notícias sobre questões ambientais na Amazônia, divulgadas pelo *Portal A Crítica* no *Instagram*; e 3) Identificar os desafios e perspectivas, do referido portal, no fazer jornalístico e na tematização das expressões da questão ambiental na Amazônia, vislumbrando caminhos necessários para um “jornalismo da floresta”.

Em termos de procedimentos metodológicos, para alcançar os objetivos pretendidos, a análise de conteúdo do *Portal A Crítica* vai ser baseada nos conceitos e critérios do autor Laurence Bardin. Os dados analisados constaram de material coletado das matérias jornalísticas reproduzidas pelo portal no *Instagram* do veículo no ano de 2023.

Também foram estudados os critérios utilizados pelo Jornalismo e pelo Jornalismo Ambiental para produção de notícias como interesse público, serviço, compromisso com a verdade, apuração de fatos, noticiabilidade, imparcialidade e outros que foram determinados e identificados no decorrer da pesquisa. No caso do Jornalismo Ambiental, também serão analisadas as fontes consultadas em cada matéria jornalística, bem como os temas abordados do ponto de vista das questões ambientais.

As consultas aos dados foram feitas de forma on-line, levando em consideração as postagens no *Instagram* relacionadas a matérias da editoria de Meio Ambiente do Portal em 2023. Após a coleta dos dados de todos os temas, foi feita uma filtragem ou escolha dos temas que estavam relacionados às questões ambientais na Amazônia Amazonense, onde elencamos os principais temas para posterior análise de conteúdo.

Esta análise de conteúdo baseou-se no que Bardin (1977), citado por Araújo (2011), denomina de “Polos de Interferência” e recorre de um lado a mecanismos da comunicação como a mensagem (significação e código) e o seu suporte ou canal; do outro, ao emissor e ao receptor. Segundo ela, “a mensagem exprime e representa o emissor”, por exemplo, ao analisar o discurso ambiental. O esquema de análise foi construído da seguinte forma:

Emissor: representado pelas fontes de informação de cada matéria jornalística do *Portal A Crítica* no *Instagram*;

Receptor: representado pela população amazonense, através da repercussão no *Instagram* com relação ao número de curtidas e comentários;

Mensagem: a informação noticiada sobre a questão ambiental, carregando os critérios jornalísticos e do jornalismo ambiental;

Medium (meio): o *Portal A Crítica* e o perfil do portal no *Instagram*.

A metodologia contou ainda com referências bibliográficas que integram áreas de estudos da Sociologia, Comunicação, Jornalismo científico, Jornalismo Ambiental, Meio Ambiente, além das literaturas de olhares múltiplos sobre a Amazônia, configurando uma pesquisa qualitativa interdisciplinar.

A pesquisa baseou-se numa abordagem qualitativa, descritiva e explicativa, com fusão entre a revisão bibliográfica e pesquisa documental a fim de visualizar caminhos e perspectivas para o Jornalismo Ambiental no Amazonas. No Anexo 1, apresentamos uma tabela produzida previamente como uma amostra dos seis primeiros meses do ano de 2023, na qual foi possível verificar matérias produzidas pelo *Portal A Crítica* (organizamos dados de quantidade, título, temática e também os conteúdos produzidos ou reproduzidos no período por outros veículos, que posteriormente passaram pelo filtro e seleção para análise especificamente de temas relacionados à questão ambiental na Amazônia). As matérias jornalísticas foram utilizadas para embasar nosso *corpus* empírico com as principais temáticas reproduzidas no *Instagram* do veículo durante todo o ano de 2023.

CAPÍTULO I

JORNALISMO E MEIO AMBIENTE NA AMAZÔNIA: a questão da dinâmica de expansão do capital e a degradação ambiental

1.1 A Amazônia no pensamento social brasileiro: conversas preliminares

A questão ambiental é reflexo da questão social e da própria sociedade e, portanto, é necessário abordar também o pensamento social na Amazônia. Partindo do pressuposto que o pensamento social da Amazônia é, não raras vezes, apreendido por um grupo de intelectuais dominantes do poder, que reproduzem o discurso de “ocupação” da região amazônica, é necessário destacar a importância de se analisar criticamente os discursos de pensadores externos à realidade amazônica. Também se faz salutar compreender que o pensamento social amazônico é parte do pensamento social brasileiro. Tais constatações surgiriam a partir das leituras e debates empreendidos no âmbito da disciplina “Formação do Pensamento Social na Amazônia”, debate necessário e indispensável que permeia e constitui o Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA).

No Brasil a região tem preeminência na configuração da questão nacional por ser fator definidor de fronteiras, sejam elas econômicas, sociais, políticas, demográficas, culturais. Região significa parte delimitada de um todo e, no sentido aqui expresso, aplica-se prioritariamente às configurações territoriais e ambientais que combinam aspectos sociais, econômicos e culturais. Assim, no pensamento brasileiro o regionalismo ganha dimensões importantes – na literatura, no debate jurídico-administrativo, no ensaísmo político-social – pois está fortemente vinculado à elaboração do(s) projeto(s) nacional(ais), ganhando ênfase no período republicano. Mesmo surgindo em obras de autores individuais a reflexão é produto de debate coletivo e expressa posições de grupos que atuam direta ou indiretamente na política (Bastos; Pinto, 2014, p.14).

Segundo as teorias fundamentais para se compreender tal temática, destacam-se autores e obras como Pierre Bourdieu e sua “Economia das Trocas Simbólicas”; Antônio Gramsci e a “Formação dos Intelectuais”; Roberto Schwartz e “As Ideias Fora do Lugar”; Quentin Skinner e o “Significado e Interpretação na História das Ideias”; Raymond Williams e “A produção social da escrita”; e tantas outras leituras que preparam o terreno para receber a semente de novas ideias, fazer crescer e florescer uma “floresta de conhecimentos” que possam ser frutificados, colhidos e multiplicados.

Outro cerne desta questão do pensamento social brasileiro trata do próprio pensamento pós-colonial. O venezuelano Fernando Coronil (2004), citado no estudo de João Marcelo Ehlert Maia (2010), fala sobre o novo horizonte do “pós-colonial”, ao discutir que no Caribe, América Central e América do Sul existiam reflexões críticas sobre o eurocentrismo. Tal fato é também

determinante para que novas discussões sobre a Amazônia comecem a se formar tendo como cerne as críticas sobre o olhar “estrangeiro” e muitas vezes europeu sobre a região na época de sua ocupação.

Seja qual for a marcação histórico-geográfica, é possível dizer que há, em boa parte da imaginação pós-colonial, uma tentativa de construção teórica que aponte os limites da linguagem e do repertório conceitual da teoria social e política européia. O trabalho de Connell sobre “southern theory” é a expressão síntese desse programa teórico. (...) Essas duas armadilhas seriam a fixação da alteridade e a busca de uma correspondência entre teoria literária européia e poética africana tradicional. Creio que essas advertências podem ser de fundamental valia para o projeto de estabelecer um diálogo entre teoria social e pensamento brasileiro (Maia, 2010, p. 8).

Outro ponto a ser estudado são as obras dos primeiros intelectuais e os registros de seus olhares sobre a Amazônia. Alguns deles são Euclides da Cunha, Arthur Cezar Reis, Djalma Batista, Araújo Lima, Samuel Benchimol e outros intelectuais orgânicos do capitalismo. Leandro Tocantins é parte fundamental desse pensamento e teve releitura de sua obra interpretada pelo professor Odenei Ribeiro, que destaca que a formação sócio-histórica e cultural da Amazônia apresenta um labirinto de relações, processos e estruturas sociais que exigem certa cautela no âmbito das interpretações.

A formação sócio-histórica e cultural da Amazônia é um tema movediço, arriscar-se nesse labirinto de relações, processos e estruturas sociais que erigiram a sociedade regional exige cautela na escolha das vias de acesso teóricas para interpretá-la. Opção essa que, muitas vezes, pode eclipsar os nexos sociais, culturais, políticos e econômicos que atam a região aos processos sócio-históricos nacionais e mundiais. (...) partimos do pressuposto de que o problema da tradição e da modernidade no pensamento de Leandro Tocantins está articulado ao papel intelectual por ele exercido na organização diretiva da vida social e cultural regional (Ribeiro, 2015, p.29).

No “marxismo que vem de dentro”, ainda é possível analisar algumas questões sobre a Amazônia do ponto de vista da produção, do trabalho e dos direitos individuais. Luiz Fernando de Souza Santos (2018) em sua tese de doutorado intitulada “*Entre o Mágico e o Cruel: A Amazônia no Pensamento Marxista Brasileiro*” afirma que, para os autores da produção sociológica deste pensamento, fica evidente que a Amazônia não pode ser compreendida como um relicário de formações sociais, econômicas e culturais pretéritas que sobreviveram apesar do avanço do capital. Há muitos outros aspectos que devem ser levados em consideração ao se pensar a Amazônia, citando Marilene Corrêa da Silva Freitas, a “Amazônia põe questões singulares, é certo, mas nunca isoladas. (...) Na era da globalização, a região passa a desafiar o pensamento sociológico a questionar os quadros de interpretação até então vigentes” (Santos, 2018, p.11). Ou seja,

A Amazônia pode ser vista como uma formação econômico-social produzida pela dinâmica do capitalismo e, portanto, sujeita aos processos de expansão e crise do capital. Vários momentos e movimentos da realidade da Amazônia indicam que esta perspectiva é fecunda, mas não isenta do confronto com alguns problemas. O primeiro deles, e o mais amplo, é de como conduzir uma reflexão sobre a Amazônia no quadro de fenômenos e processos sociais globais, sem cair nos rótulos nacionalistas, regionalistas ou internacionalistas. Dizendo de outro modo, como lidar com a interpretação do específico, do particular, do diverso num quadro articulado por sistemas e processos de grande alcance e intensidade como no caso de relações econômicas e culturais mundializadas (Freitas, 2000, p. 2).

Euclides da Cunha, autor de *Os Sertões*, em sua obra inacabada intitulada *Um Paraíso Perdido*, com textos produzidos quando estava a serviço do Itamaraty na demarcação da fronteira entre Brasil e Peru em 1905, apresenta herança textual sobre a região. Sendo um autor muito estudado, não é difícil encontrar referência à imagem que tinha sobre a região amazônica de uma “terra sem história com seu povo errante”.

A volubilidade do rio contagia o homem. No Amazonas, em geral, sucede isto: o observador errante que lhe percorre a bacia em busca de variados aspectos sente, ao cabo de centenas de milhas, a impressão de circular num itinerário fechado, onde se lhe deparam as mesmas praias ou barreiras ou ilhas, e as mesmas florestas e igapós estirando-se a perder de vista pelos horizontes vazios; o observador imóvel que lhe estacione às margens, sobressalta-se, intermitentemente, diante de transfigurações inopinadas. Os cenários, invariáveis no espaço, transmudam-se no tempo. Diante do homem errante, a natureza é estável; e aos olhos do homem sedentário que planeie submetê-la à estabilidade das culturas, aparece espantosamente revolta e volúvel, surpreendendo-o, assaltando-o por vezes, quase sempre afugentando-o e espavorindo-o. A adaptação exercita-se pelo nomadismo. Daí, em grande parte, a paralisia completa das gentes que ali vagam há três séculos, numa agitação tumultuária e estéril (Cunha, 2000, p.10).

Um horizonte significativo trazido à tona por Renan Freitas Pinto (2005) diz respeito ao processo de formação do pensamento que construiu a Amazônia como um espaço natural e cultural. Segundo ele, vem “ao longo dos últimos cinco séculos, produzindo e continuamente reinventando, a partir de um conjunto relativamente limitado de ideias”. O autor reforça que esse processo de formação do pensamento social envolve campos da ciência e do pensamento, por isso a gama de conhecimento de diversas áreas também é fator positivo.

Um outro aspecto certamente digno da atenção de toda investigação em torno do desenvolvimento da história das ideias sobre a Amazônia é que esse processo tem envolvido uma gama bastante diferenciada de campos da ciência e do pensamento, mas tem se concentrado de forma especial em áreas como a da história natural, da geografia, da antropologia. O aspecto, entretanto, de maior interesse é aquele revelado por esse tipo de prospecção em torno de quais as ideias matrizes que foram historicamente se configurando para constituir esse núcleo a partir do qual vem sendo geradas as noções diferenciais entre a civilização e a barbárie, ou seja, mapear, no

trajeto do pensamento moderno, as origens das noções que separaram o mundo por meio de noções preconceituosas (Pinto, 2005. p. 97).

É necessária uma reflexão e discussão maior sobre o pensamento, cultura e identidade brasileira a partir das leituras, mas ainda assim a necessidade de uma definição e apropriação por parte de pesquisadores, estudiosos e habitantes da Amazônia sobre o que ela é. A comunicação também contribui para a construção desse olhar sobre a região e na formação de criadores, difusores e consumidores de ideias que defendem que o mundo passa por transformações e que as linguagens estão cada vez mais múltiplas e diversas.

Pode-se refletir a partir de tais discussões que o povo amazônida precisa nutrir o sentimento de pertencimento e criar seus próprios conceitos e pensamentos sobre ela. Talvez seja ainda importante uma maior articulação de pesquisas científicas e saberes tradicionais, movimento que pode auxiliar a unificar o pensamento que os amazônidas podem ter sobre sua “casa” ou local de origem, bem como divulgar e comunicar esse “olhar” ou pensamento para o outro.

O debate da disciplina sobre a “Formação do Pensamento Social da Amazônia” trata ainda dos relatos de navegantes pelos rios da região. Uma das referências registradas por Iraídes Caldas diz respeito à expedição capitaneada por Luiz e Elizabeth Agassiz para conhecer regiões brasileiras.

As tomadas de notas foram feitas por Elizabeth, cujo olhar realista rendeu um dos registros históricos mais importantes sobre a cultura, costumes e povos de uma parte da Amazônia de meados do século XIX. Chama atenção os registros sobre as mulheres da região e a desconstrução de alguns preconceitos sobre elas como se fossem “oferecidas”. Elizabeth relata que nunca viu mulher “nesses divertimentos dos índios, demonstrar faceirice provocante; é o homem que solicita, ele se atira aos pés da dama sem lhe arrancar um gesto ou um sorriso; detêm-se, finge que pesca, e a sua pantomima indica que está puxando a moça” (Agassiz, 2000, p. 163).

Elizabeth Agassiz enfatiza o trabalho realizado pelas indígenas, narrando em uma ocasião que “(...) a vida dessas índias ¹ me parece invejável” (p. 260), comparando à vida das mulheres brasileiras e senhoras das pequenas cidades e vilas que conhecera, do Rio de Janeiro ao alto Solimões, no Amazonas. A obra, que traz relatos observatórios, vivências e experiências culturais, abrange uma parte importante do que se pensa sobre a formação do pensamento social

¹ O termo “índias” é utilizado pela autora e foi utilizado em sua citação literal.

na região amazônica. “Ou seja, a índia ² tem o exercício salutar e o movimento ao ar livre; conduz sua piroga ³ no lago ou no rio ou percorre as trilhas das florestas, vai e vem livremente; tem suas ocupações de cada dia, cuida da casa e dos filhos, prepara a farinha e a tapioca, seca e enrola o fumo, enquanto os homens vão pescar ou caçar”. (Agassiz, 2000, p.167).

Tais considerações da autora na permanência da equipe na cidade amazônica em crescimento chamada Manaus incluem ainda um olhar sobre os indígenas, descrevendo a admirável sintonia desses habitantes com seu meio, e particularmente, quanto às indígenas, Agassiz (2000) narra o que ouvira delas: “Quase nunca as crianças sabem alguma coisa sobre os seus pais”. Esses relatos trazem à tona também outro aspecto da sociedade naquela época em relação à estrutura familiar e à potência das mulheres indígenas na região amazônica em questão.

Em sua obra “Metamorfoses da Amazônia”, Marilene Corrêa da Silva Freitas (1997, p. 1) inicia abordando outra questão social na Amazônia que diz respeito à globalização, em que, segundo a autora, a maioria dos estudos faz referência ao “esquecimento da região”. “A Amazônia é um território datado e situado como é uma ideia, uma fabulação e uma utopia. A questão do esquecimento pode estar relacionada ao desenvolvimento tardio referenciado sobre a região”.

“(…)o fato de que a região continua despertando preocupação quanto ao seu desenvolvimento deve-se mais à intensidade dos impactos de suas formas de ocupação do que ao esquecimento propriamente dito(…) vários momentos e movimentos na realidade amazônica indicam que esta perspectiva é fecunda, mas não isenta do confronto com alguns problemas. O primeiro deles, e o mais amplo, é de como conduzir uma reflexão sobre a Amazônia no quadro de fenômenos e processos sociais globais, sem cair nos rótulos “nacionalista”, “regionalista” ou “internacionalista”. Dizendo de outro modo, como lidar com a interpretação do “específico”, do “particular”, do “diverso” num quadro articulado por sistemas e processos de grande alcance e intensidade como no caso de relações econômicas e culturais mundializadas. Em grande medida, todo o esforço da reflexão pode traduzir-se na seguinte pergunta: como a dialética do singular e do universal pode ser enriquecida pelos fatos da globalização, uma vez que nem a metamorfose do local em global, nem a redução do global no específico acrescentam, por si sós, clareza aos processos de mudança social em curso na Amazônia?” (Freitas, 1997, p. 2).

2 O termo “índia” é utilizado pela autora e foi utilizado em sua citação literal.

3 Em culturas indígenas, “piroga” refere-se a um tipo de embarcação, geralmente feita de um único tronco de árvore escavado, utilizada para navegação em rios e lagos. A “piroga”, nome comumente atribuído pelos indígenas às canoas, pode datar como tendo sido fabricada entre 1480 e 1660, isto é, entre os séculos XV e XVII. Em **Memória do Transporte Brasileiro**. Acesso em 5 de Julho de 2025 e disponível em: <https://memoriadotransporte.org.br/galeria/as-pirogas/>

Na Amazônia, os ciclos e interciclos históricos remontam a períodos de apogeu econômico ou de crise, o que impacta nas questões sociais e ambientais. A Amazônia pode ser vista como uma formação econômico-social produzida pela dinâmica do capitalismo. Outra constatação da autora é que a Amazônia sempre esteve na lembrança dos atores sociais, “sejam estes representados pela força de processos de mudança ou por indivíduos privilegiados” (Freitas, 1997, p.2).

1.2 A questão ambiental na Amazônia e a dinâmica de expansão do capital

O modo de produção capitalista rompe com todas as formas práticas construídas pelas comunidades primitivas, que gerenciavam o bem natural. A natureza é apropriada e capitalizada pelo referido modo de produção, no qual a sociedade burguesa ignora a relação metabólica ao passo que utiliza os meios naturais de maneira irracional, não respeitando os seus limites. Partimos do pressuposto de que a questão ambiental consiste num “conjunto das manifestações da destrutividade ambiental, resultantes da apropriação privada da natureza, mediadas pelo trabalho humano” (Silva, 2010, p.143).

Nesse sentido, o debate que trazemos à superfície exige de nós uma perspectiva histórico-crítica, que se articula à análise da sociabilidade capitalista. Fundamentados nas contribuições de Silva, a questão ambiental pode ser evidenciada como

um conjunto de deficiências na reprodução do sistema, o qual se origina na indisponibilidade ou escassez de elementos do processo produtivo advindos da natureza, tais como matérias-primas e energia e seus desdobramentos ideopolíticos. Em outras palavras, trata-se da incapacidade do planeta de prover, indefinidamente, os recursos necessários à reprodução da vida, em condições históricas e sociais balizadas pelo alto nível de produção e consumo (Silva, 2010, p. 67).

No capitalismo, a relação da sociedade com a natureza está baseada na separação: indivíduos de um lado e natureza de outro. Onde o homem é proibido de conviver com a natureza, áreas e reservas naturais são isoladas com seu uso restrito e sem a presença do homem, generalizando a condição da propriedade privada, privando a maior parte dos homens do acesso aos recursos naturais. “[...] privar é tornar um bem escasso e, dessa forma, numa sociedade que tudo mercantiliza, um bem só tem valor econômico se é escasso. O princípio da escassez, assim como a propriedade privada que lhe é essencial, é que comanda a sociedade capitalista e suas teorias liberais de apropriação dos recursos naturais” (Gonçalves, 2004, p. 67). As expressões da questão ambiental como categorias de análise são indicadas de formas múltiplas, diversas e plurais, tais como desmatamento, aquecimento global, degradação dos solos, envenenamento das águas e do ar; vislumbrando, nesse sentido, o capitalismo como principal vetor da

degradação massiva ambiental. As referidas manifestações são reflexos da relação destrutiva do metabolismo socioambiental entre homem e natureza. Em seu tempo histórico, Marx (2013) já apontava a tendência de que o sistema capitalista assumiria um caráter destrutivo, que implicaria na sobrevivência das futuras gerações e do próprio meio ambiente. Ao se perceber as contradições ligadas à relação entre homem e meio ambiente, logo notamos as inúmeras manifestações da desigualdade social, resultantes dessas contradições, que acentuam a destruição ambiental e afetam diretamente a estrutura social.

Como frisa Silva (2010), a “questão ambiental” é continuamente determinada pelo capital, sendo considerada como desdobramento da “questão social” do ponto de vista que a destrutividade da natureza é vivenciada pelas populações de maneira desigual – tendo um peso maior sobre as camadas mais pobres da sociedade, uma vez que o agravamento das problemáticas ambientais não se dá somente pelo uso inadequado dos recursos naturais, mas, sobretudo, pela privatização do meio ambiente e distribuição desigual dos bens ambientais, cabendo citar ainda o racismo ambiental, que resulta na desigualdade dos impactos ambientais e afeta comunidades mais vulneráveis especialmente constituídas de minorias étnicas e pessoas de baixa renda.

Outra compreensão da “questão social” no capitalismo nos faz aprofundar ainda mais as expressões da questão ambiental e suas implicações. Iamamoto afirma que a questão social se refere ao

[...] conjunto das expressões das desigualdades sociais engendradas na sociedade capitalista madura, impensáveis sem a intermediação do Estado. Tem sua gênese no caráter coletivo da produção, contraposto à apropriação privada da própria atividade humana, o trabalho - das condições necessárias à sua realização. É indissociável da emergência do trabalhador livre, que depende da venda da sua força de trabalho como meio de satisfação das suas necessidades vitais (Iamamoto, 2001, p. 16-17).

A “questão social” envolve questões econômicas, políticas, sociais e ambientais e, por este motivo, não pode ser desvinculada do processo histórico das relações sociais. Considerada como expressão da sociedade regida pelo capital, a “questão social” se manifesta de diferentes formas – “fome, pobreza, falta de condições de moradia e saneamento básico, desemprego, subemprego, falta de terra, ausência de direitos trabalhistas, etc.” (Santos, 2016, p. 3-4). Neste sentido, as questões ambientais estão predominantemente relacionadas aos processos sociais, e não encerram à fauna e flora (Sauer & Ribeiro, 2012). De certo modo, não é possível desvincular a questão ambiental como uma expressão da questão social.

Ficou muito visível no governo Bolsonaro, na figura do Estado neoliberal, a não preocupação com o meio ambiente (ampliando os conflitos socioambientais), mas sim em satisfazer os interesses do capital e com a ampliação do lucro. Os interesses do capital e do Estado estão na razão contrária à preservação ambiental.

Portanto, diante das elucidações, consideramos, então, que a questão ambiental se configura como reflexo das profundas contradições do modo de produção vigente. Nas afirmações de Silva (2010), “[...] tanto a depredação ambiental quanto a exacerbação da “questão social” compõem uma unidade estrutural [...] integrando um mesmo movimento destinado a assegurar as bases materiais e simbólicas do processo de acumulação do capital” (p. 231).

É de responsabilidade do Estado e da coletividade garantir que todos tenham direito e acesso a um meio ambiente equilibrado. No capitalismo isso vai contra a sua essência e tendência destrutiva. Há exemplos de diversas situações que envolvem a questão ambiental porque o Estado é omissor, uma vez que se constituiu instrumento de dominação de classe (está a serviço da classe dominante). Em termos de Brasil, a expressão da degradação ambiental não é recente, desde muitos anos ela vem se apresentando através de outras expressões como a poluição dos rios, do desmatamento, das queimadas, da contaminação do solo, da perda da biodiversidade e poluição do ar, da escassez de água potável, da seca, das inundações etc.

Na contextura da Amazônia, detentora de cenário para pesquisas de diversas áreas do conhecimento, ela também faz parte de um contexto no qual se discute as questões ambientais da região, seja sobre o bioma, sociedade, índices de degradação ambiental, políticas públicas, ações socioambientais, fenômenos como a cheia e a seca etc. Enfim, há uma gama de assuntos que podem ser explorados e abordados pela imprensa e pelos veículos de comunicação de massa quando se trata de meio ambiente.

De acordo com Sampaio (2022, p. 114), não se pode ignorar a pauta da questão ambiental porque ela reflete nos interesses nacionais e no bem-estar dos cidadãos. As consequências provenientes da ignorância a respeito do meio ambiente podem ser irreversíveis, segundo o autor. A Amazônia se insere nesse campo mais amplo da questão ambiental, o que leva a interesses inclusive de outros países, no que diz respeito às potencialidades econômicas da região.

As questões ambientais na Amazônia tratam não só da preservação e de suas potencialidades, mas também de questões negativas como os crimes ambientais relacionados ao desmatamento e às queimadas, à exploração ilegal de atividades de mineração, ou da caça e

pesca ilegal, tráfico de animais silvestres, garimpo e outras temáticas que permeiam às questões relacionadas à região e como elas são abordadas pela mídia de massa, o que será avaliado no decorrer desta pesquisa.

Outra questão necessária de ser estudada diz respeito ao interesse estrangeiro na questão ambiental da Amazônia, incluindo países como Noruega, Alemanha e França. De acordo com Sampaio (2022, p. 117-118), dados do site *O Eco* relacionados às doações do Fundo Amazônia revelam que estes são provenientes em sua maior parte do governo da Noruega (93,8%) e Alemanha (5,7%). Segundo o autor, isso faz com que os países europeus sejam os principais contribuintes para o fundo atualmente.

Os noruegueses alegam que o principal motivo que os leva a investir tão pesado na preservação amazônica dialoga com a própria existência de seu Estado: o derretimento das calotas polares causado em parte pela emissão de gases provenientes da queima florestal faria com que a Noruega fosse um dos primeiros países a sofrer consideravelmente com o aumento do nível do mar. A Alemanha, por sua vez, apresenta uma retórica de grande contribuinte da causa ambiental pelo mundo, participando de vários programas que têm por objetivo a preservação da fauna e flora espalhadas pelos demais continentes, além de ter um histórico de ajuda ao Brasil na causa amazônica desde os anos 1990, com o Programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais (PPG7) (Prizibiszki, 2019 apud Sampaio, 2022, p. 117-118).

Outra questão que diz respeito ao caso norueguês é que apesar de o país investir um valor considerável no Fundo Amazônia, também há um montante de investimentos em empresas de mineração na Amazônia, por exemplo. Sampaio (2022), lembra que a Noruega também investe quase cinco vezes mais do que é doado para o fundo em atividades empresariais ligadas ao ramo da mineração na Amazônia. “A empresa de mineração Hydro, que é norueguesa e conta com o capital estatal da Noruega como maior parte de suas ações societárias, de acordo com Senra (2017), foi e é uma das principais exploradoras do meio ambiente amazônico por meio de suas atividades nas últimas décadas, segundo o geógrafo norueguês Torkjell Leira (Krugler, 2020 apud Sampaio, 2022, p. 118).

Quando se fala em questão ambiental, pode-se traçar também um paralelo com a própria questão política como no caso retratado pelo autor ao citar que a Noruega acabou retirando sua participação no Fundo Amazônia durante o Governo do presidente Jair Messias Bolsonaro, em 2019.

Apesar dessa contradição das ações norueguesas em relação à Amazônia, em agosto de 2019 o país cortou o fornecimento anual de divisas para o Fundo Amazônia por conta da negligência do Brasil. A justificativa foi a incapacidade do governo brasileiro de reduzir as emissões de gases poluentes provenientes do desmatamento e o desmantelamento de mecanismos de governança para a proteção ambiental empreendidos pelo Ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles e pelo

Presidente Jair Bolsonaro. O congelamento da verba é justificável nesses termos, uma vez que o governo brasileiro não apresenta um comportamento minimamente preocupado em levar à frente medidas preventivas contra o desmatamento. O problema dessa situação, entretanto, é a postura do Brasil, que voluntariamente renegou um fundo que é exclusivamente administrado pelo país; dificultou relações diplomáticas com Noruega, Alemanha e até mesmo com a França; ameaçou o acordo entre o Mercado Comum do Sul (Mercosul) e a União Europeia (UE), que já deixou de ser ratificado por inúmeros países pelo desgoverno brasileiro em relação à pauta ambiental e; não apresenta projetos que busquem a preservação da floresta, muito pelo contrário: é bem permissivo para a entrada do capital internacional via corporações multinacionais que atuarão na exploração mineral na Amazônia, contribuindo para seu desmatamento (Sampaio, 2022, p. 118).

Este caso apenas exemplifica uma questão ambiental que também tem reflexo não só na questão política, mas também na questão social como veremos no decorrer do próximo capítulo. Mesmo assim, vale ressaltar como estas questões ambientais também impactam na questão midiática, no que diz respeito à cobertura da imprensa e como esses assuntos ganham ou não repercussão na grande mídia e nos veículos de comunicação de massa.

No caso do portal de notícia *A Crítica* que será avaliado no decorrer da pesquisa em âmbito local, diga-se de repercussão, no estado do Amazonas, é notória a presença de influências externas na divulgação destes conteúdos, seja do ponto de vista dos interesses econômicos e políticos de proprietários de veículos de comunicação, da diminuição da importância da divulgação da pauta ambiental, do desconhecimento sobre as questões ambientais que permeiam a região, da concorrência com outros assuntos no noticiário, do descrédito em relação aos fatos que são noticiados sobre a Amazônia, da audiência quando se fala em Amazônia e de como esses assuntos são repercutidos nas redes sociais.

O conteúdo jornalístico de veículos de comunicação de massa como os portais de notícias sofre influência externa quando não há a missão primordial de serviço noticioso. As questões ambientais sobre a região vez ou outra são abordadas na mídia de forma a favorecer determinados governos ou são utilizadas como cunho político negativamente ou positivamente a depender da ocasião. Segundo a jornalista Marcela Rosa (2014, p. 173), ao analisar o conteúdo sobre meio ambiente divulgado em rede nacional pela emissora de TV SBT, “a prioridade das matérias sobre Amazônia é sempre factual e na maioria das vezes refere-se a assuntos negativos”.

Boa parte dos temas que foi ar no período analisado no SBT enfatiza o fenômeno, a tragédia, o pitoresco etc. Foram eles: o registro de chuvas, o lixo na cidade de Islândia, o fenômeno das terras caídas e as doenças da cheia (...) A visão mistificada da região sobrepõe-se a análises realísticas em relação ao bioma. Assim, o que se vê nos resultados é que a maioria das matérias veiculadas em rede nacional reforça o estigma de lugar subdesenvolvido, afetado por mazelas e com população predominantemente

indígena ou ribeirinha. Morin (1977), sobre esse aspecto, pondera que existe toda uma homogeneização de conteúdos para tornar assimiláveis a um homem médio ideal quaisquer assuntos. Este homem médio trabalharia com sua razão perceptiva no sentido de decifrar possibilidades (Rosa, 2014, p. 173-174).

A teoria do newsmaking também pode ser evidenciada durante esta seleção de notícias. “O conceito estabelece uma rotina, ou seja, há um processo de produção da notícia planejado como uma indústria. Os veículos de informação cumprem tais tarefas no processo: i) seleção (reconhecer o que é notícia), ii) produção em si (elaborar formas de relatar os assuntos suas abordagens/angulação) e iii) veiculação” (Rosa, 2014, p. 175). Torna-se cada vez mais necessário estabelecer a relação entre as questões ambientais e a divulgação dessas questões de forma correta, coerente e convincente.

1.3 Jornalismo, meio ambiente e as expressões da questão social: um debate necessário

1.3.1 Jornalismo ambiental na Amazônia

Durante o final dos anos 1960 e princípios dos anos 1970, a mídia aumentou visivelmente o espaço dado ao meio ambiente. Nesse período, “pela primeira vez, as questões ambientais foram vistas pelos jornalistas na Grã-Bretanha e na América como uma categoria principal de notícias” (Hannigan, 1995, p. 85). A mudança de consciência deveu-se, em boa parte, pela visão que se teve da Terra a partir da lua, em 1969. Com a imagem do globo terrestre, até então desconhecida e não-imaginada, o meio ambiente ganhou destaque na esfera pública.

Entretanto, depois desse despertar, a cobertura do tema começou a decair. Até os anos 1980, as notícias ambientais continuam a ser específicas e a ter importância apenas local. Hannigan (1995) avalia que só na década seguinte as histórias sobre o tema ganham um caráter mais global e complexo. No Brasil, acompanhando os rumos mundiais, o tratamento dos fatos ambientais também demorou a ser considerado.

A cobertura ambiental brasileira teve destaque após eventos ambientalistas de grande porte como a RIO 92. Nesse período, houve debates na sociedade sobre temas de interesse do meio ambiente a mídia mobilizou-se a favor da causa ambiental. Após os anos 1990, os repórteres buscam a especialização em jornalismo ambiental. Mas ainda há muitos caminhos a se explorar e ainda a maior presença de notícias com a temática socioambiental na mídia brasileira.

Para Schwaab (2018, p. 69), a especialização na área ambiental por parte dos jornalistas ainda é uma pauta que precisa ser pacificada entre os profissionais da área. “Nos cursos de

jornalismo e nos manuais de reportagem, tratar do ambiental como especialização, como perspectiva específica da compreensão da realidade social, ou, principalmente, entender que o ambiental também é contexto em uma pauta, nem sempre é algo pacificamente aceito”.

E talvez os bons exemplos de reportagem sejam mais fruto de iniciativa de jornalistas do que de uma sólida proposta de um periódico, essa é uma investigação a ser feita. As Diretrizes Curriculares do Ministério da Educação para os cursos superiores de Jornalismo, todavia, citam o tema ambiental como obrigatório na formação. Não é difícil reconhecer: o que movimenta a defesa da abordagem do ambiental pelo jornalismo é a mesma essência que perpassa a reflexão sobre o bom Jornalismo, feito com vigor, ética e manejo apurado da informação, esteticamente bem composto e ciente do papel social que um trabalho rigoroso vem a cumprir (Schwaab, 2018, p. 70).

Uma das discussões é se o jornalismo ambiental seria, de certa forma, ativista ou militante, e como a imparcialidade já foi vencida pelos jornalistas - apesar da procura pela objetividade como já descrito - resultar na compreensão da lógica socioambiental, como bem cita Schwaab (2018).

Terminar abrindo uma valiosa cartela de elementos que tocam no bem comum, na cidadania e na lógica socioambiental, como forma de compreender o impacto da ação humana em qualquer conexão local-global que pensemos em fazer. Estamos falando de cidadania e de justiça. Isso perpassa saúde, educação, história, relações de poder, legislação, sobrevivência, diversidade, respeito e outras tantas temáticas daí derivadas. Como já disse o jornalista André Trigueiro, referência no assunto, não há terreno para neutralidade ao se falar de poluição, do mesmo modo que nenhum jornalista defenderia a corrupção. (Schwaab, 2018, p. 10).

É importante ressaltar também a importância do jornalismo para a vida em sociedade e quando se trata de meio ambiente, o papel social da prática jornalística por conta dos limites ultrapassados e dos alertas constantemente ignorados por boa parte da sociedade sobre a preservação e conservação dos recursos naturais existentes no país e na Amazônia. Alertas de preocupação e apelos científicos são também pauta de conteúdos jornalísticos.

Segundo Schwaab (2018, p.72), “a integridade ambiental e a dignidade humana passam por ataques diários”. Ele alega que essa busca pela abordagem multifacetada e respeitosa de um exercício intelectual pessoal e coletivo pode ser chamada de Jornalismo Ambiental ou entender esse gesto como a abordagem com qualidade de temas ambientais no Jornalismo, independentemente de uma editoria específica, “o tema transcende, as temáticas se multiplicam a partir dele”. Ele ainda conclui:

O elo com as Ciências Sociais e Humanas permitiu, mais recentemente, debater que a ambientalização se dá no seio dos paradoxos do contemporâneo, ou seja, o fenômeno da sustentabilidade acontece de forma intrincada com a crescente degradação,

decorrente do alto grau de consumo, cujo crescimento foi exponencial nas duas últimas décadas. Mesmo que apelos a parâmetros de uma vida sustentável se tornem mais visíveis, circulando a necessidade de mudança de padrões, em igual medida as estratégias de mercado podem converter a carência de alteração de lógicas na oferta de um caráter verde a propostas de empresas, produtos e serviços. O ideal da sustentabilidade e a evidência das alterações climáticas, pelo grau de interferência humana em esfera global, são os eixos centrais do debate ao longo dos últimos anos. Nessa vitrine em rede reluzente passam longe os conflitos por terra, a exploração mineral, a biopirataria, os temas da chamada agenda marrom, como o saneamento básico. Resta ao Jornalismo repensar suas práticas enquanto lida com a potencialização das ambivalências e a urgência de soluções e mudanças com resultado (Schwaab, 2018. p. 75).

Outra reflexão diz respeito à relação entre a sociedade e a mídia e como a mídia de massa interfere no dia a dia dos cidadãos. Para o debate público na sociedade moderna, deve ser levado em consideração o impacto da mídia, pois ela molda ou influencia o pensamento do indivíduo. Giddens e Sutton (2017) descrevem que a mídia de massa é vista de forma negativa pela criação de um clima hostil em relação à política. Por outro lado, a mídia global também é vista como aliada da manutenção do estado democrático, por contribuir em combater governos autoritários. Outra questão diz respeito a como o sujeito se vê e se compreende enquanto indivíduo dentro de uma sociedade, a partir da influência da mídia para a manutenção de grupos dominantes.

As mídias de massa constituem veículos de comunicação que alcançam o grande público ou a população de massa e exercem papel preponderante no que diz respeito à socialização. Segundo Giddens e Sutton (2017, p.137), o impacto da mídia interativa, por exemplo, “ainda está para ser compreendido e avaliado pela Sociologia”.

Citando Jean Baudrillard, Giddens e Sutton (2017, p. 240) afirmam que a mídia de massa transformou a própria natureza da vida, não sendo mais possível separar realidade de representação da mídia. Os teóricos acreditam que as teorias sociológicas das diversas formas de mídia nos mostram que elas jamais podem ser consideradas politicamente neutras ou socialmente benéficas.

Ainda complementam que

ao mesmo tempo, porém, as mazelas do mundo não podem ser depositadas na conta da mídia de massa, e devemos partir do princípio de que as pessoas não são “idiotas culturais” incapazes de detectar o caráter tendencioso. O próximo estágio para os sociólogos da mídia será estudar a nova mídia digital, que também pode significar criar novas teorias capazes de compreendê-la melhor. Parece improvável que as teorias desenvolvidas para analisar a televisão e o rádio servirão para entender a internet (Giddens e Sutton, 2017, p.240).

A mídia de massa pode afetar o modo de vida, a percepção e as pré-noções das pessoas por, muitas vezes, possuir caráter tendencioso. Mas também pode ser utilizada como importante meio de comunicação principalmente a partir do advento da mídia digital e no que tange a comunicação ambiental, conforme abordado a seguir.

Outra questão ao se pensar a comunicação na Amazônia é discutir sobre os estereótipos e imaginários sobre a região, justamente em razão de sua particularização. Os discursos sobre a Amazônia na mídia principalmente partindo de um pensamento colonizador europeu são disseminados muitas vezes de forma deturpada ou superficial como já se noticiou, inclusive, o clichê de “pulmão do mundo”, segundo Monteiro e Colferai (2011).

Segundo estes autores, qualquer abordagem da Amazônia deve assumir a indissociabilidade entre a natureza e o homem, “seja ela uma relação de integração ou de intervenção, pois se trata de aspecto fundamental para entendê-la”, além de sugerirem que é fundamental romper paradigmas tradicionais que “mais parecem obrigar à adaptação do mundo vivido aos seus protocolos do que de fato fazer a prospecção das relações comunicativas” (Monteiro e Colferai, 2011, p. 34).

Para Shwaab (2018, p. 79), a “boa execução da reportagem, todos sabemos, depende de uma apuração precisa, bem planejada e bem conduzida, na qual os gestos de escuta e de observação sejam centrais”. E como em outros segmentos do jornalismo, o ambiental também deve levar em consideração esses mesmos processos tendo como base a qualificação profissional e a linha editorial dos veículos de comunicação para a abordagem dos temas socioambientais.

A lógica dos temas geradores e da construção de mapas deve permanecer em mente e, por isso, um exercício de reportagem que prime pela discussão coletiva das pautas e dos passos de apuração contribuirá significativamente para o sucesso de uma narrativa com capacidade de gerar compreensão, estabelecer pontes e oferecer um tipo de conhecimento sobre o tema que aborda. Para o desenvolvimento da apuração, individual ou coletivamente, é possível trabalhar um entrelaçamento de diferentes questões para falar com mais propriedade sobre o que se pretende tratar. Também neste exercício, podemos tentar superar a dificuldade de perceber o natural e o sociocultural integrados, isto é, não os pensar de forma dissociada, mas ter um gesto de interface (Shwaab, 2018, p.79).

Juarez Tosi (2005) alega também que o registro de pautas socioambientais deve seguir o mesmo rigor em apuração e produção textual que outros temas abordados pelo jornalismo. O autor fala do cuidado com o tema ambiental, chamando os jornalistas para a importância educativa de uma boa reportagem. “Temos de ser didáticos, fazer com que as reportagens

possam ser lidas em salas de aula, que sejam entendidas pelo maior número de pessoas possível” (Tosi, 2005, p. 11).

A educação midiática sobre jornalismo ambiental nas escolas é um dos ideais a ser alcançado, além de outras orientações como as repassadas pelo jornalista Peter Nelson, originalmente editadas pelo Centro Internacional para Jornalistas (ICFJ), com sede nos Estados Unidos, e depois trazidas ao Brasil, que são:

Buscar a escrita de reportagens de abordagem original, em esforço autoral e de pesquisa; conservar variadas e boas fontes; manter foco em uma boa preparação prévia, com conhecimento do tema e das diferentes perspectivas; um bom manejo do vocabulário ambiental e humildade para absorver esse conhecimento das fontes especializadas, a ponto de ser capaz de traduzir o jargão em sua reportagem; domínio de linguagens e bom acervo de informações, bem como conhecimento técnico da narrativa para usar o que há de melhor em sua apuração e oferecer um material atraente; manejo de estatísticas e números em favor da clareza e da informação, nunca fora de contexto e nem como mero adendo; manter uma confiança desconfiada e vistas abertas para garantir o exame crítico e atento de todos os dados e declarações, porém, ter atitude respeitosa e acolhedora; estabelecer as conexões em equilíbrio e lembrar que a reportagem não termina, ela deriva e tem repercussões (Schwaab, 2018, p 81-82).

O jornalismo ambiental na Amazônia deve ser encarado ainda do ponto de vista dos inúmeros desafios para a cobertura ambiental, a exemplo do acesso a informações em instituições governamentais e não-governamentais e institutos de pesquisa, a qualificação dos profissionais que fazem a cobertura desta temática e a concorrência com outros temas que, muitas vezes, são vistos como prioritários.

Por isso, é importante o acesso a fontes especializadas, traduzir as informações para a população, ter um acervo de informações sobre a pauta ambiental que está sendo abordada, ter clareza e concisão ao se escrever uma reportagem seja na mídia impressa, televisiva, radiofônica ou digital. Também se faz necessário um olhar diferenciado do senso comum do profissional que faz a cobertura jornalística sobre a Amazônia, seja localmente ou nacionalmente. É preciso despir-se do imaginário romântico ou restrito sobre a região, do pensamento estrangeiro ou externo a ela, mas de alguém que procure observar as nuances sociais e ambientais da região para que várias “Amazônias” possam ser reportadas e noticiadas de acordo com a pluralidade de realidades inerentes a ela.

1.3.2 Jornalismo e questão social: as expressões da questão ambiental

Para se compreender melhor a dinâmica e a lógica da questão ambiental e suas manifestações, necessária se faz a sua contextualização no cenário de crise contemporânea do

capital, que ao contrário das crises anteriores, se apresenta como uma crise estrutural em escala maior e mais profunda. O capitalismo, no decorrer do seu desenvolvimento, é marcado por sucessivas crises econômicas, que expressam o caráter contraditório da dinâmica e sociabilidade capitalista. No dizer de Paulo Netto & Braz (2012), não existe e não existirá capitalismo sem crise, uma vez que a crise é constitutiva do capitalismo – e ao invés de criar condições para o fim desse modo de produção, criam novas condições para a sua reprodução e continuidade. Dito de outra forma, as “crises de intensidade e duração variadas são o modo natural de existência do capital: são maneiras de progredir para além de suas barreiras imediatas e, desse modo, estender com dinamismo cruel sua esfera de operação e dominação” (Mészáros, 2011, p. 795).

A partir disso podemos afirmar que, como expressão da “questão social” (que aumentou exponencialmente após os anos 1970), a questão ambiental é uma das expressões da crise do capital que mais se destaca atualmente, não apenas em escala local, mas também em escala global. Isso em virtude dos impactos causados pelo modo de produção dominante e seu caráter exploratório – que ultrapassa os limites da natureza.

Sobre essa relação intrínseca da questão ambiental com a crise contemporânea, Santos (2015, p. 254) aponta que a “crise ambiental aparece [...] exatamente nos anos 1970 quando, “coincidentemente”, tem início a atual onda longa recessiva”; não há coincidência nisso tudo, tendo em vista que, durante a existência dos anos de “prosperidade”, o aumento da produtividade não ampliou somente a exploração da força de trabalho, aumentou também a exploração predatória da natureza.

O crescente grau de intensidade da apropriação privada da natureza como parte das matérias-primas que ingressam no processo produtivo não permite que decorra o tempo necessário à sua reprodução/reposição. Em decorrência disso entra em cena a escassez e, em alguns casos, a iminente finitude dos recursos naturais, enquanto fatores que condicionam, profundamente, as atuais alternativas debatidas para superação da crise (Santos, 2015. p. 254).

Existe, portanto, um descompasso na relação homem – natureza, posto que, a velocidade com que o sistema capitalista produz mercadorias é desproporcional ao tempo de recomposição da natureza. O capitalismo contemporâneo também envolve o processo de “acumulação por despossessão ou espoliação”, que possibilita ao capital ampliar seus nichos do mercado. No entendimento de Harvey (2006), a acumulação por espoliação resulta na degradação ambiental, e sobretudo, no aprofundamento da ruptura da relação metabólica do homem com a natureza. Dentro dessa lógica, o capital “não pode separar “avanço” de destruição, nem “progresso” de

desperdício – ainda que os resultados sejam catastróficos. Ou seja, não há como o sistema avançar na produtividade, sem avançar na mesma medida na destruição.

Outro aspecto ainda desse debate é que as consequências da destruição capitalista na natureza não afetam as classes sociais de forma igualitária; exatamente pelo fato do consumo dos recursos naturais ser desigual e limitado, a crise ambiental ameaça diretamente as classes subalternas e expropriadas. Imediatamente entendemos que, por mais que a questão ambiental (ou “crise ambiental”) tenha abrangência local e global, os seus impactos atingem países e grupos sociais de maneira distinta, por ser reflexo das contradições constitutivas do modo de produção capitalista. Daí podemos pressupor que a degradação ambiental está situada em um cenário de competições entre países centrais e países periféricos (Foster & Clarke, 2006).

Em suma, a “questão ambiental” e suas expressões cada vez mais são evidentes. No Brasil e no mundo, os efeitos das ações capitalistas, em busca do seu interesse de obter lucro, só se agravam – em plena desconsideração aos riscos à sobrevivência humana e planetária: a própria questão do desmatamento, como uma de suas múltiplas expressões.

Dentre as expressões da “questão ambiental”, Silva (2010) também aponta a produção e destinação de resíduos sólidos (que evidencia “a tendência de reprodução da desigualdade que marca o imperialismo ecológico”), tendo em vista que o homem produz toneladas de lixo que o planeta não é capaz de absorver. Sobre a problemática do lixo, entende-se que, por mais que o modo de produção capitalista utilize um padrão sustentável, sempre criará novos instrumentos de degradação e poluição: um enorme contingente (de restos) de aparelhos tecnológicos, contribuem para a devastação do meio ambiente, ao serem despejados nos lixões. Nessa tentativa de enfrentar as expressões da questão ambiental, o sistema capitalista prega a ideologia do progresso tecnológico, adotando as chamadas tecnologias “limpas” e as “práticas sustentáveis”.

Dentro do conjunto de medidas ideológicas, sobretudo, no que se refere à educação ambiental, a problemática ambiental tem sido indicada como uma problemática individual. Ou seja, na perspectiva do desenvolvimento sustentável, reeducação e a mudança de comportamento do ser humano no trato do meio ambiente, são os principais mecanismos de superação da questão ambiental. É bom que se diga que a educação ambiental possui também um papel importante no enfrentamento da problemática ambiental, mas não podemos desconsiderar os aspectos político-econômicos e financeiros que a envolvem. É essencial aliar as mudanças de comportamento ao debate acerca da necessidade de superação do sistema vigente.

A produção e as formas de abordagem de conteúdos jornalísticos sobre as expressões da questão ambiental na Amazônia, no portal referido nessa proposta de estudo, são de suma importância pelo fato da comunicação e a mídia poder afetar o modo de vida e a percepção dos indivíduos por muitas vezes, possuir caráter tendencioso, estabelecendo novos conceitos de acordo com os interesses dos grupos dominantes detentores dos veículos de comunicação, ainda que, em muitos casos, a audiência não seja considerada totalmente passiva e que os receptores de informação também possam ser críticos dos conteúdos divulgados. A mídia também pode ser utilizada como importante meio de comunicação principalmente a partir do advento da mídia digital e no que tange o jornalismo ambiental, conforme discutido a seguir.

Escrever sobre jornalismo ambiental sem tratar de Amazônia é visto por muitos como um erro, afinal este é um dos maiores biomas do país. Para além da questão ambiental, falar sobre Amazônia é também falar sobre seus povos, sua cultura, sua história, seus saberes tradicionais e tantos outros temas que podem ser “pauta” do jornalismo. Mas, especificamente nesta pesquisa, traremos um olhar sobre uma localidade: a Amazônia amazonense.

Este estudo tem o intuito de estimular a discussão sobre a importância da atenção da sociedade em geral para a Amazônia. Entendendo que a região amazônica ocupa grande parte do território brasileiro, é fundamental que os povos amazônidas valorizem e tenham um olhar de pertencimento em relação a ela, assim como os povos “externos” a ela, para que possam falar e estudar a respeito com respeito aos amazônidas e aos pertencentes a esta região.

Tendo em vista a importância da pauta socioambiental não só na imprensa, mas também nas universidades, instituições de pesquisas e organizações socioambientais, a pesquisa tem o foco de contribuir para a maior valorização do jornalismo ambiental na região amazônica, em especial no estado do Amazonas, por acreditar que o lugar de fala do povo amazônida deve ser a sua própria região.

Além disso, entende-se também que o jornalismo deve quebrar as barreiras do negacionismo e do isolamento intelectual em relação ao reconhecimento de estudiosos, pesquisadores, ativistas e cidadãos da Amazônia em relação ao restante do Brasil. Mas, como abordar o jornalismo ambiental na Amazônia? Primeiramente, é salutar observar as próprias características do Jornalismo Ambiental e entender a relação dele com outro segmento tão importante para a região, o Jornalismo Científico.

Atualmente, a mídia em geral não estimula uma postura reflexiva por parte do público, enfatizando apenas os aspectos mais vendáveis dos fatos. Nesse contexto, por parte das instituições de pesquisa e órgãos ambientais, ainda na divulgação em Ciência e Meio Ambiente

é importante formatar as estratégias de um plano de comunicação específico para determinadas áreas, principalmente quando o foco é a comunicação integrada.

Caldas (2010) lembra que democratizar o conhecimento passa por uma visão crítica e educativa que possibilite refletir sobre práticas de produção científica e a maneira com que estão acessíveis a sociedade. Ela ainda questiona que a mera reprodução do saber fornecida sem senso crítico à população é prejudicial.

Ocupando mais da metade do território brasileiro, “a Amazônia é uma região cujo traço mais geral é o de ter sido construída por um pensamento externo a ela” (Pizarro, 2009, p. 31). Corroborando com tal visão, Silva (1996, p.13) afirma que “a Amazônia se configura nos momentos e movimentos da exploração estrangeira (espanhóis, portugueses, ingleses, franceses e holandeses) de novos mercados”, contribuindo para a construção de “Amazônias Estrangeiras” e comum senso de dominação (Ibidem, p.14).

Contudo, o trabalho de reverter essa imagem estrangeira sobre esta região deve avançar por parte de ambientalistas, pesquisadores, imprensa, para que os amazônidas valorizem e reconheçam sua história e sua cultura. Para isso, faz-se necessário fortalecer o trabalho de instituições que atuam para isso, principalmente por meio de políticas públicas sólidas com a participação de “cidadãos informados e atuantes, que terão influência na formulação e no acompanhamento de políticas decididas de comum acordo entre poder público e sociedade civil” (Oliveira, 2010, p.17).

Bueno (2007, p. 33) também aponta que a Comunicação Ambiental incorpora todas as atividades voltadas para a divulgação e promoção da causa ambiental. “(...) até mesmo o Jornalismo Ambiental, mas este se mantém vinculado ao trabalho realizado por um sistema de produção particular, o jornalístico”. Tendo esta premissa, a comunicação ambiental também pode ser difundida por meio dos veículos de comunicação como os portais noticiosos e novas mídias digitais – que são os canais de comunicação digital - e redes sociais digitais - que são os ambientes digitais onde ocorrem as interações - cada vez mais popularizadas.

No Amazonas, resgatando de forma brevíssima alguns caminhos desse trabalho que envolve Ciência e Meio Ambiente, Comunicação e Sociedade, relembra-se o trabalho realizado pela extinta Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação (Secti), criada com a função de formular e gerir a política estadual de CT&I, articulando esforços a fim de que o conhecimento produzido em universidades, centros de pesquisa e laboratórios fosse revertido em alternativas eficazes para a promoção do desenvolvimento sustentável, humano e solidário.

Também é importante lembrar a importância do jornalismo e do jornalista para a construção das notícias. Atualmente, os discursos produzidos pelos meios de comunicação são construídos a partir de relatos de acontecimentos e através do olhar subjetivo do jornalista sobre a notícia. Entretanto, a objetividade por parte dos jornalistas segue sendo muito considerada.

Segundo Loose (2010), a visão do jornalismo objetivo é ultrapassada, mas ainda resiste em alguns lugares em que jornalistas e pesquisadores do jornalismo veem esse ideal como uma meta a ser alcançada, principalmente quando se fala em apuração dos fatos, elaboração dos textos e o método de elaboração das notícias.

Outro ponto que merece espaço nessa explanação inicial é o papel do jornalista como mediador das informações de outros campos. Por muito tempo, acreditou-se que o campo jornalístico tinha como função principal veicular os acontecimentos que ocorriam nos demais campos sociais. Essa é uma atribuição legítima, afinal, para o exercício da profissão, há necessidade de recorrer a fontes de áreas diferentes, de realizar a cobertura de eventos e acontecimentos que fogem do próprio campo (Loose, 2010, p. 14).

Para a autora, o jornalismo ambiental pode, de certa forma, ser considerado como um jornalismo cívico centrado na temática ambiental, sendo esse jornalismo de interesse público e com viés mais político, por incentivar e fortalecer a democracia e a democratização de informações para as tomadas de decisões por parte dos cidadãos. “No entanto, ele vai além porque busca desvendar as conexões ocultas que perpassam a sociedade, não se detendo unicamente no que é tido como ambiental” (Loose, 2010, p. 15).

No Brasil, por exemplo, a Amazônia apesar de sempre estar no centro de debates internacionais, ainda não encontra igual protagonismo ambiental e sobrevive sendo alvo de ações predatórias e humanas, como queimadas e desmatamento. Segundo Loose (2010, p. 26), as degradações ambientais vêm de anos atrás, porém há de se entender que o homem também tem responsabilidade por ter mais acesso às informações.

As degradações ambientais vêm de anos atrás, porém, em nenhum outro período, se esteve tão consciente do que se estava fazendo, em nenhum outro momento o homem transgrediu tanto o meio ambiente apesar de todos os sinais de desgaste do planeta... O fenômeno da globalização – intimamente relacionado com o capitalismo – está a transformar o mundo de forma muito desigual. Em uma extremidade, há um crescente número de ricos e, na outra, uma quantidade maior de pobres vivendo em estado subumano (Loose, 2010, p. 27).

Para se discutir o jornalismo ambiental e as práticas de comunicação ambiental com o uso das novas mídias, é salutar entender sobre a lógica de degradação ambiental que

desconsidera os impactos, às agressões e o reflexo desta ação na própria sociedade e no bem-estar dos cidadãos.

A destruturação do ambiente segue uma lógica cartesiana, que observa o mundo de forma fragmentada, desconsiderando a repercussão das agressões em cada parte do todo. O meio ambiente virou estereótipo, modismo. Ele é evocado para alavancar empreendimentos em um momento em que ‘desenvolvimento sustentável’ promove notoriedade ou para ser posto no lugar de vilão, quando ocorrem as catástrofes e ele é tido como vingador. Nos dois casos, os olhares são distorcidos, visto que a expressão desenvolvimento sustentável é, por si só, contraditória (Como pode haver sustentabilidade aliada ao desenvolvimento/crescimento/aumento do uso de recursos finitos?), e as tragédias ambientais são decorrentes da ignorância e/ou prepotência humana (Loose, 2010, p. 27).

Atualmente, vivemos em uma crise global, climática e ambiental e as notícias relacionadas ao meio ambiente se tornam cada vez mais necessárias apesar de concorrerem com outras temáticas no noticiário local e nacional. Há de se questionar, entretanto, as crises ambientais em todo o mundo e o negacionismo por parte do ser humano em voltar os olhos para os ecossistemas e alertas climáticos que impactam todo o meio ambiente.

CAPÍTULO II

AMAZÔNIA E A QUESTÃO AMBIENTAL NO *INSTAGRAM*: análise de matérias jornalísticas do *Portal A Crítica*

2.1. Os influxos das novas mídias digitais

O impacto das novas mídias digitais é notório nas relações sociais, mas também na forma como os cidadãos consomem notícias na internet atualmente. Nesta nova era das redes sociais digitais, os indivíduos se deparam com uma quantidade infinita de informações, muitas delas de conteúdos que não necessariamente são considerados jornalísticos, ou de fato, checados.

Alguns teóricos da comunicação e da cibercultura sinalizam que as redes sociais digitais contribuíram para mudanças de comportamento, relações sociais, manifestações culturais e políticas, entre outras. As novas mídias impactaram a vida social e, de certa forma, a vida privada porque mudou também a forma das pessoas se comunicarem em sociedade, mas também nas interações interpessoais.

Estas interações também têm implicações nas formas de comunicação. Conforme os autores, há diferentes maneiras dos cidadãos utilizarem as novas tecnologias, entre elas como meios de informação permanente. Esses espaços digitais podem fomentar também espaços de poder e contribuir para uma comunicação mais inclusiva.

Entende-se que as redes sociais digitais são ambientes virtuais formados por pessoas conectas que, muitas vezes, se estende para fora dele. O indivíduo, a partir de então, pode construir seus estilos e opções de vida, como aponta o teórico Manuel Castells (1999), ao destacar a construção social da identidade.

As novas tecnologias estão integrando o mundo em redes globais de instrumentalidade. A comunicação mediada por computadores gera uma gama enorme de comunidades virtuais (...) os primeiros passos históricos das sociedades informacionais parecem caracterizá-las pela preeminência da identidade como seu princípio organizacional. Por identidade, entendo um processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos, a ponto de excluir uma referência mais ampla a outras estruturas sociais. (Castells, 1999, p. 57-58).

Ao falarmos de identidade, também pressupomos que os cidadãos começam a adotar uma nova forma de pensamento social a partir do contato com as novas mídias digitais, como as redes sociais digitais. Tais interações em rede podem resultar, não somente em novas formas de comunicação, mas também em novas formas de se enxergar o mundo e as relações sociais.

Pode parecer estranho falar de “movimento social” quando se trata de um fenômeno considerado como “técnico”. Eis, portanto, a tese que vou tentar sustentar: a emergência do ciberespaço é fruto de um verdadeiro movimento social, com seu grupo líder (a juventude metropolitana escolarizada), suas palavras de ordem (conexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva) e suas aspirações coerentes (Lévy, 1999, p. 123).

Também há de se enxergar a influência desse contato nos processos de comunicação e na forma como os cidadãos passam a se tornar receptores e emissores de informação, tendo em vista que com o advento das redes sociais, é notória a maior participação do usuário no processo de comunicação, sendo também um interlocutor dos conteúdos que chegam até ele através das redes sociais, e-mail, portais de notícias, sites, blogs, entre outros meios de comunicação digitais.

Os atores são o primeiro elemento da rede social, representados pelo nós (ou nodos). Trata-se das pessoas envolvidas na rede que se analisa. Como partes do sistema, os atores atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais. Quando se trabalha com redes sociais, por exemplo, os atores se constroem de forma diferenciada. Por causa do distanciamento entre os envolvidos na interação social, principal característica da comunicação mediada por computador, os atores não são imediatamente discerníveis. Assim, neste caso, trabalha-se com representações dos atores sociais, ou com construções identitárias do ciberespaço. (Recuero, 2009, p. 25).

É importante frisar como essas representações sociais nas redes sociais ganham forma, através de “nicknames” ou em como os usuários se apresentam nesses ambientes digitais, seja através dos comentários nos sites, disponibilizando determinado link em sua “bio” do *Instagram* ou Facebook, ou por meio de fotos ou vídeos pessoas, enfim. As redes sociais, segundo Recuero (2009), passam a ser atores sociais por tornarem efeito as representações sociais das pessoas.

As redes sociais também são importantes no sentido de popularizarem o conhecimento que já começou a se tornar mais acessível e vasto com o surgimento da internet. Como o teórico McLuhan apontou antes mesmo do advento das mídias digitais, somos todos membros de uma aldeia global interconectada, o que nos possibilita estar em contato com várias pessoas de diferentes raças, culturas, religiões e regiões através da conexão global interconectada.

Em sua ideia central, McLuhan diz que no decorrer do uso normal da tecnologia do corpo do homem, em sua extensão diversa, o indivíduo é constantemente modificado por ela e em contrapartida também a transforma. Consequentemente, os meios de comunicação como extensões dos sentidos dos homens, estabelecem novos índices relacionais, não apenas entre nossos sentidos particulares, como também entre si, na medida que se inter-relacionam (Lima & Bomfim, 2016, p. 8).

Em meados da década de 1960, o teórico Marshall McLuhan alertava para a confluência entre os meios de comunicação e a vida em sociedade. O conceito de que os cidadãos viviam em uma aldeia e a retribalização dos homens foi ganhando espaço conforme analisado pelas autoras a seguir:

McLuhan também acreditava que os meios de comunicação teriam a capacidade de modificar as relações humanas, de tal modo, que recuperariam a experiência de tribalização vivida pela humanidade. Ou seja, devido à capacidade dos meios de comunicação de metaforicamente reduzir distâncias geográficas e culturais, eles poderiam promover a vivência de retribalização dos homens. Isto porque os meios, a partir das novas mídias e das redes sociais, propiciam o compartilhamento de tudo o que acontece; assim os fatos podem ser acompanhados e vistos por todos que navegam em uma rede, aproximando-se ainda mais das organizações tribais, onde todos sabem de tudo o que acontece (Lima & Bomfim, 2016, p. 2).

Com as novas mídias digitais e as redes sociais digitais, o conceito de pertencimento e comunidade também sofre certo tipo de interferência, pois faz-se necessário entender que no movimento da cibercultura, atualmente reconhecida cultura digital, há uma necessidade do cidadão de estar conectado e imerso em uma nova cultura digital, o que interfere de forma positiva ou negativa em sua forma de ser e estar no mundo e em sociedade.

2.1.1 Novas tecnologias, redes sociais e seus impactos

As redes sociais digitais surgiram com o avanço das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) e se tornaram populares e comuns no cotidiano dos cidadãos da maior parte do mundo. As redes sociais atuais como *Facebook*, *Instagram*, *X* (extinto *Twitter*), *Tik Tok* e outras que também já tiveram seu apogeu, como o *Orkut*, tiveram ainda mais alcance a partir das novas tecnologias eletrônicas convergentes como os smartphones a partir dos anos 2000.

Quando o assunto é novas mídias ainda existe uma concepção errônea sobre esse termo, muitas vezes servindo de sinônimo para redes sociais. Em “A revolução das mídias sociais”, Telles (2010) apresenta essa diferenciação e que é importante conceituar nesse artigo: redes sociais é uma categoria de mídia social (ou novas mídias, como era classificado em 2005). Essas têm como foco reunir pessoas, a relação entre pessoas (membros). Já as mídias sociais englobam diversos sites, desde *Twitter*, *Youtube*, *Flickr* a redes sociais – importante destacar que apesar de alguns definirem *Twitter*, *Youtube* e outros como redes sociais, estes não podem ser classificados como tais, pois o seu foco, apesar de permitir essa interação entre os usuários, não é o de ser uma rede social. (Telles, 2010, p. 11).

Mas a internet já lançaria um prelúdio deste “boom” tecnológico a partir de seu surgimento nos anos 1990. Ao mesmo tempo que se tornou uma grande revolução tecnológica,

a internet também trouxe algumas implicações como o surgimento das notícias falsas, popularmente conhecidas como “Fake News”, pois com o aumento do número de usuários, os conteúdos encontrados na rede de computadores, com diferentes formatos e características, também cresceram de forma exponencial.

Inicialmente, inventada para fins militares, a internet por um bom tempo foi restrita ao meio acadêmico, porém isso não impediu que empresas, enxergando uma grande oportunidade, investissem nessa ferramenta a fim de se comunicar e atingir um mercado consumidor extenso. Foi na tentativa de desenvolver mecanismos de transmissão de dados que a ARPA (Advanced Research Projects Agency) - agência norte americana do Ministério da Defesa, deu os primeiros passos para o que viria a ser a internet. Foi a ARPANET que proliferou em 1982 o IP (Protocolo Internet) usado na comunicação, que teve rapidamente a adesão pelas outras internets no mundo. A que mais se aproxima aos modelos atuais de internet e que ultrapassou o território acadêmico, graças ao investimento do governo americano, foi a NSFnet. Criada em 1981, era totalmente gratuita, exigindo apenas que os interessados tivessem um computador (Gehring; London, 2000, p. 47).

Tendo em vista a variedade de blogs, portais e sites no País desde o lançamento da internet no Brasil, muitos espaços cibernéticos surgiram, ampliaram-se ou foram extintos com o passar do tempo. Com o avanço da era digital, o ambiente da web se tornou um dos mais propícios para publicação de variados assuntos.

A partir da integração de notícias pela Web, houve mudança também no modo de transmissão de mensagens para o público em geral. Desde o advento da publicidade e da divulgação de notícias em caráter comercial, as empresas de comunicação começaram a adotar novos sistemas para a produção de conteúdos e agregaram o uso das TDICs

Os investimentos do governo americano com computadores com grande capacidade de tráfego e fundos monetários, além da restrição do uso para fins comerciais, despertou o interesse de empresas em criar uma internet paga, onde os assinantes poderiam, através de vendas online ou anúncios de produtos/serviços, resgatar parte dessa “mensalidade”, o que futuramente originaria a WWW (World Wide Web) e as empresas online (Gehring; London, 2000, p. 53).

Girard (2009) alega que as próprias esferas públicas são interconectadas, mas estão todas centradas no advento da informação. O autor também é assertivo acerca da existência de trocas simbólicas administradas em rede, na interação entre os cidadãos no ciberespaço que passa a ser digital. A Internet, cibernética e o próprio ciberespaço são apenas um dos meios de comunicação entre pares ou na troca de interesses nas comunidades.

Os agentes sociais da sociedade pós-moderna passaram a contar com mecanismos e tecnologias para difundir informações em um curto ou longo espaço de tempo e em lugares distintos do planeta. A cibernética é uma das grandes características que ganhou destaque no

início do século XXI após o uso dos computadores e da rede que interliga as mensagens, a Internet. Com a conectividade e integração de notícias pela Web, mudou também a cultura de interlocução de mensagens nas comunidades, e em larga escala na sociedade em geral. Desde o advento da publicidade e da divulgação de notícias em caráter comercial, as empresas de comunicação começaram a adotar novos sistemas para a produção de conteúdos e agregaram o uso de novas tecnologias.

Girard (2009) alega que as próprias esferas públicas são interconectadas, mas estão todas centradas no advento da informação. O autor também é assertivo acerca da existência de trocas simbólicas administradas em rede, na interação entre os cidadãos no ciberespaço que passa a ser digital. A Internet, cibernética e o próprio ciberespaço são apenas um dos meios de comunicação entre pares ou na troca de interesses nas comunidades. Outro ponto destacado quando se trata de divulgação na Internet diz respeito ao comportamento do internauta em relação ao conteúdo digital. Atualmente, a netnografia estuda as características do ambiente digital e fornece um olhar sobre o comportamento digital dos internautas.

Segundo Neto (2011), no ambiente digital há culturas e comunidades, mas os tipos de relacionamentos se dão de forma diferente. Sendo assim, é importante realizar um estudo sobre este comportamento para identificar de que forma acontece a assimilação do conhecimento científico nas redes sociais digitais.

O principal objetivo da netnografia que está inserido no conceito de cibercultura - onde os indivíduos passam a fazer parte de uma nova cultura e são atores de novas relações digitais - está exatamente em estudar como os personagens seguem no ambiente on-line. Ainda assim, a netnografia não pode ser comparada com uma ciência. Os estudos sobre a internet partem de um pressuposto teórico-prático e não é possível associar a netnografia a um método específico de apuração de dados que possa ser replicado por outras pessoas, de acordo com o criador do termo, o americano Robert Kozinets (2014).

De acordo com Marcelo Coutinho, em artigo de José Neto (2011), na Revista.br, segundo a Comscore, já são mais de 35 milhões de indivíduos interagindo na rede, comentando não somente, notícias, informações, além de opiniões sobre marcas e serviços. No mesmo contexto, pesquisas do Comitê Gestor da Internet no Brasil apontam para uma utilização crescente das redes sociais por parte dos internautas.

A Internet permite a qualquer indivíduo ser um agente transformador de ideias no ciberespaço. A participação social e a mudança de comportamento dos usuários no ambiente virtual fazem com que haja reconfiguração da democracia na esfera pública e virtual. Gomes

(2005) aponta a Internet como inspiração para formas de participação política dos cidadãos e como demonstração de participação popular na vida pública, denominada de democracia digital.

Destaca-se ainda as dificuldades de acesso que possibilitam a participação social. Segundo Martin Barbero (2000), há uma diferença entre os conectados com a Internet, beneficiando-se de uma grande quantidade de informações da maioria excluída das experiências tecnológicas e informacionais. Segundo o autor, é necessário identificar as barreiras para o conhecimento das novas tecnologias de informação. “Há uma grande diferença entre as pessoas que podem estar conectadas com a Internet, beneficiando-se de uma grande quantidade de informações, de experimentação, de conhecimentos ou experiências estéticas e a imensa maioria excluída, desligada desse mundo de bens e experiências” (Barbero, 2000, p. 54).

No Ciberespaço, as trocas simbólicas acontecem de maneira descentralizada de produção e compartilhamento, excluindo a existência de uma hierarquia. Uma das vantagens do relacionamento dialógico nas redes é a predisposição ao princípio de inclusão social, visto que as regras para a integração advêm do câmbio permanente de informações entre agentes de diversos níveis sociais ou ideológicos.

As novas mídias e as redes sociais impactam no dia a dia dos cidadãos de diferentes formas. Com o advento da internet, as distâncias se tornaram menores entre os usuários da rede. As inovações tecnológicas influenciaram várias transformações de comportamento, mentalidade, sociabilização e de informação.

As inovações propiciaram uma transformação em larga escala atingindo a sociedade e também as formas de comunicação, onde velocidade e convergência se tornaram fatores principais nesse novo cenário. Ao mesmo tempo, as relações sociais (redes) presenciais se transferiram para o mundo virtual, tendo como principal característica reunir e promover a interação de pessoas com interesses e ideologias comuns, modificando as referências de integração (Telles, 2011, p. 1892).

De igual modo, as formas de comunicação também possuem suas transformações. Telles (2011, p. 189) ao citar Castells, afirma que se trata de um fenômeno pontual e de escala global, que altera a cultura, não somente hoje, mas futuramente: “O surgimento de um novo sistema eletrônico de comunicação caracterizado pelo seu alcance global, integração de todos os meios de comunicação e interatividade potencial está mudando e mudará para sempre nossa cultura” (Castells, 2009, p. 414).

Sabemos, assim, que as redes sociais são o lugar onde as pessoas estão adeptas a algum tipo de interação social. Anteriormente, essas conexões ocorriam na família, escola, trabalho,

mas com a chegada da internet, elas passaram a se difundir entre comunidades com o surgimento de novas plataformas interativas que possibilitam o compartilhamento de informação com pessoas de diferentes localidades e culturas, rompendo a barreira do espaço-tempo, permitindo o alcance de um grande número de “amigos” ou relacionamentos no ambiente on-line.

As mídias sociais, então, surgem nesse momento em que as grandes plataformas de redes sociais alcançaram uma enorme quantidade de pessoas, que estão em constante interação no universo digital. Elas, atualmente, são definidas como sites na internet construídos para permitir a criação conjunta de conteúdo, interação social e compartilhamento de informações em diferentes formatos.

As mídias sociais são ferramentas de comunicação na web, que permitem a ocorrência de interações e conexões entre pessoas (Recuero, 2009). Kaplan e Haenlein (2010) descrevem as mídias sociais como um grupo de aplicativos disponíveis na internet que são direcionados pelos fundamentos ideológicos e tecnológicos da web 2.0, no qual permitem a criação e a troca de conteúdo desenvolvido pelo usuário. Além disso, as mídias sociais impulsionam a vida em comunidade com cooperação, dão possibilidade de alteração ou mistura de criações de terceiros, melhoram as experiências online, promovem diversão, educação, controle e domínio do que se quer buscar ou saber, abrindo espaço para assuntos específicos e colocando o usuário em primeiro lugar e no centro das atenções (Cipriani, 2011 apud Bezzerra & Nogueira, 2019, p. 18).

Os impactos das novas mídias na comunicação também são notórios ao mudarmos nossa forma de comportamento e consumo de informações, serviços, música, arte, cultura, notícias e até mesmo comida. Conforme veremos a seguir, o impacto das mídias sociais e da hipermídia na comunicação transcende as novas tecnologias e atingem o dia a dia da forma como nos relacionamos e nos comunicamos no ambiente social.

2.1.2 Hipermídia e o mundo real e digital

O conceito de hipermídia e a construção de um corpo social ganha destaque na teoria da estudiosa da Comunicação Pollyana Ferrari (2000, p. 23) quando a autora dá vários exemplos de como nossa comunicação foi transformada pela hipermídia e pelo ciberespaço que agora faz com que os cidadãos estejam ao mesmo tempo imersos no mundo real e digital.

A autora cita como exemplo a mudança de nomenclatura dentro da própria comunicação e como o marketing, por exemplo, passou a ser chamado em muitas empresas como *growth*

marketing ⁴. Além disso, como novas nomenclaturas ganharam espaço no ambiente corporativo como a transformação dos anúncios publicitários no *Google AdWords* ⁵.

Tendo essas e outras mudanças influenciado a comunicação e o marketing, Pollyana Ferrari também aponta como as novas mídias impactam a comunicação e as práticas dos profissionais de comunicação, mas também a comunicação dos indivíduos no cotidiano, principalmente com o uso de aplicativos nos smartphones. Ao falar sobre como a hipermídia faz parte da nossa vida cotidiana, a autora sugere que,

segundo teoria do crítico literário Terry Eagleton, o artefato pós-moderno típico é travesso, autoironizador e até esquizoide. Basta olharmos nossas vidas mergulhadas em APPs (aplicativos para celular) de todos os tipos. É aplicativo para pedir táxi, saber a previsão do tempo, marcar consulta médica, ler notícias, ouvir música, começar a correr, controlar a diabetes, namorar, saber o seu dia fértil – muito útil para as mulheres que desejam engravidar, por exemplo –; pedir delivery de comida. Enfim, tem para todos os gostos, fantasias e necessidades. Um exemplo para visualizarmos a facilidade do uso dos APPs é o comercial do iFood no qual o comediante Fabio Porchat – A vingança do Porchat – liga para a Judith da pizzeria do bairro e diz: “Não Judith pra você eu liguei só para saber como você estava, a pizza já pedi pelo APP do iFood”. E satiriza o tempo gasto repetindo seus dados de endereço, enquanto anda pelo apartamento. Na verdade, do mesmo modo que o Netflix praticamente matou as videolocadoras, os APPs estão matando os serviços por voz. É questão de poucos anos (Ferrari, 2016, p.22).

A cada dia, estamos nos libertando de conceitos enraizados e começamos a entender todas as conexões que a tecnologia pode promover em nossa existência. Segundo Ferrari (2016), técnicas como o mindfulness, teorias cognitivas e vários estudos antropológicos estão convergindo novamente para o eu e suas relações interpessoais, como no caso do aplicativo Tinder, que para a autora, serve de uma usina de reciclagem das relações. Antes, na forma aditiva do século XIX, as relações apenas somavam: alguém da sua família escolhia seu pretendente, adicionando fatores financeiros, interesses e negócios. Não existia troca. Relação de cima para baixo.

Terra Comunal coloca em xeque o tempo fluxo em que vivemos. Sem tempo para nada nos tornamos “the heads down generation”, expressão que tenta explicar as pessoas que vivem olhando para baixo, para seus smartphones, ou tablets. Se temos cinco minutos de espaço vazio, seja na fila do caixa do supermercado, na espera do

4 Growth Marketing, ou marketing de crescimento, é uma estratégia focada no crescimento sustentável e escalável de empresas, utilizando dados e testes para otimizar continuamente as ações e experiências do cliente. Diferente do marketing tradicional, ele abrange todas as etapas do funil de vendas, buscando atrair, engajar, reter e fidelizar clientes.

5 Google Ads, anteriormente conhecido como Google AdWords, é a plataforma de publicidade online do Google. Ela permite que anunciantes criem anúncios para serem exibidos nos resultados de pesquisa do Google e em outros sites parceiros, tanto em texto quanto em formatos visuais como imagens e vídeos.

check-in do aeroporto, logo olhamos para o celular. Estamos perdendo a habilidade de trabalhar o silêncio interno, conversar com Deus que está dentro de você, respirar e olhar ao redor. Por que precisamos olhar para o celular, checar o WhatsApp, os comentários do Facebook o tempo todo? Em que momento entramos em contato com o silêncio? Com nós mesmos? Por que andamos olhando para baixo? Perdemos a rua, a viagem real da descoberta, como ensinava Marcel Proust. Como iremos propor narrativas ricas em contexto se não olhamos a rua. Precisamos ter olhos que façam uma varredura interna, de nossos processos como cidadãos, nossos consumos, nossas cidades, nossas plantas, água, ética, solidariedade etc. (Ferrari, 2016, p. 29).

O presente da Comunicação sob uma perspectiva antropológica possui desafios devido a tantos estímulos sonoros, visuais e tecnológicos. Segundo a autora, as pessoas acabam por esquecer de pensar no que consomem seja nas mídias sociais, nos aplicativos diversos ou serviços de streaming. É importante refletir também nas necessidades de conexão no on-line e off-line.

Acredito que temos que ter esse olhar antropológico na área da Comunicação para sair a campo, mapear o contexto e conseguir propor saídas para profissões como, por exemplo, o Jornalismo, que anda carente de soluções, pois o que mais leio e assisto são vertentes nostálgicas de um Jornalismo do começo do século XX que não tem nada a ver conosco no século atual. Nossos conglomerados de mídia não são mais administrados pelo dono jornalista, como era na gestão de Júlio Mesquita, no jornal O Estado de S. Paulo no começo do século XX, por exemplo, ou com o doutor Roberto Marinho em seu aquário no jornal O Globo. Hoje os grupos de mídia têm executivos administradores que nem visitam as redações (Ferrari, 2016, p. 29-30).

O Jornalismo também sofre mudanças com o advento das mídias sociais, no modo de produção, na forma de divulgação, e nos novos formatos de conteúdo. No Jornalismo presente também é possível observar como algumas mídias sociais também passaram a serem canais de informações jornalísticas, conforme será abordado a seguir.

2.2 Instagram, uma mídia jornalística

O *Instagram* tornou-se uma das mídias sociais mais populares dos últimos tempos. Foi fundado no ano de 2010 por Kevin Systrom e Mike Krieger e agora é administrado pela empresa Meta, que também é detentora da rede social *Facebook*, criada por Mark Zuckerberg. O *Instagram* é uma mídia onde é possível divulgar diferentes formatos de textos, fotos e vídeos. Atualmente, é usada por empresas jornalísticas como os portais de notícias para ser uma ferramenta de divulgação de matérias, fotos, vídeos, coberturas ao vivo etc.

Este aplicativo também possui recursos para transmissões ao vivo, publicação de reels e stories, onde é possível ampliar a participação de usuários através dos comentários e o alcance dos conteúdos, já que a maioria dos usuários de smartphones possuem conta nas principais

plataformas de mídias sociais. Atualmente, o *Instagram* possui 2 bilhões de usuários ativos por mês sendo a terceira maior plataforma social do mundo, segundo pesquisa da plataforma *Hootsuite* (Ano 2025), incluindo perfis pessoais, de pessoas públicas, empresas, influenciadores digitais, canais de notícias e outros.

Algo que pode ser identificado pela plataforma é o fato do grande número de interações em perfis dos veículos de comunicação, sejam eles de rádio, TV ou portais de notícias. Mais ainda, os conteúdos difundidos pela mídia social possuem tanto ou mais alcance que as notícias divulgadas nos próprios sites dos canais de comunicação.

O *Instagram* também é campo fértil para a propagação de notícias, tanto pelo compartilhamento de informações dentro da própria plataforma, através do Story de outros usuários que compartilham informações dos portais de notícias, ou pelo compartilhamento externo utilizando-se de aplicativos de mensagens, como o *WhatsApp* por exemplo.

Outra forma de analisarmos o impacto das notícias é por meio dos comentários contidos nas publicações feitas no *Instagram* pelos portais de notícias, onde, por muitas vezes, os usuários leem apenas a manchete do título da matéria. A partir de então, tecem comentários a respeito, como forma de discordar ou concordar com tal fato, ou mesmo apresentando um outro ponto de vista.

É importante avaliar como o jornalismo também tem sofrido transformação com o impacto das novas mídias e, neste caso específico, com o *Instagram* vem ditando tendências. Cada vez mais, os usuários das mídias procuram por conteúdos de fácil leitura ou fácil visualização. Os textos das legendas das publicações não podem ter o mesmo tamanho de uma matéria jornalística, por isso é necessário ter atenção para a divulgação de conteúdos sem profundidade textual e de apuração.

De acordo com Moraes (2021), um estudo elaborado pela plataforma *Socialbakers* no ano de 2020 sobre monitoramento de redes sociais digitais aponta que o *Instagram* possui uma grande quantidade de acessos e os portais de notícias, de igual forma, ganham muito alcance na plataforma. A pesquisa concluiu que só no início da pandemia do novo coronavírus o engajamento das postagens de jornais e revistas teve um crescimento de 74% no *Instagram*.

A autora destaca ainda que o aumento da procura por perfis profissionais de notícia nas redes sociais e a passagem dos jornais tradicionais para as plataformas de mídia digital trazem o seguinte questionamento: os jornais passaram a usar o *Instagram* como ferramenta de notícia?

Moraes (2021) aborda ainda a pesquisa TIC Domicílios feita em 2019, com o objetivo de medir o monopólio e o uso das mídias digitais e de comunicação entre a população brasileira,

revelou que três em cada quatro brasileiros possuem conexão a internet, sendo um total de 134 milhões de pessoas utilizando frequente a rede mundial de informação. Segundo a pesquisa, entre os acessos mais realizados pelos usuários, 73% estão ligados às atividades de comunicação.

Segundo a autora, a primeira categoria de jornalismo digital, chamado Tele Texto, foi inventado no Reino Unido em 1970. As redes passaram a ser utilizadas para interação entre as pessoas, para coleta e difusão de informações, transmissão de dados, imagens e pesquisas. Há ainda em questão a forma dos jornalistas se adaptarem a um novo formato de conteúdo e linguagem online, como meio de se adequar ao novo meio e buscar criar a linguagem, com possibilidade de memória, linhagem, hipertexto e multimídia.

Moraes (2021, p.17) cita que “esse termo de polivalência midiática é usado para explicar que o jornalista trabalha simultaneamente para distintos meios”. Além disso, houve uma mudança na linguagem padrão jornalística. A autora cita também Righetti e Quadros (2018), que fala sobre o surgimento da internet como um estopim para a crise das mídias tradicionais de comunicação, principalmente dos jornais impressos que tiveram uma redução significativa de leitores e assinantes.

Segundo a autora, “as pessoas não estariam mais procurando o veículo impresso como um meio a mais de informação”.

Podemos notar que com essa transição dos jornais tradicionais para as mídias digitais acabou havendo uma convergência entre elas, onde, segundo Jenkins (2009), estaria relacionado ao fluxo de informação através de várias plataformas de mídia, havendo uma cooperação entre os vários mercados da mídia em relação à passagem do público para os novos meios de comunicação” (Moraes, 2021, p. 18).

Araújo (2023) cita o pensamento de Jenkins (2008) e Pool (1983) ao afirmar que a convergência midiática permitiu aos usuários interagirem quase que instantaneamente com os meios de comunicação. Logo isso seria mais do que uma mudança tecnológica: ela altera a relação entre tecnologias, indústrias, mercados, gêneros e públicos.

O autor também destaca os apontamentos de Shirky (2011) sobre a gênese da cultura da participação, considerando a cultura participativa como novo poder de persuasão, levando as pessoas a construírem novos hábitos. Ele também aponta o crescimento digital, que de acordo com o *HootSuite*, no Brasil, o usuário fica conectado em média 2h e 27 minutos por dia em redes sociais, sendo a maior participação do público feminino, com 46,1%.

Segundo Araújo (2023), esse número de horas aumenta quando analisado o acesso geral à internet, somando uma média de 6 horas e 58 minutos. No Brasil, de acordo com o Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021), temos uma população de aproximadamente 213 milhões de habitantes. Dados analisados pelo *Hootsuite* indicam que até o início de 2022, 77% da população havia acessado a internet, sendo o terceiro país no mundo com maior média diária de uso, atingindo 10 horas e 19 minutos.

As mídias sociais estão cada vez mais presentes na prática jornalística, visto que atualmente, as informações mais acessíveis não estão mais à distância de uma banca de jornal ou revista mais próxima do nosso bairro, mas agora estão na palma da mão, através dos smartphones e outros instrumentos tecnológicos que transmitem as notícias com rapidez e de forma orgânica.

O comportamento dos leitores de notícia também mudou nos dias atuais. Alguns ainda buscam os jornais disponíveis na versão digital, ou até mesmo através de portais de notícias, mas a maioria dos usuários da internet que tem crescido nos últimos anos e que estão conectados nas mídias sociais consomem conteúdo, muitas vezes, apenas por um post no *Instagram*.

Até então todos os estudos focavam muito na compreensão das estruturas textuais presentes nos veículos impressos. Contudo, com a mudança tecnológica e com a convergência das mídias, passa a ter uma reconfiguração nas produções e no próprio consumo jornalístico (Pereira, 2021, p. 4).

A pesquisadora Raquel Longui (2009) também trata sobre a dimensão das especificidades da Web como itens impactantes na escrita jornalística. Para ela, “diferentes tipos de formatos jornalísticos com imagens têm sido produzidos pelo webjornalismo, num processo de adequação à linguagem hipermediática do meio, que leva em conta em grande parte a remodelação de linguagens anteriormente estabelecidas pelo impresso, televisão, rádio e cinema” (Longhi, 2009, p. 194).

Esta hibridização percorre todos os gêneros jornalísticos e formatos. Entre eles, segundo a classificação de Marques de Melo, informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário e os variados formatos entre eles: nota, notícia, reportagem, entrevista, editorial, comentário, resenha, crítica, coluna, crônica, caricatura, dossiê, perfil, história de interesse humano e outros (Pereira, 2021, p 3-4).

As características a respeito do formato e gêneros jornalísticos usados pelo *Portal A Crítica* serão discutidos no capítulo a seguir, a partir da análise dos conteúdos utilizados no período que abrange o estudo. Nessa ótica, poderemos apontar novos caminhos e perspectivas para o jornalismo ambiental ou outros segmentos do jornalismo que retratem a Amazônia em seus textos, fotos, ou imagens no feed - espaço destinado a publicações fixas - do *Instagram*.

No estudo, também será analisado os conteúdos que foram divulgados pelo portal na plataforma do *Instagram*, tendo em vista uma abordagem qualitativa sobre os principais temas abordados e como a Amazônia é reproduzida na mídia social. Além disso, haverá uma análise de qual formato foi utilizado e as interações do público com a notícia.

2.3 A notícia no *Instagram* do Portal A Crítica

Dando continuidade a análise das notícias divulgadas no período de 2023 e as questões ambientais divulgadas no feed do *Instagram* do Portal A Crítica, vislumbra-se a necessidade de maior atenção para as questões ambientais na Amazônia. O Portal A Crítica possui cobertura de temas ambientais em seu site na internet, mas ainda é notório que a quantidade de conteúdos de matérias jornalísticas sobre as temáticas ambientais é muito maior que as postagens feitas na plataforma do *Instagram* no respectivo perfil do portal de notícias.

Há de se analisar quais razões levam a seleção de notícias que vão para o portal e para o *Instagram* do portal, e como a teoria do “gatekeeper”, que antes era visto como o guardião das notícias que seriam selecionadas para serem divulgadas nos jornais impressos, TV e tradicionais mídias de massa, agora pode ser adaptada também para os padrões de divulgação nas redes sociais, no caso específico do *Instagram*.

Conforme o quadro a seguir é possível analisar os títulos das postagens, temáticas e repercussão em curtidas e comentários, em âmbito regional, no caso do Portal A Crítica. A metodologia utilizada consistiu em análise de conteúdo, com uma coleta manual de postagens feitas no perfil do portal no *Instagram*, durante todo o ano de 2023 ano, e realizadas de forma manual durante o período de uma semana, sem utilização de motores de busca, e com busca apenas no *feed* do *Instagram* do Portal A Crítica. As categorias de análise são os indicadores de conteúdo “Seca”, “Meio Ambiente” e “Política” publicados no portal e reproduzidas na rede social.

Entre os temas abordados em todo o ano de 2023, o assunto com maior destaque foi a questão da estiagem e da seca dos rios da região amazônica a partir do mês de julho a outubro e com algumas ocorrências no mês de novembro. O tema se sobrepôs a outras questões e ganhou repercussão nacional mesmo que com ainda pouco destaque em comparação a outros temas nacionais.

Outro ponto que chama a atenção é a repercussão por meio das curtidas e comentários dos internautas, gerando o engajamento e interatividade. As postagens com maior número de curtidas mostram a seca dos rios e o impacto das mudanças climáticas na vida dos ribeirinhos

e dos animais. Outro assunto que ganhou a atenção dos internautas e usuários do *Instagram* nesse período foi o registro de fumaça que encobriu o céu de Manaus por conta das queimadas.

Vale destacar que o *Portal A Crítica* possui, atualmente, 300 mil seguidores e 5.560 posts publicados até o mês de março de 2025, sendo o portal no Amazonas entre os com maior número de seguidores no *Instagram*. A seguir, é possível verificar os dados obtidos após análise do conteúdo do portal no *Instagram*, tendo em vista as chamadas e legendas das publicações.

A seguir, estão os dados obtidos após análise do *Portal A Crítica* no *Instagram*.

QUADRO 1 – INDICADOR/TEMA: SECA E FUMAÇA

TÍTULO DA PUBLICAÇÃO	LINK DO INSTAGRAM	ALCANCE DA PUBLICAÇÃO (curtidas)
Mais um dia Manaus amanhece coberta de fumaça	https://www.instagram.com/p/CzL9_IsLBG/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFiZA==	491 CURTIDAS
Todos os municípios do Amazonas estão oficialmente em situação de emergência	https://www.instagram.com/p/CzHf74RvNaJ/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFiZA==	896 CURTIDAS
Rio Negro volta a subir e acumula alta de 17 centímetros em seu nível nos últimos 3 dias	https://www.instagram.com/p/CzBpxw4sZie/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFiZA==	3.540 CURTIDAS
Qualidade do ar volta a piorar em Manaus	https://www.instagram.com/p/Cy3aeoDLygO/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFiZA==	2.777 CURTIDAS
Pesquisador vê relação entre seca no rio Negro com aquecimento global	https://www.instagram.com/p/Cy3QuQBA5ek/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFiZA==	1.986 CURTIDAS
Nove municípios do Amazonas decretam situação de emergência pela estiagem em menos de 24 horas	https://www.instagram.com/p/Cyg6SmSPS6G/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFiZA==	945 CURTIDAS

Rio Negro bate recorde e chega à marca de 13,59 cm	https://www.instagram.com/p/CydYEtKgrTb/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFiZA==	2.935 CURTIDAS
Cadê Manaus? Cidade fica encoberta de fumaça das queimadas durante toda a semana	https://www.instagram.com/p/CyVwkZiLKcq/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFiZA==	5.509 CURTIDAS
Manaus entra em “estágio de mobilização”	https://www.instagram.com/p/CyRiJ2eLyUA/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFiZA==	7.226 CURTIDAS
Coberta por fumaça, Manaus amanhece como 2ª pior qualidade do ar do mundo	https://www.instagram.com/reel/CyQl5OvgO4L/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFiZA==	20.239 CURTIDAS
Lago em Tefé e viagens antes feitas de barco são realizadas de barco	https://www.instagram.com/reel/CyCGg6DL8cO/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFiZA==	5.520 CURTIDAS
6 horas em 30 segundos Manaus volta ao nível péssimo de qualidade do ar	https://www.instagram.com/reel/CyBejsnLTCM/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFiZA==	3.497 CURTIDAS
Seca do Rio Negro já é a décima pior da história	https://www.instagram.com/p/Cx-iXSygEWz/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFiZA==	2.319 CURTIDAS
Fumaça que cobriu Manaus foi resultado de queimadas em pelo menos quatro cidades no Estado	https://www.instagram.com/p/CxwRpC8MAj3/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFiZA==	2.671 CURTIDAS
Decreto: Manaus entra oficialmente em situação de emergência devido vazante do Rio Negro	https://www.instagram.com/p/CxvcIPSMVPH/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFiZA==	2.871 CURTIDAS
Manaus é tomada por fumaça e qualidade do ar é considerada péssima	https://www.instagram.com/reel/Cxt9gJbMixH/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFiZA==	16.231 CURTIDAS
Seca do rio causa morte de boto	https://www.instagram.com/reel/	4.278 CURTIDAS

cor-de-rosa e outros peixes em Tefé	CxtxwpbsANJ/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFiZA==	
Após fumaça, morador filma chuva de granizo no bairro Tarumã	https://www.instagram.com/reel/CxbJK1mgFqa/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFiZA==	1.416 CURTIDAS
Manaus sob fumaça	https://www.instagram.com/reel/Cxa1g8erxHe/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFiZA==	14.193 CURTIDAS

QUADRO 2 - INDICADOR/TEMA: MEIO AMBIENTE

TÍTULO DA PUBLICAÇÃO	LINK DO INSTAGRAM	ALCANCE DA PUBLICAÇÃO (curtidas)
Conhecida como rainha da floresta, Samaúma centenária é derrubada em Anamã	https://www.instagram.com/reel/CyfA5nSMqGu/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFiZA==	2.591 CURTIDAS
Desbarrancamento destrói parte do porto de Itacoatiara	https://www.instagram.com/p/CyRMVuaAR_c/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFiZA==	4.633 CURTIDAS
”É urgente o mapeamento de comunidades às margens dos rios de “água branca”, alerta pesquisador	https://www.instagram.com/p/Cx6boGjsjAa/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFiZA==	1.081 CURTIDAS

QUADRO 3 - INDICADOR/TEMA: POLÍTICA

TÍTULO DA PUBLICAÇÃO	LINK DO INSTAGRAM	ALCANCE DA PUBLICAÇÃO (curtidas)
Marina Silva anuncia mais 149 brigadistas, recursos e kits de equipamentos a caminho do Amazonas	https://www.instagram.com/p/CyWGR0qLCSk/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFiZA==	3.574 CURTIDAS
Amazonas entrará em situação de emergência por conta da estiagem, afirma governador	https://www.instagram.com/p/CxyId_qLpYJ/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFiZA==	2.437 CURTIDAS

Foram coletadas 24 publicações no feed do *Instagram* do *Portal A Crítica*, onde foi possível obter três indicadores em relação às análises de conteúdo, levando em consideração os títulos dos posts, como as principais temáticas abordadas, sendo elas: seca, meio ambiente e política. Para isso, foi avaliado ainda o alcance com o número de curtidas das postagens.

O indicador com a temática da seca foi o que obteve a maior quantidade de notícias sendo 19 postagens no ano de 2023 relacionada ao tema. Entre as notícias, a incidência de fumaça, a situação de emergência da capital amazonense e o nível do rio Negro tiveram maior destaque entre as publicações.

Em segundo lugar, com três publicações no *feed* do *Portal A Crítica*, o indicador meio ambiente apareceu com notícias relacionadas a derrubada de uma árvore centenária no município de Anamã, um desbarrancamento que destruiu parte do porto de Itacoatiara, e um alerta de um pesquisador sobre a urgência de mapeamento de comunidades ao redor dos rios de “água branca”.

O outro indicador que teve pouca incidência nas publicações do *Portal A Crítica* foi o relacionado às questões políticas, com duas postagens durante todo o ano de 2023. Um diz respeito ao repasse realizado por parte do Ministério do Meio Ambiente, com anúncio feito pela ministra Marina Silva, de recursos e equipamentos para combate às queimadas no Amazonas. E outro anúncio do governador do Amazonas, Wilson Lima, em que anuncia a situação de emergência do estado devido a estiagem.

Tendo como parâmetro para a análise, a teoria de Bardin no que diz respeito ao emissor, mensagem e receptor. Nos três indicadores vemos que o emissor é caracterizado pelas fontes de informação. A mensagem que foi transmitida diz respeito às três temáticas da seca, meio ambiente e política. O receptor é a população que consome os conteúdos das redes sociais. O meio de comunicação das mensagens é o *Portal A Crítica*.

Também podemos inferir que os conteúdos foram repercutidos após a publicação de reportagens feitas pelo portal, que podem ter sido reproduzidas por conteúdos de assessorias ou agência e também por produção própria do veículo e seu time de profissionais, entre eles repórteres, videomakers e fotógrafos.

No *Instagram*, fica visível o uso de novos formatos e não somente o escrito, como nos exemplos citados sobre as fumaças e seca dos rios, onde foram utilizados fotografias e vídeos para chamar a atenção do internauta e leitor. As postagens são feitas com títulos e legendas curtas que convidam o leitor a acessar a página do *Portal A Crítica* na internet para conferir mais detalhes sobre os assuntos.

Também é possível ver que os posts com a maior quantidade de alcance foram os oriundos de conteúdo audiovisual, com fotografias e vídeos. Os conteúdos com maior repercussão no *Instagram* foram: "Coberta por fumaça, Manaus amanhece como 2ª pior qualidade do ar do mundo", com 20.239 curtidas; "Manaus é tomada por fumaça e qualidade do ar é considerada péssima", com 16.231 curtidas; "Manaus sob fumaça", com 14.193 curtidas.

A seguir, destaca-se também as legendas, os conteúdos utilizados e as fontes de informação nas postagens do *Instagram* do *Portal A Crítica*:

QUADRO 4 – LEGENDAS E FORMATOS

TÍTULO DA PUBLICAÇÃO	DESCRIÇÃO DA LEGENDA	FORMATO DE CONTEÚDO
Mais um dia Manaus amanhece coberta de fumaça	#fotodasemana Mais um dia Manaus amanhece coberta por fumaça das queimadas, completando mais de dois meses de qualidade ruim do ar na cidade. Foto: Junio Matos/A Crítica	Fotografia
Todos os municípios do Amazonas estão oficialmente em situação de emergência	Todos os 62 municípios amazonenses estão oficialmente em situação de emergência. Os municípios de Presidente Figueiredo e Apuí, que estavam em situação de alerta no boletim divulgado pelo Governo do Amazonas na terça-feira (31/10), decretaram situação de emergência nesta quarta-feira (1º/11). Segundo dados da Defesa Civil, o Amazonas tem 598 mil pessoas afetadas até o momento pela seca severa, ou 150 mil famílias. Saiba mais no story 📱	Card com foto e título da matéria
Rio Negro volta a subir e acumula alta de 17 centímetros em seu nível nos últimos 3 dias	TÁ SUBINDO! Após atingir a maior seca já registrada da história, o rio Negro voltou a subir em Manaus. De sábado (28) até esta segunda-feira (30), o nível do rio subiu 17 centímetros, segundo registros de medição	Card com foto e título da matéria

	divulgados na plataforma do Porto de Manaus. A subida aconteceu logo após a estabilização do Rio Negro no dia 27 de outubro que atingiu a cota de 12,70 metros - o menor nível já registrado em pelo menos 121 anos.	
Qualidade do ar volta a piorar em Manaus	⚠ QUALIDADE DO AR Manaus voltou a apresentar, nesta quinta-feira (26), níveis de poluição do ar fora da normalidade, de acordo dados de monitoramento do Sistema Eletrônico de Vigilância Ambiental (Selva). Na manhã desta quinta, a maior parte da cidade registra qualidade do ar considerada “moderada”. No horizonte, é possível observar uma fina camada de fumaça. Segundo o aplicativo Selva, apenas o bairro da Cachoeirinha, na Zona Sul, apresenta níveis de poluição do ar considerados normais. O restante da cidade amanheceu com níveis de poluição do ar moderados. 📖 Leia na íntegra em ACRÍTICA.COM	Card com foto e título da matéria
Pesquisador vê relação entre seca no rio Negro com aquecimento global	Há dois dias, o Porto de Manaus anunciou que o Rio Negro havia atingido novo nível mínimo histórico. Sua cota ficou abaixo de 13 metros pela primeira vez desde 1902, quando começaram as medições. As imagens impressionam: partes que costumam ficar cobertas pelo leito do rio estão tomadas por bancos de areia. 📖 59 dos 62 municípios amazonenses estão em situação de emergência e 158 mil famílias foram afetadas. Leia nos stories	Card com foto e título da matéria
Nove municípios do Amazonas decretam situação de emergência pela estiagem em menos de 24 horas	Agora 59 municípios estão em situação de emergência, uma cidade continua em alerta e duas estão em normalidade. A seca já afeta 138 mil famílias no estado!	Card com foto e título da matéria

	A seca severa que atinge o Amazonas é a pior dos últimos anos. Ela é causada por uma combinação de fatores, incluindo o fenômeno climático El Niño, o desmatamento e as mudanças climáticas. Saiba mais detalhes do boletim da seca no story 	
Rio Negro bate recorde e chega à marca de 13,59 cm	SECA RECORDE! O Rio Negro atingiu a cota de 13,59cm em Manaus, a maior vazante de toda a história da capital amazonense. A marca supera a seca mais extrema já registrada do Rio Negro em Manaus em quatro centímetros até aqui. Em 2010, o rio marcou 13,63m. Este ano, atingiu nesta segunda-feira 13,59, dez centímetros a menos do que o registrado neste domingo. : Rayane Garcia / TV A Crítica  A cobertura completa da seca e muito mais você lê em ACRÍTICA.COM	Card com foto e título da matéria
Cadê Manaus? Cidade fica encoberta de fumaça das queimadas durante toda a semana	#fotodasemana Cadê Manaus?! Cidade fica encoberta de fumaça das queimadas durante toda a semana. : Márcio Silva/A Crítica	Fotografia
Manaus entra em “estágio de mobilização”	 Manaus entra em estágio de “mobilização” nesta quarta-feira (11) O anúncio foi dado pela prefeitura de Manaus por conta da intensa fumaça que cobriu a capital amazonense desde a madrugada de hoje. Em nota, o Centro de Cooperação da Cidade (CCC) informou que a alteração do status da cidade para "Mobilização" foi necessária após análises de especialistas de Saúde e Meio Ambiente da Secretaria Municipal de Saúde	Card com foto e título da matéria

	(Semsu) e da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Sustentabilidade (Semmas), devido à fumaça proveniente das queimadas. Saiba mais detalhes no story ou acesse este conteúdo no acritica.com  : Junio Matos e Márcio Silva/A CRÍTICA	
Coberta por fumaça, Manaus amanhece como 2ª pior qualidade do ar do mundo	AMAZONAS SEM AR A capital amazonense amanheceu mais uma vez coberta por intensa fumaça nesta quarta-feira (11). Manaus já é considerada o segundo pior lugar do mundo para se respirar. A qualidade do ar foi classificada como “hazardous”, ou seja, “perigosa” de acordo o painel de monitoramento de qualidade internacional World’s Air Pollution, que reúne dados de seus sensores ao redor do mundo - incluindo o Sistema Eletrônico de Vigilância Ambiental (Selva). Leia mais em acritica.com	Vídeo
Lago em Tefé e viagens antes feitas de barco são realizadas de carro	POR UM FIO  Após 125 botos serem encontrados mortos no Lago Tefé, no Amazonas na última semana, a região foi palco de mais uma cena inusitada devido a seca extrema que atinge quase todo o estado. Em vídeo que circula na internet é possível ver motociclistas atravessando uma ponte improvisada sobre terras rachadas causadas pela escassez de água. O curioso é que o mesmo trajeto de Tefé até Alvarães, que antes era realizado por embarcações, agora só é possível via terrestre. Confira a reportagem completa no story.	Vídeo
6 horas em 30 segundos Manaus volta ao nível péssimo de	MANAUS SOB FUMAÇA De acordo com os alertas	Vídeo

qualidade do ar	registrados na madrugada desta quinta-feira (5), a qualidade do ar está considerada com o nível péssimo em bairros como Parque Dez, Aleixo, Adrianópolis, Aparecida, Morro da Liberdade, dentre outros. Imagens: Dante Graça Leia mais em acritica.com 	
Seca do Rio Negro já é a décima pior da história	SECA Cidade já está classificada como “situação de emergência”. Além da fauna aquática, a população ribeirinha e urbana também é afetada pela estiagem. Na esfera de políticas públicas, já se planeja medidas por parte do Governo do Estado. Para ler mais, acesse o link no nosso story ou clique na nossa Bio. #CompartilheACritica	Vídeo
Fumaça que cobriu Manaus foi resultado de queimadas em pelo menos quatro cidades no Estado	CLIMA A Secretaria Estadual de Meio Ambiente (Sema) informou a fumaça veio dos municípios de Iranduba, Autazes, Rio Preto da Eva e Itacoatiara. Somente nos dias 26 e 27 deste mês foram observados 577 focos de calor no Amazonas, duas ocorrências na zona rural de Manaus e na região metropolitana, segundo dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). Mais detalhes sobre a fumaça que assolou a cidade nos últimos dias, acesse o link no story ou clique na nossa Bio 	Card com foto e título da matéria
Decreto: Manaus entra oficialmente em situação de emergência devido vazante do Rio Negro	 VAZANTE Manaus está oficialmente em situação de emergência devido à forte estiagem do rio Negro. O decreto municipal foi assinado pelo prefeito David Almeida, ao lado do vice e chefe da Casa Civil, Marcos Rotta, na manhã desta quinta-feira (28), em ato realizado no Cooperação da	Card com foto e título da matéria

	Cidade (CCC), localizado na zona Centro-Sul da capital. Após 13 dias seguidos retrocedendo mais que 30cm diários, conforme dados do Porto de Manaus, o rio Negro atingiu, na manhã de hoje (28), cota de 16,11 metros, ficando apenas 2,48 metros acima da maior seca já registrada, em outubro de 2010. Leia mais em acritica.com	
Manaus é tomada por fumaça e qualidade do ar é considerada péssima	☞ VISÃO ESFUMAÇADA A origem da fumaça ainda é desconhecida. A plataforma Sistema Eletrônico de Vigilância Ambiental (Selva), a qualidade do ar nesta noite em quase toda a cidade está acima de níveis considerados “ruins”. Na internet, manauaras reclamam de cheiro forte e de “neblina”. Para mais detalhes, acesse o link no story 	Vídeo
Seca do rio causa morte de boto cor-de-rosa e outros peixes em Tefé	SECA Cidade já está classificada como “situação de emergência”. Além da fauna aquática, à população ribeirinha e urbana também é afetada pela estiagem. Na esfera de políticas públicas, já se planeja medidas por parte do Governo do Estado. Para ler mais, acesse o link no nosso story ou clique na nossa Bio.	Vídeo
Após fumaça, morador filma chuva de granizo no bairro Tarumã	FORTES CHUVAS  Em meio a condições climáticas instáveis, um vídeo, que viralizou nas redes sociais, mostrar um homem pegando pequenos pedaços de gelo que caíram no chão, no bairro Tarumã. Durante as chuvas, foram registrados destelhamentos, desabamentos e alagamentos. Para mais detalhes, acesse o link no story 	Vídeo

Manaus sob fumaça	☞ MANAUS ENCOBERTA Grande quantidade de fumaça em toda a cidade assusta moradores de Manaus ☞ A capital amazonense está, desde o início da manhã, coberta por fumaça, dificultando inclusive a visualização de longas distâncias. Moradores também relataram forte cheiro de fuligem. Leia mais em acritica.com	Vídeo
Conhecida como rainha da floresta, Samaúma centenária é derrubada em Anamã	🌳 Uma árvore de Samaúma centenária começou a ser derrubada nesta segunda-feira (16), no município de Anamã (a 165 quilômetros de Manaus). Conhecida como “a rainha da floresta”, a tradicional samaumeira era uma atração na cidade e encantava tanto a população local quanto visitantes pelo seu tamanho gigantesco. Segundo a prefeitura de Anamã, o corte precisou ser feito porque a samaumeira localizada no meio da cidade estava sendo “alvo fácil e atrativo para raios”, e isso poderia representar riscos para a população. A derrubada da árvore em Anamã gerou diversas reações da população e internautas, que lamentaram a perda da samaumeira que era uma marca da cidade. Leia mais no story 📱	Vídeo
Desbarrancamento destrói parte do porto de Itacoatiara	🌀 Um desbarrancamento na margem da cidade de Itacoatiara, (distante 175 quilômetros de Manaus) causou a destruição parcial do porto da cidade na manhã desta quarta-feira (11). ☞ De acordo com os primeiros relatos dos moradores, o deslizamento da terra começou por volta das 9h, levando uma parte da estrutura e causando uma fenda de aproximadamente 300 metros.	Card com foto e título

	Leia mais em acritica.com	
”É urgente o mapeamento de comunidades às margens dos rios de “água branca”, alerta pesquisador	NOVAS TRAGÉDIAS PODEM ACONTECER ¶ O deslizamento de terra na Vila do Arumã no município de Beruri (a 249 km de distância de Manaus), que resultou na morte de duas pessoas, três desaparecidos, dez feridos e pelo menos 200 pessoas desabrigadas, acende o alerta da urgência de mapeamento de áreas de risco em comunidades que moram nas margens dos rios de "água branca". É o que diz José Alberto Lima de Carvalho, professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Amazonas (Ufam) e pesquisador dos impactos que as terras caídas causam nos moradores ribeirinhos do Amazonas. Em entrevista à reportagem de A CRÍTICA, o pesquisador explicou que a tragédia que aconteceu na Vila do Arumã foi uma combinação da pressão da água do terreno com a água do Igarapé do Arumã. Leia na íntegra no story ou acesse acritica.com 	Card com foto e título da matéria
Marina Silva anuncia mais 149 brigadistas, recursos e kits de equipamentos a caminho do Amazonas	REFORÇO  Para combater os incêndios florestais que ocorrem no estado do Amazonas, a ministra do Meio Ambiente Marina Silva anunciou medidas de apoio para diferentes cidades do estado, como Manaus, Autazes e Parintins, que estão cobertas por uma densa nuvem de fumaça proveniente do alto número de queimadas na região. Marina Silva anunciou o encaminhamento de mais 149 brigadistas a caminho do Amazonas, totalizando 289 no combate aos incêndios florestais. Um avião da Força	Card com foto e título da matéria

	Aérea Brasileira (FAB) será enviado com o encaminhamento de mais 200 kits com equipamentos destinados ao combate aos focos de incêndio na região. 📍 Os detalhes você lê em ACRÍTICA.COM ou pelo link na bio	
Amazonas entrará em situação de emergência por conta da estiagem, afirma governador	EMERGÊNCIA 📍 Segundo Wilson Lima, o Amazonas terá ajuda do Governo Federal por meio de recursos e, também, de helicóptero-bombeiros do Mato Grosso do Sul. Aproximadamente 170 mil pessoas estão sendo afetadas pela estiagem em todo o estado. Acompanhe os detalhes em acritica.com Foto: Junio Matos	Card com foto e título da matéria

Das 24 publicações do *Instagram* analisadas, é possível destacar que a maioria possui o formato de um card com foto e título da matéria que foi postado originalmente no *Portal A Crítica*, em sua página de notícias. Outro destaque fica por conta dos conteúdos audiovisuais, em sua maioria postados a partir de vídeos que circularam em aplicativos de mensagens ou em outros perfis das redes sociais.

Nestas postagens, também se verificou a presença de legendas curtas, que são os textos que são publicados junto com a imagem ou vídeo dentro da plataforma do *Instagram*. Das 24 publicações feitas em todo o ano de 2023, as legendas não excederam a quantidade de 3 parágrafos por postagem, sendo a maioria das publicações contendo 2 parágrafos de informações complementares.

Outro detalhe também é o uso da *hashtag* #fotodasemana para dois conteúdos postados exclusivamente no *Instagram* do *Portal A Crítica* de fotografias dos fotojornalistas Júnio Matos e Márcio Silva. Durante a coleta de dados dessa pesquisa, não foram encontradas matérias relacionadas às fotografias no respectivo portal de notícias, apenas as demais reportagens da cobertura jornalística que já estava sendo feita no decorrer do período de estiagem.

Em algumas publicações, também foram usadas retrancas para chamadas das matérias no próprio *Instagram*, diferentemente das matérias já postadas no portal de notícias, que foram utilizadas para chamar maior atenção dos leitores. Alguns exemplos são: “Tá subindo!”,

“Qualidade do ar”, “Seca Recorde”, “Amazonas Sem Ar”, “Por um fio”, “Manaus sob fumaça”, “Seca”, “Clima”, “Vazante”, “Visão Esfumaçada”, “Fortes Chuvas”, “Manaus Encoberta”, “Novas Tragédias Podem Acontecer”, “Reforço”, “Emergência”.

Já no quadro a seguir, a pesquisa propõe uma breve descrição das fontes de informação e narrativas utilizadas nas postagens do feed do *Instagram* do *Portal A Crítica* no ano de 2023, que são provenientes das reportagens e matérias encontradas na página principal do portal de notícias.

QUADRO 5 – FONTES DE INFORMAÇÃO

TÍTULO DA PUBLICAÇÃO	LINK DA MATÉRIA NO PORTAL	FONTE DE INFORMAÇÃO
Mais um dia Manaus amanhece coberta de fumaça	Não publicada no portal	Júnio Matos (fotógrafo)
Todos os municípios do Amazonas estão oficialmente em situação de emergência	Não publicada no portal	Governo do Amazonas
Rio Negro volta a subir e acumula alta de 17 centímetros em seu nível nos últimos 3 dias	https://www.acritica.com/geral/rio-negro-volta-a-subir-e-acumula-alta-de-17-centimetros-em-seu-nivel-nos-ultimos-tres-dias-1.322228	Porto de Manaus
Qualidade do ar volta a piorar em Manaus	https://www.acritica.com/geral/qualidade-do-ar-volta-a-piorar-em-manaus-1.321888	Sistema Eletrônico de Vigilância Ambiental (Selva)
Pesquisador vê relação entre seca no rio Negro com aquecimento global	https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-10/pesquisador-ve-relacao-entre-seca-no-rio-negro-e-aquecimento-global#:~:text=Para%20ele%2C%20há%20indícios%20de,Oceano%20Pacífico%2C%20mas%20do%20Atlântico.	Marcos Freitas, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Nove municípios do Amazonas decretam situação de emergência	https://www.acritica.com/manaus/nove-municipios-do-amazonas-declaram-situacao-de-emergencia-pela-estiagem-em-	Governo do Amazonas

pela estiagem em menos de 24 horas	menos-de-24-horas-1.321074	
Rio Negro bate recorde e chega à marca de 13,59 cm	https://www.acritica.com/manaus/vazante-historica-rio-negro-bate-recorde-e-chega-a-marca-de-13-59-metros-1.320902	Porto de Manaus
Cadê Manaus? Cidade fica encoberta de fumaça das queimadas durante toda a semana	Não publicada no portal	Márcio Silva (fotógrafo)
Manaus entra em “estágio de mobilização”	https://www.acritica.com/manaus/efeito-fumaca-manaus-entra-em-estagio-de-mobilizac-o-1.320511	Centro de Cooperação da Cidade (CCC) / Prefeitura de Manaus
Coberta por fumaça, Manaus amanhece como 2ª pior qualidade do ar do mundo	https://www.acritica.com/amazonia/coberta-por-fumaca-manaus-amanhece-como-segunda-pior-qualidade-do-ar-do-mundo-1.320437	World's Air Pollution
Lago em Tefé e viagens antes feitas de barco são realizadas de barco	https://www.acritica.com/geral/lago-em-tefe-seca-e-viagens-antes-feitas-de-barco-s-o-realizadas-de-moto-1.319834	Vídeos da internet
6 horas em 30 segundos Manaus volta ao nível péssimo de qualidade do ar	Não publicada no portal	Sistema Eletrônico de Vigilância Ambiental (Selva)
Seca do Rio Negro já é a décima pior da história	https://www.acritica.com/manaus/seca-do-rio-negro-ja-e-a-10-pior-da-historia-1.319660	Governo do Amazonas
Fumaça que cobriu Manaus foi resultado de queimadas em pelo menos quatro cidades no Estado	https://www.acritica.com/manaus/fumaca-que-cobriu-manaus-foi-resultado-de-queimadas-em-pelo-menos-quatro-cidades-do-estado-1.319169	Sema/Governo do Amazonas e INPE
Decreto: Manaus entra oficialmente em situação de emergência devido vazante do Rio Negro	https://www.acritica.com/manaus/decreto-manaus-entra-oficialmente-em-situac-o-de-emergencia-devido-vazante-do-rio-negro-1.319118	Prefeitura de Manaus
Manaus é tomada por fumaça e qualidade do ar é considerada péssima	https://www.acritica.com/manaus/manaus-e-tomada-por-fumaca-e-qualidade-do-ar-e-	Sistema Eletrônico de Vigilância Ambiental (Selva)

	considerada-pessima-1.319079	
Seca do rio causa morte de boto cor-de-rosa e outros peixes em Tefê	https://www.acritica.com/amazonia/boto-cor-de-rosa-morre-devido-estiagem-em-tefe-1.319071	Vídeos da internet e Governo do Amazonas
Após fumaça, morador filma chuva de granizo no bairro Tarumã	https://www.acritica.com/manaus/apos-fumaca-morador-filma-chuva-de-granizo-no-bairro-tarum-defesa-civil-registrou-5-ocorrencias-1.318345	Vídeo da internet
Manaus sob fumaça	https://www.acritica.com/manaus/nova-onda-de-fumaca-cobre-manaus-deixando-qualidade-do-ar-de-muito-ruim-a-pessima-1.322315	Moradores de Manaus
Conhecida como rainha da floresta, Samaúma centenária é derrubada em Anamã	https://www.acritica.com/geral/conhecida-como-rainha-da-floresta-samauma-centenaria-e-derrubada-em-anam-1.320983	Prefeitura de Anamã
Desbarrancamento destrói parte do porto de Itacoatiara	https://www.acritica.com/geral/desbarrancamento-destroi-parte-do-porto-de-itacoatiara-1.320462	Moradores de Itacoatiara
"É urgente o mapeamento de comunidades às margens dos rios de “água branca”, alerta pesquisador	https://www.acritica.com/geral/e-urgente-o-mapeamento-de-comunidades-as-margens-de-rios-de-agua-branca-alerta-pesquisador-1.319518	Professor José Alberto Lima de Carvalho/Departamento de Geografia da Ufam
Marina Silva anuncia mais 149 brigadistas, recursos e kits de equipamentos a caminho do Amazonas	https://www.acritica.com/manaus/marina-silva-anuncia-mais-149-brigadistas-recursos-e-kits-de-equipamentos-a-caminho-do-amazonas-1.320661	Ministério do Meio Ambiente/ Governo Federal
Amazonas entrará em situação de emergência por conta da estiagem, afirma governador	https://www.acritica.com/manaus/amazonas-entrara-em-situacao-de-emergencia-por-conta-da-estiagem-afirma-governador-1.319242	Governo do Amazonas

De acordo com os dados apresentados, é importante ressaltar que as 24 publicações feitas no *Instagram* foram repercutidas, em sua maioria, de conteúdos divulgados no *Portal A Crítica*, durante o ano de 2023. Apenas três postagens não foram localizadas as respectivas matérias durante essa pesquisa, sendo duas delas os conteúdos fotográficos em que se utilizou apenas as fotografias dos profissionais do veículo de comunicação.

Outro fator preponderante diz respeito às fontes de informação das legendas das postagens e, por conseguinte, das matérias jornalísticas. As fontes em sua maioria são consideradas fontes oficiais de informação, tendo como exemplo o Poder Público e Executivo, como foi os casos das publicações onde foram citados o Governo do Amazonas e a Secretaria de Meio Ambiente (Sema); a Prefeitura de Manaus e o Centro de Cooperação da Cidade (CCC); Prefeitura de Anamã e Ministério do Meio Ambiente.

Durante a pesquisa, também chamou atenção a presença também de fontes científicas, como foram os casos de fontes como a Universidade Federal do Amazonas (Ufam) e com um pesquisador do departamento de Geografia da universidade; o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) e ainda o uso de dois sites e aplicativos de monitoramento: o Sistema Eletrônico de Vigilância Ambiental (Selva), criado por pesquisadores da Universidade do Estado do Amazonas, e o World's Air Pollution.

Em relação às fontes de informação, também houve a repercussão de postagens com dados do próprio Porto de Manaus, onde é possível averiguar a cota diária do Rio Negro. Este dado foi constantemente utilizado para a produção de matérias sobre a estiagem e para o monitoramento da cheia do rio, que acabou impactando a vida de comunidades e animais da floresta amazônica.

Ainda com um espaço reduzido, houve menção em algumas postagens de fontes de moradores das cidades de Manaus e Itacoatiara, mas apenas de forma genérica, sem o aprofundamento de personagens ou fontes consideradas não-oficiais. Em alguns vídeos utilizados na plataforma, o veículo de comunicação se utilizou de termos como “vídeos com repercussão nas redes sociais” ou “relato de moradores”.

Após as análises dos dados da pesquisa, fica claro que o conteúdo divulgado pelo *Portal A Crítica* em seu perfil no *Instagram*, necessita de um maior aprofundamento das questões ambientais na Amazônia, não apenas durante os eventos extremos como foi o caso do período da estiagem. Outro ponto diz respeito às representações da Amazônia amazonense no jornalismo local.

Do ponto de vista das expressões da questão ambiental da Amazônia, é possível ver que esta se restringiu à questão da seca na região, mas sem contextualizar os efeitos sociais, políticos e econômicos que impactam diretamente na vida dos amazônidas. Outro ponto de discussão fica por conta do protagonismo dos povos amazônicos nas postagens, e, sobretudo nas reportagens produzidas, discussão que será tratada a seguir a partir da interpretação de uma nova perspectiva para o jornalismo ambiental na Amazônia.

2.4 As expressões da questão ambiental: uma análise das matérias jornalísticas

As análises das reportagens que são reproduzidas no *Instagram* do *Portal A Crítica* trazem à tona também a própria descoberta em relação à cobertura das questões ambientais por parte do portal e como a Amazônia passa a ser representada e expressa na mídia de massa tradicional. É possível notar que as nas notícias selecionadas no período de análise que compreende todo o ano de 2023, a questão ambiental que mais ficou evidente diz respeito às mudanças climáticas, mas do ponto de vista dos efeitos que elas causam.

Ficou muito evidente a presença de notícias relacionadas em sua maioria ao período de seca e estiagem e devido à ausência de chuvas na região, que são reflexo da questão ambiental relacionada às mudanças climáticas. A importância da Amazônia como reguladora climática global é tema da mídia, mas quando há eventos climáticos extremos, como a estiagem dos rios amazônicos, que afeta a vida de ribeirinhos.

Outro ponto de destaque se tratou da questão ambiental relacionada a queimadas, que associada à questão ambiental do desmatamento, interfere no clima da região. Neste ano específico, outro fato foi a presença de fumaça e poluição do ar em vários pontos do Amazonas, e, mais visivelmente, na capital Manaus. Esses são um dos temas mais recorrentes, pois a mídia, e neste caso o portal, destaca o avanço da derrubada da floresta, mas também a perda da biodiversidade e das emissões de gases de efeito estufa.

Outra questão ambiental que também ganha notoriedade na mídia é a perda da biodiversidade, nas matérias que trataram sobre a morte de espécies nos rios amazônicos durante o período da seca, como peixes, botos, e outras espécies, bem como a seca dos rios e igarapés em algumas regiões do estado, o que torna inviável a vida de animais que vivem nas águas, causando um desequilíbrio no ecossistema amazônico e afetando a vida de ribeirinhos que dependem dele para sua subsistência.

Outro ponto observado nas matérias analisadas, apesar da baixa incidência, foi o das políticas ambientais e de fiscalização que pautaram a cobertura no sentido de mostrar as ações

do Governo do Estado e Governo Federal, como o repasse de verba para combate às queimadas e incêndios florestais na região. Também foram destacados os vários alertas e decretos de situação de emergência emitidos tanto pelo Governo do Estado do Amazonas quanto pela Prefeitura de Manaus.

Essas situações também evidenciam um olhar para a Amazônia, atenuando a forma como ela é expressa na mídia tradicional e reproduzida nas mídias sociais. A região é vista como algo ainda a ser protegido, mas também desbravado. Vemos que as notícias expressam uma Amazônia ainda desconhecida, mas também que não possui interação das comunidades locais. Há também um processo de omissão da realidade da região do ponto de vista dos povos que habitam a floresta.

Reforça-se então o olhar externo à Amazônia profunda, com as vozes dos que estão em cargos públicos ou mesmo um olhar que não é humanizado, visando apenas os dados ou os fatos. A Amazônia também é vista a partir da ótica de clichês como o “pulmão do mundo”, como “patrimônio natural” ou como responsável pelo aquecimento global e mudanças climáticas.

A natureza é vista como algo intocável e quase imutável, cujas mudanças são incontrolláveis do ponto de vista humano, como no caso dos eventos extremos, onde a lógica parece recair para as populações e apenas para os criminosos que praticam desmatamento e queimadas, mas não se vê um discurso na mídia voltado para a responsabilidade dos governantes em formularem políticas públicas que favoreçam a Amazônia e suas populações.

A voz dos ribeirinhos, indígenas, interioranos é também ignorada na narrativa das matérias jornalísticas analisadas e a Amazônia acaba sendo expressa apenas como uma região que está com seus recursos naturais sendo destruídos e vista como reguladora do clima global. Há também o enfoque nas questões climáticas e discursos alarmistas quando se trata das questões extremas, como a poluição do ar em decorrência das fumaças de queimadas.

A globalização, o avanço do capital e invisibilidade das populações tradicionais faz paralelo com o que já citamos neste trabalho no sentido de como a globalização interfere no olhar sobre a Amazônia.

CAPÍTULO III

A QUESTÃO AMBIENTAL E O FAZER JORNALÍSTICO DO *PORTAL A CRÍTICA*: os desafios para um “Jornalismo da Floresta”

Este capítulo sugere uma discussão sobre um novo tipo e outras formas de se fazer jornalismo na Amazônia, voltado para a proteção dos povos originários, da floresta em pé e do protagonismo destas populações no fazer jornalístico na Amazônia amazonense, e tem como foco a análise do *Portal A Crítica*; Para tanto, foi necessário fazer uma conceituação e caracterização do que seria esse jornalismo, que já se vislumbra na Amazônia, denominado de “Jornalismo da Floresta”, para então pensarmos em que ponto o jornalismo local e regional se aproxima e ou se afasta deste tipo de abordagem mais humanística, tendo em vista as populações e comunidades locais. Neste sentido, foi imperativo uma abordagem de como o referido Portal, nas análises de conteúdos e das matérias jornalísticas selecionadas, ainda está alinhado à lógica do capital e a um modo, de certa forma, colonial de se fazer jornalismo por aqui.

A constatação de que o colonialismo presente no jornalismo local, em se tratando de Amazônia, é ainda mais visível ao se observar as notícias reproduzidas pelo Portal no *Instagram*, visto que muitas delas se referem a narração e reportagem dos fatos sem que haja um aprofundamento ou contextualização das informações. Em outras notícias, há também o discurso governamental, que tem influenciado cada vez mais as redações, não só no Amazonas, mas em âmbito nacional, quando falamos da grande mídia.

Um jornalismo de resistência, frente a esse modo de jornalismo ligado aos interesses políticos e comerciais, tem sido realizado pelos veículos independentes, que em várias partes do Brasil, divulgam informações coerentes e contextualizadas com o histórico e com as características das realidades locais e regionais. Esses novos formatos propõem um jornalismo voltado para divulgar as notícias sem que haja apenas o relato dos fatos.

Uma forma de colonizar o jornalismo está, na maioria das vezes, na escolha das vozes a serem ouvidas. No jornalismo tradicional geralmente as fontes de informação se concentram nas fontes formais como governos e governantes. No caso específico do *Instagram* do *Portal A Crítica* e nas matérias jornalísticas publicadas no portal sobre a questão ambiental, nosso corpus empírico, vemos que há uma prioridade em dar voz ao discurso governamental, aos dados e as fontes secundárias que não são, necessariamente, a dos amazônidas, dos povos tradicionais, dos

indígenas e deste público que habita a Amazônia, seja na área urbana, rural ou no interior do estado.

Há também a discussão sobre os interesses econômicos que envolvem a publicação em veículos de comunicação tradicionais, como o caso do *Portal A Crítica*, em que os proprietários das empresas possuem vínculos, seja de patrocínio ou de verbas de publicidade, de instituições públicas e privadas como exemplo de órgãos governamentais e outras empresas que acabam sendo financiadoras dos veículos de comunicação, seja para emplacar anúncios ou matérias favoráveis a seu governo ou negócio.

Outra questão está na ótica do capital e das questões mercadológicas que giram em torno da divulgação de notícias (Ianson, 2010), pois o jornalismo tradicional que foca no declaratório e na mera reportagem dos fatos também tende a utilizar tais mecanismos para atrair mais a atenção para as notícias. E no caso de portais de notícias, a audiência por meio de cliques, acessos, alcance, sobretudo nas redes sociais: esse é um modo de fazer jornalismo que está focado na lógica do capital e na notícia como uma mercadoria.

Entender o jornalismo como sujeito de um processo de colonização é atribuir a ele um papel importante como agente de colonização interna. Ele cumpre esse papel quando se torna intermediário de um processo de importação de verdades originadas nos países centrais do processo de colonização global. Entender o jornalismo como objeto de um processo de colonização significa identificar os agentes externos e internos que levam a atividade jornalística de um determinado país a basear suas práticas, métodos, agendas e valores por referência às potências centrais. Para tal, é preciso cultivar um distanciamento crítico em relação às narrativas dominantes sobre o jornalismo (Albuquerque, 2022, p. 9).

O jornalismo ocidental, que é pautado em critérios como objetividade e imparcialidade, carece da necessidade de representar com fidelidade as realidades de povos historicamente marginalizados (Beltrão, 2004.). No contexto amazônico, a situação ainda é mais urgente diante da recorrente invisibilização dos saberes indígenas e das comunidades ribeirinhas, tradicionais e quilombolas, que são sistematicamente representados como “outros”, exóticos ou obstáculos ao progresso. Essa dinâmica evidencia a urgência de práticas jornalísticas decoloniais (Silva; Aguiar, 2023), que rompam com as estruturas narrativas coloniais e promovam a escuta e o protagonismo das vozes amazônicas. Mas um jornalismo diferenciado, que se faz urgente em nossa região e, principalmente, na Amazônia amazonense, seria um *Jornalismo da Floresta*, que dá protagonismo aos povos tradicionais e originários da Amazônia, aos segmentos subalternizados e que ecoa as vozes dos povos da floresta, suas necessidades, suas lutas e seus anseios.

A proposta de um jornalismo da floresta surge como alternativa ética, epistemológica e política ao modelo hegemônico e tradicional. Trata-se da possibilidade de um jornalismo enraizado nos territórios, que reconhece os saberes tradicionais como fontes legítimas, valoriza a oralidade, e compreende a floresta não apenas como cenário, mas como um coletivo de sujeitos dotados de direitos. A referida prática envolve não apenas a cobertura de temas amazônicos por jornalistas locais, mas também a criação de meios de comunicação autônomos, capazes de desafiar as lógicas exógenas de produção de conteúdo. Neste capítulo, faremos uma breve descrição das principais características deste jornalismo e a importância dele para o presente e futuro da Amazônia, de seus povos e de sua cultura.

3.1 O jornalismo e as novas narrativas na mídia de massa

O imaginário sobre a Amazônia reforçado pelos colonizadores da região e pelos povos estrangeiros também reflete o pensamento destes indivíduos em relação aos povos originários, que até os dias de hoje, muitas vezes são vistos como selvagens e considerados à margem da sociedade. A mídia contribuiu para reforçar este imaginário e olhar sobre a região. Por isso, faz-se necessário entender também como o jornalismo pode impactar em novas narrativas na mídia de massa sobre esses povos. Para Nilson Lage (2014, p. 21), o jornalismo é “atividade de natureza técnica caracterizada pelo compromisso ético peculiar”; ele completa que

o jornalista deve saber selecionar o que interessa e é útil ao público (o seu público, o público-alvo); buscar a associação entre essas duas qualidades, dando à informação veiculada a forma mais atraente possível; ser verdadeiro quanto aos fatos e fiel quanto às ideias de outrem que transmite ou interpreta; admitir a pluralidade de versões para o mesmo conjunto de fatos, o que é um breve contra a intolerância; e manter compromissos éticos com relação a prejuízos causados a pessoas, coletividades e instituições por informação errada ou inadequada a circunstâncias sensíveis (Lage, 2014, p. 21).

Corroborando este conceito de Lage (2014) sobre o fazer jornalístico e o compromisso do jornalista em divulgar informações verídicas e que não reforcem os estereótipos, é notória a necessidade de refletir e repensar o jornalismo que trata das causas indígenas e coloca os povos indígenas como protagonista na produção de conteúdos.

Além da importância do jornalismo para noticiar informações de qualidade sobre a sociedade- dentre as quais a pauta indígena -, outro ponto que deve ser considerado diz respeito à seleção de notícias sobre os povos indígenas. Neste contexto, é necessário entender que a escolha por determinados temas na imprensa também é discutida em uma das teorias da comunicação denominada de “Gatekeeper”.

Tal teoria analisa o processo de seleção e construção de notícias na redação de veículos de comunicação de massa. O termo que significa “guardião dos portões” diz respeito à pessoa que define o que será noticiado, de acordo com os critérios editoriais. Na rotina dos veículos de comunicação essas pessoas podem ser os repórteres, editores, chefes, diretores de jornalismo. Criada pelo psicólogo Kurt Lewin em 1947, esta teoria foi aplicada ao jornalismo por David Manning White em 1950.

Segundo Silva e Rocha (2016), esta teoria contribui para analisar como se dá nas redações, o processo de seleção e construção do material jornalístico e serve para verificar o motivo pelo qual certos itens são escolhidos, modelados e posicionados, enquanto outros conteúdos não passam por esse filtro sendo rejeitados ou esquecidos ao longo da produção jornalística. Os autores completam que

a mídia e os filtros estabelecidos nesta produção de materiais jornalísticos podem influenciar também como o indivíduo se vê dentro da sociedade, no caso dos povos indígenas, e como as notícias sobre eles podem também interferir em como a sociedade os vê. Também é necessário entender a necessidade desses povos reafirmarem sua identidade em suas relações sociais, defendendo sua cultura, luta e valores. (Silva e Rocha, 2016, p.19-20)

Essa definição a respeito da própria identidade foi desenvolvida para a discussão sobre ideologia, por exemplo, que se expandiu a partir das mídias de massa e que são tidas como ideia do senso comum e crenças em uma sociedade onde há interesse de grupos dominantes, muito embora a mídia de massa reforce a posição desses grupos.

Outras concepções de jornalismo atribuem ao jornalista, além das competências do ofício ou mais do que elas, o dever da militância a serviço de causas julgadas nobres; isso se aplica não apenas à opinião expressa ou interpretação dos fatos, mas a escolhas temáticas e ao próprio relato factual. Trata-se de traço peculiar, já que essa participação, própria da cidadania, não é particularmente exigida de advogados, engenheiros ou quaisquer outros profissionais no exercício de suas atividades (Lage, 2014).

Atualmente, os discursos produzidos pelos meios de comunicação são construídos a partir de relatos de acontecimentos e através do olhar subjetivo do jornalista sobre a notícia. Entretanto, a objetividade por parte dos jornalistas segue sendo muito considerada. Segundo Loose (2010), a visão do jornalismo objetivo é ultrapassada, mas ainda resiste em alguns lugares. Enquanto jornalistas e pesquisadores do jornalismo veem esse ideal como uma meta a ser alcançada, principalmente quando se fala em apuração dos fatos, elaboração dos textos e o método de elaboração das notícias.

Outro ponto que merece espaço nessa explanação inicial é o papel do jornalista como mediador das informações de outros campos. Por muito tempo, acreditou-se que o campo jornalístico tinha como função principal veicular os acontecimentos que ocorriam nos demais campos sociais. Essa é uma atribuição legítima, afinal, para o exercício da profissão, há necessidade de recorrer a fontes de áreas diferentes, de realizar a cobertura de eventos e acontecimentos que fogem do próprio campo (Loose, 2010).

Nesta concepção em que o jornalismo é um meio (e não o fator único) de mudança de pensamentos, de transformação da sociedade, de estabelecimento de imaginários e ideologias, de reforço de identidades e, principalmente, de garantia da cidadania, é importante saber que o jornalismo não pode ser dividido por espécies, mas pode ser definido por segmentações de acordo com as editorias dos grandes veículos de comunicação de massa e veículos independentes, sendo alguns deles o jornalismo: de cidades, cultural, econômico, político e ambiental.

O jornalismo ambiental é um segmento do jornalismo que também aborda e “pauta” as causas indígenas na mídia. Segundo Loose (2010), o jornalismo ambiental pode, de certa forma, ser considerado como um jornalismo cívico centrado na temática ambiental, sendo esse jornalismo de interesse público e com viés mais político, por incentivar e fortalecer a democracia e a democratização de informações para as tomadas de decisões por parte dos cidadãos. “No entanto, ele vai além porque busca desvendar as conexões ocultas que perpassam a sociedade, não se detendo unicamente no que é tido como ambiental” (Loose, 2010, p. 15).

A mídia de massa pode afetar o modo de vida, a percepção e as pré-noções das pessoas por, muitas vezes, possuir caráter tendencioso. Mas também pode ser utilizada como importante meio de comunicação principalmente a partir do advento da mídia digital. Outra questão ao se pensar a comunicação na Amazônia é discutir os estereótipos e imaginários sobre a região, justamente por conta da sua particularização. Os discursos sobre a Amazônia na mídia principalmente partindo de um pensamento colonizador europeu são disseminados muitas vezes de forma deturpada ou superficial como já se noticiou, inclusive, o clichê de “pulmão do mundo”, segundo Monteiro e Colferai (2011, p.34).

Segundo estes autores, qualquer abordagem da Amazônia deve assumir a indissociabilidade entre a natureza e o homem, “seja ela uma relação de integração ou de intervenção, pois se trata de aspecto fundamental para entendê-la”, além de sugerirem que é fundamental romper paradigmas tradicionais que “mais parecem obrigar à adaptação do mundo

vivido aos seus protocolos do que de fato fazer a prospecção das relações comunicativas” (Monteiro e Colferai, 2011 p. 34).

O jornalismo ambiental, apesar de estar centrado na temática das notícias sobre questões ambientais, também pauta as questões sociais dos povos que fazem parte do ecossistema e defendem a floresta e os recursos naturais. Os povos indígenas que figuram nas reportagens da editoria de meio ambiente, também podem ser destacados em outras editorias como de cultura, política, sociedade e economia. Por conta dessa necessidade, o jornalismo precisa evoluir para dar maior visibilidade e representatividade aos indígenas na mídia, seja como personagens ou produtores das informações sobre si próprios.

3.1.1 Narrativas indígenas na mídia

As discussões sobre etnojornalismo ganharam força nos últimos anos como meio de resistência dos povos indígenas e de contribuir para ecoar a voz dos povos indígenas, para que esses povos possam ter protagonismo dentro da produção de conteúdos jornalísticos sobre a Amazônia e a sociedade. Entretanto, o que se vê nas redações de notícias e nos veículos de comunicação ainda não traduz a representatividade necessária desses povos na grande mídia.

As tentativas de registros e produções indígenas próprias começaram no fim do século XX. Este movimento é tido por autores como “giro decolonial”, conforme citado por Silva (2024). Os autores Galassi, Kaseker e Ribeiro, citados por Silva (2024) ressaltam que, já a partir dos anos 1970, as imagens tornaram-se mais complexas, sobretudo pela maior visibilidade de líderes indígenas, dentre eles Mário Juruna, Ailton Krenak, Marcos Terena, Davi Yanomami e Paulinho Kayapó.

A variedade de canais midiáticos, principalmente on-line, como as redes sociais e ainda a partir do advento de produção de notícias e por maior participação de indígenas como formação nas áreas de comunicação tem proporcionado esse aumento na visibilidade, e acaba permitindo a grupos antes invisibilizados e silenciados a abordagem de sua história e cultura de modo amplo e profundo, e não mais superficial a partir de um olhar “externo” à realidade dos povos indígenas.

A produção de conteúdo feito por esses grupos determina uma certa mudança nos paradigmas da própria produção de conteúdo e de notícias, além de dar maior protagonismo às narrativas indígenas, que antes eram romantizadas pela literatura, pela história e pela própria mídia, muitas vezes fazendo parte de um imaginário estrangeiro da Amazônia e de outras

regiões onde esses indígenas ocupavam seus espaços. Essa produção também possibilita a construção do lugar de fala destes grupos tanto nas redes sociais, como na mídia.

Segundo a jornalista e especialista em etnomídia Renata Machado Tupinambá, etnomídia é uma forma de empoderamento cultural e étnico, por meio da convergência de várias mídias dentro de uma visão etno. Por isso o uso deste prefixo. Ela é uma forma que promove a descolonização dos meios de comunicação, podendo ser executada por diferentes identidades étnicas e culturais. A apropriação dos meios de comunicar tornou possível aos povos serem seus próprios interlocutores (Tupinambá, 2016).

Esse ideal de um Jornalismo da Floresta produzido e baseado na Amazônia, por jornalistas amazônidas e protagonizado pelos povos amazônicos perpassa diversas barreiras e percalços que serão tratados a seguir no modo e no fazer jornalístico atual, que podem impedir esse modelo de ser aplicado, replicado e defendido como um novo jornalismo na região.

3.2 Entendendo o “Jornalismo da Floresta”: uma crítica ao jornalismo tradicional

No cerne da discussão sobre a abordagem dos conteúdos do *Portal A Crítica* no *Instagram*, adentra-se a questão do fazer jornalístico na Amazônia e do conceito do que seria um Jornalismo da Floresta. Antes de tudo, e após as análises feitas das matérias jornalísticas, verificou-se ainda a ausência de protagonismo dos povos amazônicos na construção de reportagens e do conteúdo que é reproduzido no *Instagram* do portal.

Entende-se que o conceito de Jornalismo da Floresta ainda é algo novo a ser explorado e está em questão o sentido deste que seria um novo modelo de jornalismo a ser adotado como prática na Amazônia, sobretudo a amazonense, que compreende o estado do Amazonas. A importância desse novo jornalismo e de como ele impacta na cobertura jornalística tanto de portais de notícias e demais veículos de comunicação, bem como as redes sociais, dão margem para uma nova perspectiva e proposta de fazer jornalismo na região.

Em uma pretensa conceituação, ainda básica, entende-se que o tal jornalismo, que seria um tipo de jornalismo ambiental, se refere à prática de reportagens e coberturas jornalísticas de questões ambientais que também serão reproduzidas nas redes sociais, mas que se conectem especialmente ao protagonismo e às vozes das comunidades locais, como as ribeirinhas, indígenas, quilombolas e outras populações tradicionais nos territórios amazônicos.

Este tipo de jornalismo, além fazer ecoar essas vozes, busca destacar a importância da preservação ambiental e informar o público sobre os desafios enfrentados nos ecossistemas florestais, como o desmatamento, mudanças climáticas e conservação da natureza. Também é

um ideal de jornalismo que conecta a história vivida por pessoas que vivem nas florestas e lutam pela proteção da floresta em pé, promovendo uma compreensão da interdependência entre os seres humanos e o meio ambiente.

Além disso, faz com que o homem amazônida possa ser entendido e representado como um ser social que também interage e dialoga com o meio onde vive, e, por isso, precisa ter suas narrativas consideradas quando um assunto é abordado por meio de uma reportagem ou uma cobertura jornalística ambiental. Por meio do Jornalismo da Floresta, acredita-se que será possível sensibilizar a sociedade para as questões ambientais, para a conservação florestal e para a preservação da cultura dos que vivem na Amazônia.

Outro aspecto mais significativo ainda diz respeito às características deste jornalismo que contrapõe o jornalismo exercido atualmente, que ouve, na maioria das vezes, apenas as fontes oficiais como governos, prefeituras, institutos de pesquisa ou órgãos de monitoramento, no caso de questões ambientais ligadas a eventos como a seca e cheia dos rios amazônicos. Pouco se vê ainda uma cobertura focada no protagonismo das pessoas que vivem nas regiões em que estas ocorrências se efetivam.

De acordo com Geraque (2018), em 2022, se falava nos Estados Unidos sobre um novo modo de fazer jornalismo ambiental, cujas algumas características podem se aproximar da ideia de Jornalismo da Floresta, como a questão do diálogo de mão dupla para se chegar em soluções viáveis para um desenvolvimento sustentável, conforme se observa a seguir:

O pesquisador Jim Detjen, no artigo *A New Kind of Environment Reporting is Needed*, publicado no *Nieman Reports*, da Universidade de Harvard em 2022, propõe uma contribuição instigante dentro do contexto ambiental. Segundo o autor, é mais do que urgente que se desenvolva um novo tipo de jornalismo ambiental que ele chama de *Jornalismo Sustentável* (...) para este autor, o novo tipo de jornalismo deveria incorporar os melhores aspectos da tradicional pesquisa jornalística, linguagem precisa e esforços de reportagem. Deveria ser direcionado para educar as pessoas, a partir de um caminho duplo. A importância da natureza e do desenvolvimento sustentável de um lado e, de outro, os esforços que devem existir para que se consiga um desenvolvimento econômico concomitante a um meio ambiente saudável. Esse Jornalismo também tem que suportar o diálogo entre as pessoas para que dele possam sair soluções (Geraque, 2018, p. 43-44).

Entre as características do jornalismo ambiental que pode se verificar no Jornalismo da Floresta também podem estar descritas as seguintes: visão sistêmica e holística, caráter multidisciplinar, a centralidade da voz do cidadão, a educação ambiental e o engajamento do repórter. De acordo com Pedrini et al. (2023), o jornalismo ambiental possui tais características que podem apontar para uma maior percepção das questões ambientais.

A visão sistêmica no jornalismo ambiental refere-se à compreensão dos fatos e dos personagens inseridos em um sistema, o que remete a interconexões entre todos os elementos da natureza (...) Portanto, além do olhar sistêmico, é necessária uma visão transversal (...) O mantra da objetividade, a velocidade e a lógica mercadológica em que a atividade jornalística se insere não tem admitido essa abordagem que poderia tornar o tratamento das questões ambientais mais aprofundados. A atual realidade da cobertura ambiental é a veiculação de poucas informações isoladas de seus contextos (Pedrini et al., 2023, p. 6).

A questão da objetividade, da velocidade e a lógica mercadológica são parâmetros que podem ser transformados sobre a ótica do Jornalismo da Floresta, que visa a ter uma contextualização e uma profundidade maior sobre os temas em pauta. Além da necessidade da visão transversal dos acontecimentos, considerando-se o protagonismo dos povos da floresta. Neste jornalismo, que também possui as características dos modelos de Jornalismo Ambiental, em relação a apuração, checagem, abordagens e visão sistêmica, se sobressai o olhar para os povos amazônicos, suas peculiaridades e suas contribuições, dando vez e voz para que eles ocupem seus lugares de fala dentro das coberturas jornalísticas.

Outra característica do Jornalismo da Floresta diz respeito aos tipos de jornalismo que podem ser encontrados na Amazônia como descreve Domingos (2024), ao citar que a Amazônia também pode ser agente de transformação de projetos jornalísticos e que a floresta pode ser vista como heroína nas narrativas utilizadas nas reportagens sobre a região. Entre os “jornalisms”, o autor cita os Jornalismo Clássico, o Jornalismo Literário, o Jornalismo Ambiental, o Jornalismo de Resistência e como todos estes se fundem em um jornalismo voltado para reportar as questões ambientais na Amazônia.

Domingos (2024) também afirma que a Amazônia é quem pode decidir e influenciar as questões climáticas em todo o mundo, quem dá aos povos originários seus recursos, e que a sua necessidade de preservação e importância em relação a sua biodiversidade fazem chamar a atenção de jornalistas de todo o mundo. Por isso, é necessário refletir não só sobre como o mundo vê a Amazônia e qual o imaginário que as produções jornalísticas expressam sobre a região, mas o surgimento de um jornalismo feito na e para a Amazônia, para além do olhar estrangeiro.

Os autores também apontam o uso de meios de comunicação como importantes nessa reelaboração da imagem do indígena no ideário nacional. Não se trata, conforme os pesquisadores, de negar a cultura oral dos povos, mas sim, de potencializar a comunicação com o não-indígena, utilizando as ferramentas do texto, do vídeo e dos meios digitais para desmanchar os preconceitos instalados com o pensamento colonizador (Domingos, 2024, p.128).

O autor relata ainda que apesar da estilização dos meios de comunicação seja um caminho do indígena em direção ao não indígena, a presença de lideranças dos povos-floresta em veículos de comunicação pode determinar um avanço e um espaço para a afirmação das causas indígenas. Nas narrativas jornalísticas, as personagens que aparecem, sobretudo como defensores da Floresta, são indígenas e ribeirinhos, além de ativistas e figuras políticas, mas no Jornalismo da Floresta, defende-se a necessidade de reconhecer o protagonismo aos povos originários das florestas.

Domingos (2024) alega que todos esses personagens podem conviver harmonicamente com a Floresta, como seus papéis sendo desenvolvidos como “defensores” da Amazônia. Neste contexto, podemos supor que o protagonismo dos povos da floresta também precisa estar explícito dentro das matérias jornalísticas e dos conteúdos consumidos pelos leitores nas redes sociais, para além do jornalismo clássico, onde apenas se denuncia, expõe fatos e se apresenta argumentos sobre determinada questão ambiental.

Apesar de não se tratar do foco desta análise da pesquisa, o autor também descreve alguns exemplos de veículos de comunicação e projetos sobre a floresta ou produzidos diretamente em território amazônico, como é o caso da *Amazônia Real*, *Tapajós de Fato*, *O Eco*, *InfoAmazônia*, *Sumaúma Jornalismo*, só para citar alguns exemplos. Assim como o objeto de estudo desta pesquisa, o *Portal A Crítica*, o único baseado no estado do Amazonas é o site especializado *Amazônia Real*.

Ainda em se tratando de Jornalismo da Floresta, outra característica que também pode seguir de molde, é que no jornalismo ambiental se trata da maior liberdade que os jornalistas têm de posicionamento para defender o meio ambiente, os povos originários e qualidade de vida, como um ideal ativista em prol da conservação ambiental. Segundo Domingos (2024), “essa liberdade precisa ser, inclusive, integral, com o (a) jornalista presente na cena dos acontecimentos”.

Muitas características marcam esse tipo de jornalismo principalmente, a aproximação com os saberes locais e indígenas, a sensibilidade ecológica e ambiental, o compromisso ético e político, a checagem e apuração em campo: 1) a aproximação dos saberes locais e indígena consiste no diálogo constante com os saberes tradicionais e indígenas, a fim de superar a visão hegemônica do olhar estrangeiro que muitas vezes distorce as realidades locais. Conforme Oliveira (2019, p. 65), “um jornalismo que se propõe a ser da floresta deve, em primeiro lugar, ouvir e valorizar as vozes dos povos que vivem nela, integrando seus conhecimentos ancestrais à produção das narrativas”. 2) a sensibilidade ecológica também faz parte das produções

jornalísticas voltadas para a floresta, já que este modelo de jornalismo não trata apenas dos fatos, mas dos processos que envolvem a degradação ambiental, as ameaças à biodiversidade e os impactos das atividades extrativistas. Santos (2017, p. 31) ressalta que “o jornalismo da floresta deve evidenciar a relação intrínseca entre a vida humana e a natureza, promovendo uma visão holística que valorize a sustentabilidade”. 3) do ponto de vista do compromisso ético e político, Silva (2020) que o jornalismo da floresta é um jornalismo de resistência e de uma alternativa que busca transformar a realidade e as relações de poder na região. É um jornalismo com posicionamento, pois denuncia as violações de direitos humanos e ambientais, como nas questões ambientais relacionadas a práticas predatórias ou crimes ambientais, como o desmatamento, queimadas, grilagem, garimpo e outros. 4) por fim, a necessidade de checagem e apuração em campo é outra característica defendida em um Jornalismo da Floresta, inspirado em abordagens etnográficas e interpretativas, com a utilização de uma “descrição densa” para captar a complexidade dos contextos amazônicos. Essa metodologia permite que os jornalistas aprofundem a compreensão dos fatos, indo além das aparências e revelando os significados culturais e ambientais subjacentes às notícias.

Outro ponto que também pode ser discutido entre as características do Jornalismo da Floresta é a co-produção de notícias, envolvendo comunidades locais e especialistas regionais. Essa prática fortalece a legitimidade das informações e permite que os discursos produzidos reflitam as experiências e os anseios dos moradores da floresta. Conforme Silva (2020, p. 112), “um jornalismo participativo não só democratiza a informação, mas também contribui para a construção de uma cultura de resistência e de valorização da identidade amazônica”.

A partir do prisma dos conceitos e características do Jornalismo da Floresta que seria um jornalismo mais humanizado, tendo a Amazônia e os próprios amazônidas como personagens e fazendo resistência aos modelos tradicionais de jornalismo focado apenas no fato e na notícia, podemos repensar como esse jornalismo poderia contribuir para favorecer ainda mais as comunidades locais e fazer como que a Amazônia seja retratada da forma mais real possível aos leitores, ouvintes e telespectadores tanto da região como os de outros estados.

Nosso entendimento é que a mídia jornalística voltada para um jornalismo alternativo poderia contribuir para esta mudança de cenário, focando a atenção do público nos desafios impostos pela logística da região, pelas características dos povos amazônicos, pelas lutas e causas dos povos indígenas e de outros que habitam as florestas, pelas outras narrativas que contrapõem ou são um complemento ao discurso de fontes oficiais de organizações governamentais e não-governamentais, e também para a construção de uma nova oportunidade

para esses povos serem também produtores de conteúdo a partir das suas vivências como povo-floresta.

Apesar de não se tratar no foco desta análise, um veículo que se destaca na Amazônia Amazonense assim como o que está em estudo nesta pesquisa é a agência *Amazônia Real*. Conforme citado anteriormente, ela oferece um jornalismo alternativo às mídias tradicionais encontradas e acessadas nas redes sociais dentro do estado. Constitui de conteúdos que abordam as questões do cotidiano de forma aprofundada e ecoando as vozes de todas as fontes, incluindo as que representam os povos amazônicos ou até mesmo personagens da própria região.

Tal veículo conta com uma equipe formada por jornalistas, editores, articulistas, fotógrafos e que levam ao público o debate sobre questões reais que afetam a vida dos amazônidas que vivem na Amazônia manauara, mas também os que estão localizados nas áreas de floresta. A agência também mostra um outro cenário frente aos conteúdos divulgados por assessorias governamentais, questionando as narrativas apresentadas e apresentando dados que fazem com que as reportagens tenham consistência em sua totalidade em reportar os “lados” da notícia.

Em seu site, a *Amazônia Real* se descreve como uma organização sem fins lucrativos criada pelas jornalistas Kátia Brasil e Elaíze Farias em 20 de outubro de 2013, em Manaus, no Amazonas. Adota ainda o lema “Jornalismo independente e investigativo que dá visibilidade às populações e questões da Amazônia”. Além disso, é um dos poucos portais de notícia que dá visibilidade a missão do veículo de comunicação de “fazer jornalismo ético e investigativo, pautado nas questões da Amazônia e de seu povo. A linha editorial é voltada à defesa da democratização da informação, da liberdade de expressão, da liberdade de imprensa e dos direitos humanos.

O texto da postagem do portal ainda segue descrevendo que “o jornalismo produzido pela Amazônia Real conta com o trabalho de profissionais com sensibilidade na busca de grandes histórias da Amazônia e de suas populações, em especial daquelas que não têm espaço na grande imprensa. A agência defende os valores da equidade, da igualdade, da diversidade e do combate à violência contra mulheres e comunidade LGBTQIAPN+ e a todas as demais formas de desigualdade.

A Amazônia Real também defende que as populações tradicionais sejam protagonistas de suas próprias narrativas. Para isso, produz oficinas com o foco na identidade e no pertencimento na região amazônica.”

A questão do sentimento de pertencimento dos povos da floresta também merece atenção quando se trata do Jornalismo da Floresta, visto que ainda se faz necessário um trabalho de conscientização para que as comunidades possam nutrir este sentimento em relação a região onde elas vivem, sejam ribeirinhos, indígenas, quilombolas e outros que vivem nas proximidades ou no entorno das florestas, como também é o caso das populações que vivem em municípios do interior do Amazonas.

As vozes e o protagonismo das populações da floresta precisam ser a característica principal deste jornalismo de certa forma ainda pouco popular na Amazônia. O jornalismo e a própria comunicação na Amazônia podem até ser vistas com uma certa dualidade, pois de um lado os grandes meios de comunicação impõem uma visão padronizada e centralizada e de outro lado, as populações locais possuem uma rica diversidade sociocultural e de saberes que podem oferecer uma nova perspectiva sobre a realidade da floresta, bastam que elas sejam valorizadas no noticiário.

Segundo Oliveira (2018, p. 65), "a produção de notícias que partem das comunidades amazônicas é essencial para descolonizar os discursos midiáticos e reconstruir as narrativas a partir do ponto de vista dos protagonistas da floresta". O discurso colonizador está ainda muito presente nos demais tipos de jornalismo que vemos hoje e que já foram citados neste estudo, por se tratar do ponto de vista ou governamental ou político. Por isso, o Jornalismo da Floresta se apresenta com esse viés de popularizar o conhecimento aos povos amazônicos e de que eles sejam produtores de conhecimento de reportagens. Assim também, é necessário que a checagem das informações seja feita em campo e que estas realidades amazônicas sejam cada vez mais conhecidas e desbravadas.

Assim sendo, o Jornalismo da Floresta constrói narrativas autênticas e de resistência frente aos discursos hegemônicos, de acordo com autores como Santos (2017), Silva (2020) e Oliveira (2019), onde é possível analisar e ressaltar que este jornalismo deve ser um instrumento de democratização da informação e de valorização dos saberes e das lutas dos povos amazônidas. Para tanto, a pesquisa também recorre a estes autores que abordam uma comunicação alternativa, jornalismo ambiental e práticas de produção cultural, contribuindo para a compreensão da cultura jornalística da floresta como um processo social e simbólico.

3.3 O fazer jornalístico do *Portal A Crítica* e os desafios de um “Jornalismo da Floresta”

Neste tópico, vamos debater sobre o fazer jornalístico na Amazônia e nas várias formas de jornalismo que são praticadas, principalmente no que se refere ao estado do Amazonas.

Primeiro, precisamos lembrar que o Jornalismo Clássico é o tipo de jornalismo que mais é empregado na Amazônia pelos veículos de comunicação de massa, como é o caso do *Portal A Crítica*.

Neste jornalismo, a escolha do cotidiano é um dos critérios associados aos elementos de noticiabilidade. Conforme aponta Domingos (2024, p. 96), o autor explica que a palavra cotidiano em si foi, por vezes, associada ao banal, ao chato. Porém, em sua argumentação, Leal faz a defesa de que o cotidiano é a esfera da vida. Nela, acontecem as experiências humanas e a experimentação de outros mundos/culturas.

O jornalismo tido como clássico na Amazônia também possui os elementos tradicionais como apuração, características textuais e posicionamento editorial. Domingos (2024) cita Lage (2012), no conceito do jornalismo ligado ao texto escrito, ou seja, ao produto da informação, como o formato que mais se adaptou com a rotina industrial da sociedade e da produção do próprio jornalismo. “A esse aspecto se faz a conexão imediata com a fórmula do lead que Lage (2012) define como o modelo moderno das notícias. Segundo o autor, o texto fica organizado do relato mais importante para o mais acessório e não segue, necessariamente, uma linha temporal” (Domingos, 2024, p. 98).

Na análise feita a partir do feed do *Instagram* do *Portal A Crítica*, vemos que o jornalismo apresentado pelo portal de notícias é focado nas reportagens factuais, de acontecimentos do momento, de serviço e do cotidiano como foi o caso da maior predominância de matérias relacionadas ao período da seca e da estiagem. Vemos como esse modelo de reportar o cotidiano é mais presente no portal de notícias e que as fontes utilizadas são geralmente fontes oficiais: governo, prefeitura, pesquisadores, institutos de pesquisa e meteorologia.

No quadro a seguir, verificamos as reportagens que foram utilizadas e reproduzidas no *Instagram* do *Portal A Crítica* e qual foi o foco das narrativas dessas matérias.

QUADRO 6 – Narrativas e Produção

Título	Narrativa	Produção
Rio Negro volta a subir e acumula alta de 17 centímetros em seu nível nos últimos 3 dias	Narrativa científica a partir do monitoramento da cota do rio	Lucas Vasconcelos, A Crítica

Qualidade do ar volta a piorar em Manaus	Narrativa científica a partir de monitoramento do INPE e aplicativo SELVA	Amariles Gama, A Crítica
Pesquisador vê relação entre seca no rio Negro com aquecimento global	Narrativa científica a partir do relato do pesquisador Marcos Freitas do IVIG e COPPE, ligado à UFRJ	Agência Brasil
Nove municípios do Amazonas decretam situação de emergência pela estiagem em menos de 24 horas	Narrativa científica a partir de dados do CPRM e da pesquisadora do órgão, Jussara Cury	Lucas Vasconcelos, A Crítica
Vazante histórica: Rio Negro bate recorde e chega à marca de 13,59 cm	Narrativa científica e política, a partir de relatórios de monitoramento do porto de Manaus, Governo do Estado e Prefeitura de Rio Preto da Eva.	Dante Graça e Lucas Vasconcelos, A Crítica
Manaus entra em “estágio de mobilização”	Narrativa de serviço da Prefeitura de Manaus e Semsu, e científica a partir de dados do INPE	A Crítica
Coberta por fumaça, Manaus amanhece como 2ª pior qualidade do ar do mundo	Narrativa científica a partir de dados do aplicativo SELVA e do painel World's Air Pollution	Lucas Vasconcelos, A Crítica
Lago em Tefé e viagens antes feitas de barco são realizadas de barco	Narrativa de serviço com o depoimento de autor de um vídeo não-identificado e com dados de monitoramento da Defesa Civil do Estado	Lucas Vasconcelos, A Crítica
Fumaça que cobriu Manaus foi resultado de queimadas em pelo menos quatro cidades no Estado	Narrativa de serviço, a partir de dados apresentados pela SEMA e SEMMAS, governo e prefeitura de Manaus, respectivamente. Narrativa científica a partir de dados do aplicativo SELVA	Robson Adriano, A Crítica
Decreto: Manaus entra oficialmente em situação de emergência devido vazante do Rio Negro	Narrativa política, a partir de anúncio feito pelo prefeito de Manaus, David Almeida	A Crítica

Manaus é tomada por fumaça e qualidade do ar é considerada péssima	Narrativa científica a partir de dados do aplicativo SELVA e narrativa de serviço com depoimento de uma moradora de Manaus	Robson Adriano e Michael Douglas, A Crítica
Seca do rio causa morte de boto cor-de-rosa e outros peixes em Tefê	Narrativa de serviço com dados apresentados pelo Governo do Estado, Defesa Civil e Ministério do Meio Ambiente	Robson Almeida, A Crítica
Após fumaça, morador filma chuva de granizo no bairro Tarumã	Narrativa factual com dados do Inmet e Defesa Civil do Município	A Crítica
Manaus sob fumaça		
Nova onda de fumaça cobre Manaus, deixando qualidade do ar de “muito ruim” à “péssima”	Narrativa de serviço com dados a partir do aplicativo SELVA, INPE, RMM, SEMMAS	Amariles Gama, A Crítica
Conhecida como rainha da floresta, Samaúma centenária é derrubada em Anamã	Narrativa factual e ambiental com relato da prefeitura do município e depoimentos de internautas não-identificados	Amariles Gama, A Crítica
Desbarrancamento destrói parte do porto de Itacoatiara	Narrativa factual e política, com relato do fato, depoimentos de moradores, prefeitura do município e deputado estadual	Karina Pinheiro, A Crítica
"É urgente o mapeamento de comunidades às margens dos rios de “água branca”, alerta pesquisador	Narrativa científica com o relato do pesquisador José Carvalho da Ufam e relatório do CPRM	Lucas Vasconcelos, A Crítica
Marina Silva anuncia mais 149 brigadistas, recursos e kits de equipamentos a caminho do Amazonas	Narrativa política com a abordagem das iniciativas do governo Federal anunciadas pela Ministra Marina Silva e dados do Ibama	Karina Pinheiro, A Crítica
Amazonas entrará em situação de emergência por conta da estiagem, afirma governador		Lucas Vasconcelos, A Crítica

O fazer jornalístico, conforme a breve análise feita anteriormente, não possui uma relação com a contextualização dos fatos e não inclui as vozes de quem vive na floresta e dos povos amazônicos. Nas matérias apresentadas houve a predominância de reportagens factuais, com base em números, dados e monitoramento, o que no Jornalismo tido como clássico faz parte de suas características, entretanto, ficou notório o pouco ou nenhum aprofundamento das questões ambientais que impactam o dia a dia dos amazônidas.

Outra questão são os desafios impostos pela logística e pela própria biodiversidade da região, que impede que muitos jornalistas locais do estado possam fazer reportagens in loco e entrevistas com personagens da própria região de floresta ou de comunidades locais no interior, distantes dos grandes centros urbanos. Há ainda questões sociais e culturais das comunidades locais, além da pressão das atividades econômicas que muitas vezes, configuram crimes ambientais e são uma ameaça para a própria segurança dos jornalistas, como o caso de grupos de madeireiros e garimpeiros.

É preciso destacar a importância de uma abordagem ética e responsável no jornalismo ambiental, a partir de narrativas que não apenas informem, mas também sensibilize o público sobre a urgência da conservação. O que têm se observado em relação às produções jornalísticas locais são reportagens que focam na informação e no serviço, mas não discutem as temáticas ambientais e a conservação do bioma como forma de evitar eventos como a estiagem, por exemplo.

Um aspecto relevante também diz respeito à produção própria dos veículos de comunicação, como foi o caso do *Portal A Crítica*, cujos textos reproduzidos nas redes sociais partiram, em sua maioria, de reportagens autorais da equipe de reportagem do veículo de comunicação. É possível observar que o jornalismo praticado no estado do Amazonas, no caso da Amazônia amazonense, é voltado para a informação e com uma valorização da equipe de reportagem local, mesmo que com poucos elementos que deem conta de uma reportagem feita “na rua” e não apenas na “redação” a partir de entrevistas com a população.

Outra questão pouco explorada nas reportagens do *Portal A Crítica* também se tratou da conexão entre os ecossistemas e as comunidades que dependem deles, focando apenas na cobertura dos desastres ambientais. Foi notória a necessidade de os repórteres envolvidos na cobertura contarem histórias da vida das pessoas que habitam a região e como elas interagem com o meio ambiente, além de mostrar como esta questão ambiental pode impactar seus modos de vida, suas relações sociais e os impactos em sua existência como um todo.

O jornalismo ambiental praticado na Amazônia também possui uma linguagem acessível e direta, mas pouco envolvente, o que poderia auxiliar a mobilizar a opinião pública, e o engajamento de pessoas e poder público nas questões ambientais, o que poderia ser melhorado a partir da humanização e da amplificação das vozes e fontes de informação com a prática do Jornalismo da Floresta. Também se observa que o fazer jornalístico factual do portal de notícias tem pouco viés investigativo e de ser um meio para que a população possa ter suas demandas ouvidas pelos governantes, ao ponto de ser um jornalismo de resistência ou mesmo ativista, devido aos interesses particulares dos donos dos veículos de comunicação com os governantes no poder.

O fazer jornalístico na Amazônia deve ser crítico, mas também ter a sensibilidade de buscar as vozes daqueles que não são ouvidos ou considerados, sobretudo, os que vivem adentro da floresta, para que tais reportagens possam servir de inspiração para fomentar ações e políticas públicas que tenham o objetivo de fortalecer e conservar a floresta em pé e de respeitar as comunidades e culturais locais em sua grande diversidade. Por isso, o jornalismo praticado na Amazônia deve ser diferenciado das outras regiões do país, mas ainda em muito se assemelha, principalmente no caso do jornalismo *online* praticado em portal de notícias, que visa a notícia com rapidez e informação de credibilidade, sem discutir ou aprofundar os temas relacionados a elas.

O jornalismo ambiental, conforme proposto por Wilson Bueno, enfatiza a importância de abordar questões ambientais de maneira crítica e informativa, valorizando a relação do meio ambiente e da sociedade. Em se tratando de Amazônia, essa relação e a combinação de um jornalismo informativo e crítico se torna ainda mais necessário devido aos desafios da região como desmatamento, mudanças climáticas, eventos como a seca e cheia, grilagem, garimpo e outras questões.

Os jornalistas que atuam na Amazônia têm a responsabilidade de não apenas relatar, mas contextualizar e reportar com criticidade, mostrando como as ações humanas impactam o ecossistema e as comunidades locais. Muitos dos que atuam na região sofrem ameaças e represálias, visto que a segurança aos jornalistas em campo ainda é um ideal a ser conquistado, principalmente nas regiões mais distantes da Amazônia onde o policiamento é inexistente.

Também não sendo o caso desta análise, mas não podemos deixar de citar o caso do jornalista britânico Dom Phillips e do indigenista Bruno Pereira que foram brutalmente assassinados em junho de 2022 durante a passagem para relatar a vida dos indígenas no Vale do Javari, no interior do Amazonas. O caso ganhou repercussão internacional não apenas por

conta da morte do jornalista estrangeiro, mas por conta da insegurança que os jornalistas enfrentam e do desrespeito ao trabalho da imprensa por parte de grupos que exploram a região.

Outro ponto relevante a ser destacado diz respeito à importância dos jornalistas que atuam na Amazônia buscarem fontes diversas e representativas, incluindo vozes indígenas e de comunidades tradicionais a fim de aprimorar a cobertura dos fatos que ocorrem na Amazônia. Neste caso citado, além da insegurança que os jornalistas que cobrem a Amazônia precisam se deparar, vemos também como é urgente uma cobertura ambiental que combata esses crimes na região e para uma maior conscientização de proteção da floresta em sua totalidade e de seus povos.

Além disso, há de se considerar os desafios da narrativa, responsabilidade do jornalismo, a importância do apoio à imprensa e como o jornalismo na região não deve ser uma prática que apenas informa e não discute ou questiona. A prática do jornalismo ambiental na Amazônia que não apenas informa ou demonstra só os dados sem uma humanização da notícia contribui para a conscientização e mobilização em torno da preservação da biodiversidade e dos direitos humanos, promovendo um diálogo mais amplo sobre a sustentabilidade e a proteção do meio ambiente.

De acordo com Wilson Bueno, o jornalismo ambiental na Amazônia também pode ser ameaçado pelas práticas do imediatismo do jornalismo *online*, o que pode resultar em características como a superficialidade na cobertura, onde os veículos de comunicação priorizam muitas vezes a rapidez ao invés da profundidade; a falta de contexto local, cultural e na maioria das vezes históricos como a luta de comunidades locais, como o caso dos indígenas e quilombolas; o sensacionalismo, que leva apenas a busca pelos cliques e visualizações das notícias, sobretudo quando essas são reproduzidas nas redes sociais como o caso do *Instagram*.

Além destas, o jornalismo investigativo não é uma prioridade, o que leva uma diminuição ou restrição na qualidade das reportagens; e a desconexão com a realidade do público, os amazônidas, que deveriam ser o público principal dessas reportagens e dessa cobertura ambiental. É necessário criar uma conexão emocional e uma conscientização crítica sobre as questões ambientais, o que pouco se vê no jornalismo na Amazônia, e no jornalismo ambiental que é praticado na região. O foco no imediatismo e na busca por informações rápidas, gera textos rasos, que apenas transmitem a informação dos fatos, mas não possui conexão com o receptor dessas informações.

O jornalismo ambiental na Amazônia pode ser ameaçado por uma série de fatos de logística, segurança, falta de profissionais especializados, o imediatismo das novas mídias, o

jornalismo *online* praticado de forma descontextualizada e sem profundidade e outros fatores. Por isso, é necessário entender a relevância deste modelo de Jornalismo da Floresta atualmente e se essa nova perspectiva condiz com a realidade da imprensa na Amazônia, a fim de se preservar a qualidade e relevância da cobertura ambiental.

Conforme analisaremos a seguir e com base nas características desse jornalismo praticado na Amazônia, vemos ainda muitos conflitos éticos envolvidos durante a construção das reportagens, principalmente os ligados aos interesses governamentais e ao controle da imprensa por parte dos representantes do poder público de forma velada, já que a maior dos veículos de comunicação no estado, exceto os que praticam o jornalismo independente, também dependem de verba governamental de patrocínio.

As reportagens recomendadas ou mesmo a reprodução de releases tornaram-se uma prática também nas redações locais, aliada à necessidade de rapidez com que a informação é levada ao público, principalmente nos portais de notícias. Outro prejuízo que também pode ser avaliado quando se trata de jornalismo local é a deficiência ou muitas vezes inexistência de profissionais que cobrem os fatos em municípios do interior do Estado, onde estes, na maioria das vezes, estão ligados a emissoras de TV e não mais a jornais ou portais de notícias.

Por isso, a cobertura na região amazônica precisa ser questionada e reavaliada do ponto de vista não somente de quem consome, mas dos produtores da notícia. Os jornalistas que atuam na Amazônia precisam entender seu papel não só como jornalistas que contam uma história ou um fato, mas como comunicadores que precisam servir ao público, com informações verdadeiras e contextualizadas, ainda que haja uma dificuldade em se fazer jornalismo para além da capital do Amazonas, Manaus.

É preciso um olhar atento aos jornalistas que também atuam em municípios onde a cobertura já é local, como no caso de Parintins, que por conta de seu Festival Folclórico, atrai a atenção do mundo e pode ser visto com um município onde há a presença tanto da formação de jornalistas, por meio da Universidade Federal do Amazonas, como a presença de profissionais que estão sendo formados para o mercado de trabalho para retratarem as questões de sua região. É preciso uma descentralização desses profissionais, para que possam atuar in loco sendo conhecedores de sua realidade.

Esses fatores e discussões iniciais sobre tais pontos podem nortear a pesquisa futura com foco no fazer jornalístico na Amazônia, tendo como pano de fundo a prática do *Jornalismo da Floresta*. Mas antes, é preciso saber até que ponto o jornalismo atual se afasta ou se aproxima deste ideal, conforme será analisado a seguir, em uma pretensa interpretação deste jornalismo

na Amazônia e de que como se fazer jornalismo da e para a Amazônia por quem e para quem vive na Amazônia, tendo a floresta como cenário para as mais diferentes abordagens sobre a região e valorizando o jornalismo profissional e ético como premissa para perspectivas futuras deste ofício.

3.3.1 A Amazônia e as possibilidades de um “Jornalismo da Floresta”

Neste tópico, vamos avaliar e verificar a urgência de um *Jornalismo da Floresta* que possa ser praticado pelos jornalistas que atuam na Amazônia e que esteja conectado com as questões sociais e ambientais da região amazônica. Além disso, faz-se necessário discutir como esse modelo de jornalismo se aproxima e se afasta do jornalismo atual praticado na Amazônia e como os profissionais da comunicação podem atuar de forma contínua sendo produtores de conteúdo, mas também refletindo sobre sua profissão e o fazer jornalístico enquanto amazônidas.

Sendo o *Jornalismo da Floresta* uma proposta que busca responder às complexas realidades sociais, culturais e ambientais da região amazônica, este modelo pode ser aplicado na cobertura ambiental na Amazônia a partir do contexto local, refletindo sobre as vozes das comunidades que habitam a floresta, mas viabilizando também a atividade jornalística de profissionais que vivem tanto nos centros urbanos como no interior do estado do Amazonas.

Algo que precisamos avaliar e levar em consideração nesta interpretação sobre a necessidade de adoção de um *Jornalismo da Floresta* está na sensibilidade com as particularidades da realidade local da própria Amazônia, que não é única, pelo contrário é plural e diversa em sua cultura, ancestralidade, sociedade, pois abriga povos com diferentes contextos e relações sociais. Isso nos faz pensar que os jornalistas precisam fazer uma imersão nas comunidades para que possam compreender as histórias, os desafios e as aspirações de seus moradores. Esta imersão, de certa forma antropológica, permite ao jornalista produzir reportagens que não apenas informem, mas que possam respeitar, considerar e valorizar as vozes das comunidades locais.

Outro ponto que precisa ser levado em consideração é a cobertura das questões ambientais e sociais como foco deste *Jornalismo da Floresta*, por conta das várias situações ocorridas na Amazônia, como desmatamento, queimadas, exploração da biodiversidade, mudanças climáticas e outros. É preciso que os jornalistas que cobrem a Amazônia possam estar totalmente integrados a essas questões e não serem apenas reprodutores de discursos governamentais ou de grupos dominantes nas atividades econômicas presentes na região. É

urgente entender que os problemas ambientais são um reflexo das questões sociais e também econômicas. Por isso, é necessária uma abordagem holística e conectada com a realidade local nas reportagens apresentadas.

A questão da valorização das vozes tradicionais e de populações que vivem na floresta que já foi abordada entre as características do Jornalismo da Floresta é outro ponto que é considerado urgente no que diz respeito a produção jornalística atualmente na Amazônia. O jornalismo deve dar espaço a essas vozes, para que as comunidades locais possam falar sobre suas experiências e suas lutas. A urgência de uma narrativa que valorize as vozes dos povos amazônidas enriquecerá as reportagens, entrevistas, artigos e outros formatos que possam ser aplicados sobre as pautas da região, além de promover a justiça social e valorizar os direitos humanos dessas populações.

O combate à desinformação na era das *fake news* também é urgente. Os jornalistas que atuam na Amazônia precisam se unir nessa luta, principalmente quando o foco dessas notícias são as questões ambientais. A população interiorana, os povos tradicionais, os povos indígenas, precisam estar protegidos das práticas de desinformação e não podem ser protagonistas de notícias falsas, tendo seus direitos violados. A informação de qualidade e com credibilidade precisa ser defendida tanto por jornalistas profissionais como identificada pela população geral, por meio de uma linguagem direta e acessível, que fale da realidade de forma clara e verdadeira.

A notícia se tornou um produto à venda (Medina, 1978), e, portanto, o jornalismo precisa se combativo e resistente à essa realidade e às novas que estão se impondo, principalmente com o uso das novas tecnologias e aplicativos de mensagens para a disseminação de notícias falsas. O modelo de *Jornalismo da Floresta* pode ajudar a combater essa desinformação, com informações que sejam precisas, checadas, apuradas e contextualizadas, o que pode contribuir para uma maior conscientização sobre as questões ambientais e para a mobilização em torno do objetivo comum de conservação da floresta e proteção de seus povos.

Este modelo de jornalismo também pode desempenhar um papel importante na promoção de práticas sustentáveis e na conscientização sobre a importância da conservação. Ao destacar iniciativas locais de preservação e desenvolvimento sustentável, os jornalistas podem inspirar ações positivas e engajamento comunitário. As organizações não-governamentais e o Terceiro Setor podem se tornar aliadas nessa luta em favor da sustentabilidade, a partir da divulgação de projetos que envolvem práticas sustentáveis.

A adoção de um modelo de jornalismo da floresta na Amazônia é essencial para garantir uma cobertura mais conectada com as realidades locais. Esse modelo não apenas enriquece a

narrativa jornalística, mas também contribui para a defesa dos direitos das comunidades e para a conservação do meio ambiente. Entretanto, ainda há um caminho a ser percorrido para que os veículos de comunicação local se adequem a este tipo de jornalismo, visto que ainda há mais a preocupação em informar os leitores, sem que estes critérios descritos acima sejam considerados.

O jornalismo atual ainda segue os moldes do jornalismo clássico, conforme já foi relatado anteriormente, mas ainda há alguma aproximação com o ideal de *Jornalismo da Floresta* já que uma das premissas desse jornalismo já está sendo levada a sério pela mídia local, que seria o combate à desinformação e a priorização de um jornalismo verdadeiro, pautados em questões da atualidade e com a valorização da apuração correta de dados, mesmo que o fator de humanização das reportagens ainda esteja distante.

O jornalismo que informa é praticado pelos principais veículos de comunicação local, com base nos fatos do momento e no cotidiano da região. Outro aspecto que também é considerado nesta forma de aproximação com o Jornalismo da Floresta é uso das novas tecnologias para tornar o conhecimento sobre a região, de certa forma, acessível ao maior público, ainda que o acesso à internet em toda a Amazônia ainda seja um desafio por conta das questões logísticas que a região enfrenta.

Alguns projetos e iniciativas locais já vêm adotando os princípios do jornalismo da floresta, a exemplo do site *Amazônia Real*, vemos o projeto *Vozes da Floresta*, que reúne vozes de indígenas e ribeirinhos e colocam eles para serem repórteres e para produzir conteúdos jornalísticos que refletem suas realidades. Santos (2017, p. 42) relata que “essa iniciativa tem se destacado por sua abordagem colaborativa, na qual as comunidades são convidadas a participar ativamente da produção das notícias, garantindo que os relatos sejam autênticos e representativos.”

Por outro lado, as Organizações Não-Governamentais (ONGs) e coletivos regionais também desempenham um papel importante na adoção da prática do jornalismo da floresta, sobretudo no estado do Amazonas. Segundo Oliveira (2018, p. 80), “a parceria entre ONGs, universidades e veículos de comunicação alternativos tem contribuído para fortalecer as redes de informação na Amazônia, ampliando a visibilidade das demandas ambientais e sociais da região.” As parcerias também podem surgir como um modelo de comunicação que une os saberes técnicos e populares para a conservação e defesa do meio ambiente, visto que ONGs já possuem um trabalho de relevância e de muitos anos na região amazônica, tendo contato com as populações ribeirinhas e tradicionais.

Como também foi relatado, a implantação do *Jornalismo da Floresta* em âmbito local perpassa pelos desafios logísticos para acesso às áreas remotas para a produção das reportagens, a limitação de recursos financeiros e as pressões políticas e econômicas que podem interferir na independência editorial do fazer jornalístico focado na contextualização das questões ambientais. Costa (2019, p. 62) ressalta que “a sustentabilidade desses projetos depende, em grande medida, do apoio institucional e da criação de mecanismos que garantam a autonomia dos repórteres locais frente aos interesses externos.”

Há ainda o risco de fragmentação das narrativas com a descentralização dos meios de produção da notícia, que pode levar a uma fragmentação dos discursos e causando uma narrativa que não leva em consideração a coesão para relatar sobre as questões da Amazônia. Além disso, as pressões externas e censura devido aos interesses econômicos e políticos podem exercer forte influência sobre os conteúdos jornalísticos, restringindo a máxima da liberdade de expressão e independência jornalística. A capacitação e formação de profissionais é outro ponto de preocupação, visto que a escassez de formação em *Jornalismo da Floresta* pode se tornar um impasse para a consolidação desse modelo.

Apesar de todas as limitações e dificuldades de ser fazer um jornalismo da floresta e de que como os meios de comunicação atuais no Amazonas se distanciam deste ideal, este jornalismo é urgente e necessário. Ao colocar as vozes dos povos amazônicos que não possuem espaço na mídia e na grande imprensa, este jornalismo só tem a possibilitar uma compreensão melhor, mais aprofundada e real das realidades locais, como também é capaz de promover a democratização do acesso à informação e a construção de um imaginário coletivo fundamentado na diversidade e na sustentabilidade. Conforme Santos (2017, p. 45), “um jornalismo verdadeiramente da floresta é aquele que permite aos sujeitos da Amazônia contar suas próprias histórias, rompendo com a lógica exógena e hegemônica dos meios de comunicação tradicionais.”

Este modelo de jornalismo se apresenta como uma proposta tanto inovadora como necessária para a comunicação na Amazônia como um todo e não apenas no jornalismo. Com a escuta ativa e a participação das comunidades locais, esse modelo contribui para a construção de narrativas autênticas e acima de tudo para dar o devido protagonismo aos amazônidas que vivem e defendem a floresta, atuando com um instrumento de empoderamento e transformação social.

A Amazônia vive um cenário de desigualdades sociais e exploração de recursos naturais e, por isso, é urgente a implementação de um jornalismo feito para e pelas próprias populações,

mesmo que este ideal de fazer jornalístico ainda esteja em uma fase inicial. É preciso disseminar este novo modelo dentro das universidades, nas redações, entre as comunidades, ONGs e demais parceiros que possam contribuir para que os clamores e vozes do homem amazônida sejam cada vez mais ouvidos. É um passo importante para a construção de uma imprensa livre, independente, e um futuro mais sustentável para as próximas gerações. O protagonismo das populações amazônicas representa este avanço na preservação cultural e da identidade da própria Amazônia e de quem vive nela.

3.3.2 “Jornalismo da Floresta” na Amazônia: uma urgência, um desafio

A Amazônia enfrenta ameaças cada vez mais intensas, resultado de carência de políticas públicas, práticas ilegais, crimes ambientais, insegurança. É neste contexto que surge a necessidade urgente de um *Jornalismo da Floresta*, esta forma de cobertura jornalística que, além de informar, tem o compromisso de proteger, conservar e valorizar a Amazônia, levando em conta não apenas os aspectos ambientais, mas também as questões sociais, econômicas e culturais que permeiam as vidas na região.

Mas a realidade da Amazônia, apesar de grande apelo muitas vezes até de governos e instituições internacionais, ainda esbarra na falta de visibilidade. A Amazônia brasileira ocupa uma área de cerca de 5,5 milhões de quilômetros quadrados e abriga mais de 400 bilhões de árvores e centenas de povos indígenas, além de muitas comunidades ribeirinhas e tradicionais.

Contudo, o que se observou, na prática, é que, muitas vezes, a cobertura jornalística da região, por parte do referido Portal em estudo, mostrou-se superficial, pontual e ou em alguns casos, descontextualizada. Deste modo, as redações de jornais, TV, portais de notícia e emissoras de rádio ainda têm dificuldade em compreender a complexidade e a urgência das problemáticas da Amazônia, com uma cobertura jornalística que expressa a região apenas como uma mera extensão territorial ou, no máximo, como um recurso natural a ser explorado.

Quando as notícias sobre a Amazônia chegam à mídia nacional ou internacional, geralmente o foco recai sobre episódios isolados de destruição ambiental, como queimadas, desmatamento ou atos de violência contra ativistas e lideranças indígenas. Embora esses eventos sejam de extrema relevância, as notícias carecem de uma abordagem mais profunda, além da denúncia meramente pontual. O *Jornalismo da Floresta*, portanto, deve ser mais do que um registro do que está acontecendo; ele precisa contextualizar, informar, educar e, acima de tudo, mostrar a luta das comunidades locais pela preservação de seu território e cultura.

A urgência de um *Jornalismo da Floresta* na Amazônia está diretamente ligada à conservação e defesa do meio ambiente e à proteção das populações tradicionais que habitam a região. Quando se fala da Amazônia, para além do espaço geográfico, fala-se de um modo de vida, de uma biodiversidade única e de uma enorme rede de relações interdependentes que afetam diretamente o futuro do planeta, o que este modelo de jornalismo deve considerar e servir de exemplo às práticas jornalísticas atuais.

A grande mídia de modo geral – exceto o jornalismo independente e alternativo - ainda carece de uma abordagem mais assertiva e profunda sobre os diversos desafios da Amazônia. Isso se deve, em parte, ao distanciamento geográfico e à falta de uma compreensão mais rica das dinâmicas locais. O jornalismo da floresta deve ir além das grandes pautas políticas e ambientais, abordando as questões de forma integral e promovendo um debate que envolva todos os atores sociais, desde os governos até as populações locais.

O jornalismo da floresta tem um papel transformador, pois é capaz de influenciar políticas públicas, mobilizar a sociedade e, principalmente, dar visibilidade às lutas locais. Um jornalismo que esteja de fato comprometido com a preservação da Amazônia e com os direitos das populações da região tem o poder de gerar mudanças sociais.

Além disso, a mídia precisa buscar a integração entre os saberes tradicionais e as vivências das populações indígenas e ribeirinhas. Esses grupos possuem uma relação de séculos com a floresta e são guardiões de um conhecimento ancestral, o que pode contribuir para o desenvolvimento sustentável da Amazônia. As vozes deles precisam ser amplificadas e não reportadas apenas como vítimas ou indivíduos à margem da sociedade, mas como atores na construção de soluções para as questões ambientais que afetam a todos. Essa é uma perspectiva que o *Jornalismo da Floresta* deve priorizar, criando narrativas de resistência e renovação que inspirem a sociedade.

Não obstante, diante da crise ambiental que a Amazônia enfrenta, o *Jornalismo da Floresta* se torna uma ferramenta essencial para a transformação. Ele precisa ser urgente, comprometido e atuante, contribuindo para um futuro mais justo, com equidade, respeito e sustentabilidade para a Amazônia, dando visibilidade às questões ambientais e sociais de forma integrada. A Amazônia e os amazônidas, sejam das capitais, do interior ou das áreas mais distantes e remotas, precisam de um jornalismo que não apenas informe os fatos, mas que também os interprete e proponha soluções, criando uma narrativa que seja capaz de mobilizar a sociedade e influenciar seus receptores de informação a favor da preservação da Amazônia e de seus povos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em questão buscou discutir como o jornalismo ambiental pode ser um aliado para se discutir sobre as questões ambientais na Amazonia. A Amazônia, enquanto território de riquezas socioambientais e culturais inestimáveis, permanece no centro de disputas narrativas que ultrapassam suas fronteiras físicas. Neste estudo, buscamos compreender como o jornalismo pode — e deve — assumir um papel ativo na reconfiguração dessas narrativas, especialmente quando mobilizado e reproduzido por novas mídias como o *Instagram*. Ao investigar o perfil de um portal de notícias baseado no estado do Amazonas, foi possível observar como as ferramentas digitais estão sendo ressignificadas por jornalistas e comunicadores da região na tentativa de dar visibilidade a temas, sujeitos e práticas historicamente silenciados ou estereotipados.

Partimos do entendimento de que a questão ambiental, sobretudo na Amazônia, não pode ser dissociada da questão social. Os conflitos que se instauram no território — desmatamento, grilagem, mineração ilegal, queimadas, entre outros — afetam diretamente populações tradicionais, indígenas, quilombolas, ribeirinhas e urbanas. A degradação do meio ambiente é também uma degradação das formas de vida que ali se estabelecem em relação harmônica com a floresta. Neste sentido, o jornalismo ambiental que se propõe crítico e ético precisa ir além da simples denúncia do impacto ambiental; ele deve escutar, dar voz e espaço às populações que resistem e propõem alternativas ao modelo predatório de desenvolvimento e distribuição da notícia como mercadoria. Os autores estudados, que discutem boas práticas no campo do jornalismo ambiental, reforçam a necessidade de um jornalismo contextualizado, participativo e comprometido com os direitos humanos e proteção socioambiental.

No segundo capítulo, ao analisarmos o *Instagram* como nova mídia jornalística, observamos como essa plataforma tem potencializado a disseminação de notícias de forma mais acessível, visual e interativa. A lógica das redes sociais, embora marcada por algoritmos e disputas de atenção, também abre possibilidades para que vozes antes marginalizadas encontrem canais próprios de comunicação e através de veículos de comunicação. No caso do portal analisado, nota-se o esforço em adaptar a linguagem jornalística ao ambiente digital sem renunciar ao rigor informativo e do jornalismo tradicional declaratório. A presença de reportagens em formatos multimídia, vídeos curtos, cards informativos e depoimentos evidencia uma estratégia editorial voltada para o engajamento, mas também para a formação crítica do público.

Por fim, o terceiro capítulo apresentou a proposta do "jornalismo da floresta", um conceito que emerge a partir das experiências de comunicadores amazônidas comprometidos com o protagonismo das vozes locais. Este jornalismo é, ao mesmo tempo, territorializado e político: territorializado porque parte da floresta, da vivência concreta das populações que nela habitam; político porque desafia os discursos hegemônicos que insistem em representar a Amazônia como uma terra de ninguém, a ser explorada e ocupada. O jornalismo da floresta reivindica uma outra epistemologia — uma outra forma de conhecer e narrar — que respeita o tempo da comunidade, o valor do saber tradicional e a potência da resistência.

Nesse sentido, este trabalho buscou contribuir para a reflexão sobre o papel das mídias sociais, especialmente o *Instagram*, na construção de um jornalismo ambiental mais inclusivo, plural e sensível às realidades amazônicas. Os dados analisados apontam que, mesmo diante das limitações técnicas e estruturais, há uma mobilização crescente de jornalistas e coletivos da região em ocupar as redes com conteúdos que pautam a defesa dos territórios, a valorização das culturas locais e a denúncia das injustiças socioambientais.

Conclui-se, portanto, que o jornalismo ambiental na Amazônia deve ser compreendido não apenas como uma especialização dentro do campo jornalístico, mas como uma prática que exige engajamento ético, escuta ativa e compromisso com os processos de transformação social. Em tempos de desinformação, ataques à ciência e criminalização de defensores ambientais, o jornalismo precisa reafirmar seu papel como mediador de sentidos, construtor de pontes e aliado dos que lutam por justiça.

O *Instagram*, apesar de suas limitações enquanto plataforma comercial, tem se mostrado um espaço fértil para o florescimento de iniciativas jornalísticas inovadoras, especialmente quando apropriado por povos amazônicos que conhecem profundamente a realidade que reportam. É nessa dualidade entre tecnologia e ancestralidade, entre denúncia e afeto, entre dado e experiência vivida, que o jornalismo da floresta se fortalece e aponta caminhos possíveis para uma comunicação mais democrática e transformadora.

Diante do cenário de questões ambientais e climáticas e dos múltiplos ataques à Amazônia, torna-se imprescindível que o jornalismo assuma uma postura ativa, crítica e aliada das populações que mais sofrem os impactos dessas crises. Mais do que informar, é preciso formar, sensibilizar e mobilizar. E, nesse processo, escutar as vozes da floresta não é apenas um gesto de inclusão, mas uma urgência e uma necessidade para o presente e futuro.

REFERÊNCIAS

Obras Bibliográficas

AGASSIZ, Elisabeth Cary; AGASSIZ, Luiz. **Viagem ao Brasil: 1865-1866**. Tradução e notas de Edgar Sussekind de Mendonça. Coleção *O Brasil Visto por Estrangeiros*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.

BARDIN L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 1977.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: UESP, 2004.

BEZERRA, Luiza; NOGUEIRA, Marcos. **Redes Sociais, Mídias Sociais e Influenciadores Digitais: Impactos na decisão do consumidor**, 2019.

CALDAS, Graça. **Divulgação Científica e Relações de Poder**. Londrina, V.15, 2010.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.1)**. 6ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COSTA, Luiz. **A voz da floresta: perspectivas indígenas e comunidades tradicionais na Amazônia**. Manaus: Editora Amazônica, 2019.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: [Editora], 2000.

FERRARI, Pollyana. **Comunicação digital na era da participação**. [recurso eletrônico] / Pollyana Ferrari - Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016.

FOSTER, J.B; CLARCK, B. **Imperialismo ecológico: a maldição do capitalismo**. In: PANITCH L.; LEYS C. (Org.). *Socialist register 2004: o novo desafio imperial*. Buenos Aires: CLACSO, 2006.

FREITAS, Marilene Corrêa da Silva. **O Paiz do Amazonas**. Manaus, Editora da Universidade do Amazonas, 1996.

GERAQUE, Eduardo. **Jornalismo Ambiental: teoria e prática**. Organizado por Ilza Maria Tourinho Girard. Porto Alegre. Metamorfose, Porto Alegre, 2018.

GEHRINGER, M.; LONDON, J. **O homem no espaço**. Odisséia Digital, Abril, p. 43-53, 1995.

GIDDENS, Anthony. SUTTON, Philip W. **Conceitos essenciais da sociologia**. Tradução: Cláudia Freire. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2017.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. – 5. Ed. 7. Reimpressão. São Paulo: Atlas, 2006.

GIRARD, Liráucio. **Trocas simbólicas no ciberespaço e os processos de construção de esferas públicas interconectadas.** Esfera Pública, Redes e Jornalismo. Rio de Janeiro. Epapers, 2009.

GONÇALVES, Carlos Porto; SADER, E. (org). **O desafio ambiental (Os porquês da desordem mundial).** Rio de Janeiro: Record, 2004.

KOZINETTS, Robert V. Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

MARX, K. O Capital: **Crítica da economia política.** Livro I: O processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MASSARANI, Luísa. **Ciência e Público: Caminhos da Divulgação Científica no Brasil.** Casa da Ciência/ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2002.

MASSARANI, Luísa. **Curso On-Line de Jornalismo Científico.** Rio de Janeiro: Museu da vida: Fiocruz, 2009.

MEDINA, Cremilda. **Notícia um produto à venda. Jornalismo na sociedade urbana e industrial.** Sumus Editorial, 1978.

MÉSZÁROS, I. **A Crise Estrutural do Capital.** 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição.** Tradução Paulo Cezar Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2011.

MONTEIRO, Gilson Vieira. COLFERAI, Sandro Alberto. **Por uma pesquisa amazônica em comunicação: provocações para novos olhares.** In: MALCHER, Maria Ataíde; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos; LIMA, Regina Lúcia Alves de; FILHO, Otacílio Amaral [org.] autores [et al.]. Comunicação Midiatizada na e da Amazônia. Belém: FADESP, 2011.

OLIVEIRA, José Aldemir de [org.]. **Cidades brasileiras: territorialidades, sustentabilidade e demandas sociais.** Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), 2010.

OLIVEIRA, João. **Jornalismo e Amazônia: desafios e perspectivas.** Manaus: Editora Amazônica, 2019.

PAULO NETTO, J.; **Crise do capital e consequências societárias.** Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 111, p. 413-429, jul./set., 2012.

PERNISA JÚNIOR, Carlos; ALVES, Wedencley. **Comunicação digital: jornalismo, narrativas, estética.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

PIZARRO, Ana. **Amazônia, as vozes do rio: imaginário e modernização.** Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet.** Porto Alegre: Sulina 2009 (Coleção Ciberultura)

SANTOS, J. S.; ACIOLY, Y. A. **A privatização das águas no contexto da contrarreforma do Estado brasileiro.** Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 122, p. 250-274, abr./jun., 2015.

SANTOS, Maria. **Jornalismo Alternativo na Floresta: relatos e reflexões.** São Paulo: Cultura Viva, 2017.

SCHWAAB, Reges. **Jornalismo ambiental: teoria e prática [livro eletrônico]** / organizado por Ilza Maria Tourinho Girardi ... [et al.] – Dados eletrônicos – Porto Alegre: Metamorfose, 2018.

TELLES, André. **A revolução das mídias sociais.** M. Books, 2010.

TCCs, Dissertações e Teses

ARAÚJO, Philipe. **Jornalismo em redes sociais: análise de perfis jornalísticos paraibanos no feed do Instagram.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Jornalismo (PPJ) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), 2023.

ARAÚJO, Rômulo Assunção. **Política pública de comunicação na Amazônia manauara: um olhar sobre a Secretaria Municipal de Comunicação a partir das mensagens governamentais de 2013 a 2020.** 121 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2022.

DOMINGOS, Gabriel. **As narrativas jornalísticas da floresta nos textos de Eliane Brum: a Amazônia como personagem.** / Gabriel Airto Domingos. – Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Comunicação), Universidade Federal do Paraná, 2024.

FREITAS, Marilene Corrêa da Silva. **Metamorfoses da Amazônia.** Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas, 1997.

IANSON, Giselle de Melo Carvalho. **Os critérios de seleção de notícias: análise comparativa entre a Folha de S. Paulo e o Jornal Nacional.** Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação. São Paulo, 2010.

LOOSE, Eloisa. **Jornalismo Ambiental em Revista: Das Estratégias aos Sentidos.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PPGCOM/UFRGS, 2010.

MORAES, Bruna. **Instagram: Uma nova modalidade no jornalismo.** Trabalho de Conclusão de Curso in Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Escola de Comunicação Jornalismo, 2021.

SILVA, Maria. **Comunicação e Sustentabilidade: o papel do jornalismo na defesa da Amazônia.** Rio de Janeiro: Edições Verdes, 2020.

SILVA, Maria das Graças. **Questão ambiental e desenvolvimento sustentável. Um desafio ético-político ao Serviço Social.** São Paulo: Cortez, 2010.

Artigos e Periódicos

ALBUQUERQUE, Afonso de. **O que decolonizar o jornalismo afinal quer dizer. Um olhar a partir do Brasil.** LUMINA. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, v. 16, n. 3, p. 5–19, dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/39278>. Acesso em: 5 jan.2025.

ARAUJO, Alessandra; TELLES, André. **O Conceito De Novas Mídias e A Utilização Das Mídias Na Publicidade.** In Latin American Journal of Development, Curitiba, v. 3, n. 4, p. 1891-1906, jul./ago. 2021. Disponível em: <https://ojs.latinamericanpublicacoes.com.br/ojs/index.php/jdev/issue/view/22> . Acesso em: 12 jan.2025

BARBERO, Jesús Martin. **Desafios culturais da Comunicação à Educação.** Comunicação & Educação, São Paulo, n. 18, p. 51–61, set. 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36920>. Acesso em: 10 out.2024.

BRITO, Vanessa; CUNHA, Daniel; PEREIRA, Cristiane. **Reescrevendo o Brasil da colônia a contemporaneidade: estudos de caso do protagonismo indígena na história, jornalismo e teologia.** Cuadernos de Educación y Desarrollo. V.16, n.13, p.1-36, 2024. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/6984/4933>. Acesso em: 7 mar.2024.

BUENO, Wilson da Costa. **A Comunicação Empresarial Estratégica: Definindo os Contornos de um Conceito.** Conexão – Comunicação e Cultura, Caxias do Sul, v. 4, n. 7, p. 11–20, jan./jun. 2005. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/slideshow/artigo-comunicacao-empresarial/23916867> . Acesso em: 10 jun.2024.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo Ambiental: Explorando além do conceito.** Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente, Curitiba, n. 15, p. 33-44, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/11897/8391>. Acesso em: 30 out.2024.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo científico no Brasil: os desafios de uma longa trajetória.** In: PORTO, Cristiane de Magalhães (org.). Difusão e cultura científica: alguns recortes. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 113–125. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/68/pdf/porto-9788523209124-06.pdf>. Acesso em: 5 set. 2024.

GOMES, Wilson. **Internet e participação política em sociedades democráticas.** Revista FAMECOS, n.º 27 (agosto/2005), p. 58–78. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/3323?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 08 set. 2024

HANNIGAN, John A. **Environmental Sociology: A Social Constructionist Perspective.** London: Routledge, 1995. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Environmental_Sociology/ZzHHvE07OqkC?hl=pt-PT&gbpv=0

HARVEY, D. O “**novo imperialismo**”: **acumulação por desapossamento** (Parte II). Lutas Sociais, São Paulo, n. 15/16, p. 21-34, jul./dez. 2005-jan./jun. 2006. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/ls/article/view/18770/13957> . Acesso em: 20 jun. 2024.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **A questão social no capitalismo**. Temporalis, revista da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social, Brasília, n. 3, jan./jul. 2001. Disponível em: <https://www.unirio.br/cchs/ess/Members/rafaela.ribeiro/introducao-ao-servico-social-2024.2/revista-temporalis-n-3-a-questao-social-no-capitalismo-iamamoto-m.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2024.

TOSI, Juarez. **Direitos humanos: reflexões iniciais**. In: INTERFACES: comunicação, saúde, educação. Campo Grande: Editora da UEMS, 2005. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/5032>. Acesso em: 05 jun. 2024.

LAGE, Nilson. **Conceitos de Jornalismo e papéis sociais atribuídos aos jornalistas**. Revista Pauta Geral - Estudos em Jornalismo. Ponta Grossa, vol 1, n 1, p 20-25. Jan-Jul 2014. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/index>. Acesso em: 05 mar.2024.

LIMA, Ana Claudia; BOMFIM, Filomena. **A implementação da Aldeia Global de McLuhan no século XXI: a Educomunicação como ambiente sustentável de aprendizagem**. In: PENSACOM BRASIL, 2016. Anais [...]. Local da publicação, ano. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/pensacom2016/textos/ana-claudia-lima-filomena-bomfim.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2024.

LONGUI, Raquel Ritter. **Infografia online: narrativa intermídia**. Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 6, n. 1, p. 187–196, jan./jun. 2009. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p187?utm_source=chatgpt.com Acesso em: 12 abril.2024

NETO, José Saad. **Comportamento digital**. Revista.br, Ano 3, Edição 4, Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), p. 24-25. jan. 2011. Disponível em: <https://www.cgi.br/publicacao/revista-br-ano-03-2011-edicao-04/> . Acesso em: 5 jul. 2024.

PEREIRA, Clarissa Josgrilberg. **Gêneros e formatos jornalísticos de Instagram: aproximações entre teoria e prática**. In: PEREIRA, Clarissa Josgrilberg (ou GP Gêneros Jornalísticos), Gêneros Jornalísticos, Anais do 44.º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), 2021. Disponível em: https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/lista_area_DT1-GJ.htm. Acesso em: 10 jul. 2024.

PEDRINI, Jociene Carla Bianchini Ferreira; PEDRINI, Igor Aparecido Dallaqua; PORTARI, Rodrigo Daniel Levoti; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de. **Jornalismo ambiental e Cidadania: apontamentos sobre as queimadas na Amazônia**. Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 46, e2023132, 2023. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/4068> . Acesso em: 15 jun.2024.

RIGHETTI, Sabine; QUADROS, Ruy. **A situação da mídia impressa brasileira e os impactos da era digital**. Oficina do Historiador, Porto Alegre, v. 10, n. 2, 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/oficinadohistoriador/article/view/23171>. Acesso em: 26 fev.2025

SILVA, Dayana K. Melo da; AGUIAR, Carlos Eduardo Souza. **Jornalismo decolonial e a questão da interseccionalidade**. Pauta Geral – Estudos em Jornalismo, Ponta Grossa, v. 10, e121894, 2023. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/21894>. Acesso em: 5 fev. 2025.

SAUER, Mariane; RIBEIRO, Edaléa Maria. **Meio ambiente e Serviço Social: desafios ao exercício profissional**. Textos & Contextos (Porto Alegre), Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 390–398, ago./dez. 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fass/article/view/12585>. Acesso em: 5 jul. 2024.

SANTOS, F, F, dos. **Ecologia e Serviço Social: a questão ambiental como uma questão social**. Revista Científica Vozes dos Vales – UFVJM – MG – Brasil – Nº 10 – Ano V – 10/2016. Disponível em: <http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2016/09/Fabio.pdf>. Acesso em: 24 jun.2024

SAMPAIO, Vinícius Ribeiro. **A questão ambiental na Amazônia: um dilema de segurança e cooperação**. O Cosmopolítico, Niterói, v. 8, n. 1, p. 114–130, maio 2022. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ocosmopolitico/article/view/54447>. Acesso em: 5 maio. 2024.

SALLES-FILHO, Sérgio; BONACELLI, Maria Beatriz Machado. **Trajetórias e agendas para os institutos e centros de pesquisa no Brasil**. Parcerias Estratégicas, Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, Brasília, v. 20, p. 1485–1514, junho 2005. Documento para a 3ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação. Disponível em: https://seer.cgee.org.br/parcerias_estrategicas/issue/archive/2. Acesso em: 5 jul.2025

TUPINAMBÁ, Renata Machado. **Etnomídia, uma ferramenta para a comunicação dos povos originários**. Brasil de Fato, Niterói, p. 1–2, 11 ago. 2016. Disponível em: <https://www.brasildefatopr.com.br/2016/08/11/etnomidia-por-uma-comunicacao-dos-povos-originarios>. Acesso em: 20 mar.2025.

Publicações e Sites consultados:

BARROS, Alerrandre. **População estimada do país chega a 213,3 milhões de habitantes em 2021**. Publicada em: 27/08/2021. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/31458-populacao-estimada-do-pais-chega-a-213-3-milhoes-de-habitantes-em-2021>. Acesso em: 05 jun.2025.

Memória do Transporte Brasileiro. Disponível em: <https://memoriadotransporte.org.br/galeria/as-pirogas/>. Acesso em: 06 jun.2025.

NEWBERRY, Cristina. **30 Instagram statistics marketers need to know in 2025**. Publicado em: 19 de Março de 2025. Disponível em: <https://blog.hootsuite.com/instagram-statistics/>. Acesso em: 03 jun.2025.

O que é Amazônia Legal. Pesquisa Ipea 2008. Ano 5. Edição 44 - 08/06/2008. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2154:catid=28. Acesso em: 02 jun.2025.

ANEXO 1

QUADRO/MATÉRIAS PRODUZIDAS - SEIS PRIMEIROS MESES/2023

QUADRO 1 - Portal A Crítica e G1 (Janeiro/2023)

VEÍCULO: PORTAL A CRÍTICA	<i>JANEIRO/2023</i>			
<i>DATA</i>	<i>TÍTULO</i>	<i>TEMÁTICA</i>	<i>REPRODUÇÃO</i>	<i>PRODUÇÃO</i>
01/01/2023	'Prêmio Nobel' da Amazônia	Prêmio Nobel	Não	Luana Carvalho
07/01/2023	Univaja considera investigação da Polícia Federal sobre mortes de Bruno e Dom como "inconclusa"	Mortes de Bruno e Dom	Não	Michael Douglas
18/01/2023	Cientistas descobrem novas espécies em montanhas isoladas do Amazonas	Espécies amazônicas	Agência Fapesp	Não
23/01/2023	Último mês do governo Bolsonaro é marcado por aumento de 150% no desmatamento na Amazônia	Desmatamento	AFP	Não
29/01/2023	Manauara entra para a lista da Forbes Under 30 na categoria Indústria e Empreendedorismo	Empreendedorismo	Não	Gabrielly Gentil
31/01/2023	Comando da Aeronáutica controlará espaço aéreo Yanomami	Indígenas Yanomami	Agência Brasil	Não
VEÍCULO: PORTAL G1	<i>JANEIRO/2023</i>			
<i>DATA</i>	<i>TÍTULO</i>	<i>TEMÁTICA</i>	<i>REPRODUÇÃO</i>	<i>PRODUÇÃO</i>
28/01/2023	Fachin estende prazo para que União apresente plano de proteção de TI onde vivia 'Índio do Buraco'	Território Indígena	Não	Jaíne Quele Cruz - G1 RO

QUADRO 2 - Portal A Crítica e G1 (Fevereiro/2023)

VEÍCULO: PORTAL A CRÍTICA	<i>FEVEREIRO/2023</i>			
<i>DATA</i>	<i>TÍTULO</i>	<i>TEMÁTICA</i>	<i>REPRODUÇÃO</i>	<i>PRODUÇÃO</i>

03/02/2023	Amazônia: garimpo ilegal em terras indígenas subiu 1.217% em 35 anos	Garimpo	Agência Brasil	Não
04/02/2023	Rodovia BR-319 volta a ser prioridade em meio a divergências	BR-319	Não	Waldick Júnior, A Crítica
04/02/2023	Garimpeiros estão fugindo de Terra Indígena Yanomami, diz ministra	Território Indígena; Garimpo	Agência Brasil	Não
05/02/2023	Garimpo em terras indígenas da Amazônia aumentou 1.217%	Garimpo	Elton Alisson, Agência Fapesp	Não
05/02/2023	Mais uma criança yanomami morre em Roraima	Crise Yanomami	Ana Graziela Aguiar e Pedro Rafael Vilela - Agência Brasil	Não
06/02/2023	Quase 30% das pistas de pouso na Amazônia está em área protegida, aponta levantamento	Desmatamento	Agência Brasil	Não
07/02/2023	Reconstrução e fortalecimento marcam Dia da Luta dos Povos Indígenas	Povos Indígenas	Agência Brasil	Não
10/02/2023	Amazônia Legal: desmatamento cai 61% em janeiro	Desmatamento	Agência Brasil	Não
11/02/2023	Garimpo ameaça indígenas isolados em área Yanomami	Garimpo	Agência Brasil	Não
13/02/2023	Após fuga em massa de garimpeiros em Roraima, MPF Amazonas vai até TI Yanomami	Garimpo	Não	Waldick Junior, A Crítica
14/02/2023	Projeto busca solução hídrica para aldeias yanomami no Amazonas	Crise Yanomami	Agência Brasil	Não
14/02/2023	Justiça quer opinião da 'nova' Funai sobre exploração de potássio no Amazonas	Exploração de potássio	Não	Waldick Junior, A Crítica
14/02/2023	Conselho Estadual avalia flexibilizar licenciamento para garimpo	Garimpo	Não	Waldick Junior, A Crítica
15/02/2023	Fundo Amazônia recebe R\$ 3,3 bilhões em doações	Fundo Amazônia	Agência Brasil	Não
16/02/2023	Garimpeiros que migrarem para outras terras serão presos, diz MPI	Garimpo	Não	Waldick Junior, A Crítica
16/02/2023	Mais de 1,6 mil animais de comércio ilegal foram apreendidos no segundo semestre de 2022	Comércio Ilegal de animais	Não	A Crítica
19/02/2023	No caso dos Yanomami, temos ação e omissão do poder público', diz pesquisador	Crise Yanomami	Não	Waldick Junior, A Crítica

19/02/2023	Governo recua da proposta de flexibilizar licença para garimpo no Amazonas	Garimpo	Não	Waldick Junior, A Crítica
19/02/2023	Estudo de monitoramento integrado sugere solução para o combate à degradação da Amazônia	Desmatamento	Não	Karol Rocha, A Crítica
22/02/2023	Falta de estrutura e alto índice de malária: a situação Yanomami em Barcelos	Crise Yanomami	Não	Waldick Junior, A Crítica
22/02/2023	Polícia apreende carga de madeira ilegal em Iranduba	Comércio de Madeira Ilegal	Não	Thiago Monteiro, A Crítica
22/02/2023	Ibama e Funai revistam garimpeiros na saída de terra Yanomami	Garimpo	Agência Brasil	Não
23/02/2023	Univaja vai doar posto de saúde móvel para atender indígenas Korubo, no Amazonas	Saúde Indígena	Não	A Crítica
23/02/2023	Acordo entre prefeito do AM preso com ouro ilegal e MPF será decidido na Justiça	Garimpo	Não	Waldick Junior, A Crítica
27/02/2023	Com apresentação do rei Roberto Carlos, Prêmio Nobel Verde é lançado no Teatro Amazonas	Prêmio Nobel Verde	Não	Luana Carvalho
28/02/2023	PF investiga grupo que extraiu 300kg de ouro em terras indígenas	Garimpo	Não	A Crítica
28/02/2023	Estados Unidos trabalham para doar até US\$ 9 bilhões para o Fundo Amazônia, diz Kerry	Fundo Amazônia	Não	A Crítica
28/02/2023	Homem sobrevive por um mês na Floresta Amazônica comendo insetos e bebendo urina	Sobrevivência na Floresta	AFP	Não

QUADRO 3 - Portal A Crítica e G1 (Março/2023)

VEÍCULO: PORTAL A CRÍTICA	MARÇO/2023			
DATA	TÍTULO	TEMÁTICA	REPRODUÇÃO	PRODUÇÃO
01/03/2023	Pesquisa identifica mais de 100 espécies de algas em Parintins	Espécies	Não	A Crítica
04/03/2023	Seis municípios da BR-319 desmataram o equivalente a 160 mil campos de futebol	Desmatamento	Não	A Crítica

04/03/2023	Nova titular do Incra no AM diz que autarquia precisa de recursos para combater ilícitos	Território	Não	A Crítica
06/03/2023	Desmatamento na Amazônia cresce 46%, aponta Inpe	Desmatamento	Não	Karol Rocha, A Crítica
06/03/2023	Ministra Marina Silva declara emergência ambiental no Amazonas	Emergência Ambiental	Não	Lucas Vasconcelos, A Crítica
10/03/2023	Ibama e PRF desmontam mais de 190 acampamentos na TI Yanomami	Território Indígena; Crise Yanomami	Agência Brasil	Não
10/03/2023	Amazônia e Cerrado batem recorde de alertas de desmatamento	Desmatamento	Agência Brasil	Não
11/03/2023	Três antenas de internet via satélite são instaladas em área Yanomami	Internet	Agência Brasil	Não
15/03/2023	Defensoria entrega ao Ministério dos Povos Indígenas relatório sobre condições dos Yanomami no AM	Crise Yanomami	Não	A Crítica
15/03/2023	Balsa da PF vai ser deslocada para o Vale do Javari	Segurança	Não	A Crítica
20/03/2023	Pesquisadores monitoram comportamento de onças na Amazônia	Pesquisas	Agência Brasil	Não
20/03/2023	Biofábrica de abelhas é alternativa para geração de renda na Amazônia	Economia	Não	A Crítica
20/03/2023	MPF pede que Potássio do Brasil seja multada por violar direitos do povo Mura no Amazonas	Território Indígena	Não	A Crítica
20/03/2023	Centro de Piscicultura em Balbina é referência em reprodução de peixes nativos no Amazonas	Economia	Não	A Crítica
21/03/2023	Doença de Chagas moldou o genoma de povos originários da Amazônia, diz estudo	Pesquisas	Herton Escobar - Jornal da USP	Não
22/03/2023	São Sebastião do Uatumã: pesca esportiva e turismo sustentável no Amazonas	Turismo	Não	A Crítica
22/03/2023	Em visita ao Vale do Javari, Rosa Weber promete análise de marco temporal no primeiro semestre	Marco Temporal	Agência Brasil	Não
22/03/2023	Ministro norueguês diz que Brasil voltou a ser liderança ambiental	Política	Não	A Crítica
24/03/2023	Yanomami: corpos de crianças vítimas da covid-19 são devolvidos	Covid-19	Agência Brasil	Não

30/03/2023	Lideranças rejeitam ida de senadores ao Território Yanomami	Território Indígena	Agência Brasil	Não
31/03/2023	Ministério dos Povos Indígenas divulga agendas estratégicas do Abril Indígena	Abril Indígena	Não	A Crítica
VEÍCULO: PORTAL G1				
<i>DATA</i>	<i>TÍTULO</i>	<i>TEMÁTICA</i>	<i>REPRODUÇÃO</i>	<i>PRODUÇÃO</i>
21/03/2023	Biodiversidade vertical: pesquisadores fazem descobertas sobre insetos que habitam copa das árvores na Amazônia	Biodiversidade	Não	Mayara Subtil, Rede Amazônica
28/03/2023	O frio chegou? Veja onde vai ser preciso separar o casaco e até quando	Clima	Não	G1

QUADRO 4 - Portal A Crítica e G1 (Abril/2023)

VEÍCULO: PORTAL A CRÍTICA				
<i>ABRIL/2023</i>				
<i>DATA</i>	<i>TÍTULO</i>	<i>TEMÁTICA</i>	<i>REPRODUÇÃO</i>	<i>PRODUÇÃO</i>
01/04/2023	Variante genética protege indígena da Amazônia contra doença de Chagas	Saúde	Agência Brasil	Não
01/04/2023	Encontradas em área do Vale do Javari, balsas de garimpo ilegal são destruídas pelo Exército	Garimpo	Não	A Crítica
02/04/2023	O Banco Central está a serviço do mercado financeiro, avalia dom Leonardo Steiner	Economia	Não	Jefferson Ramos, A Crítica
06/04/2023	Espaço aéreo na Terra Indígena Yanomami será fechado hoje	Território Indígena	Agência Brasil	Não
09/04/2023	Justiça decide a favor do povo mura em ação sobre demarcação	Território Indígena	Agência Brasil	Não
11/04/2023	Primeiro indígena a defender tese de doutorado escrita em Tukano morre em São Gabriel da Cachoeira	Morte Indígena	Não	Robson Adriano, A Crítica
18/04/2023	Amazonas captou mais de R\$ 75 milhões para projetos ambientais desde janeiro	Política	Não	A Crítica
24/04/2023	Centenas de indígenas do Amazonas participam do Acampamento Terra Livre, em Brasília	Território Indígena	Não	Jefferson Ramos, A Crítica
27/04/2023	Ipaam apreende mais de 20 animais silvestres utilizados como atração turística, em Novo Airão	Tráfico animais	Não	A Crítica
28/04/2023	Capivara 'Filó' ficará em centro de animais silvestres do Ibama; Agenor poderá visitá-la	Tráfico animais	Não	A Crítica

30/04/2023	Tivemos quatro anos de atrasos na pesquisa, no ensino, no trato com os pesquisadores'	Pesquisas	Não	Jefferson Ramos, A Crítica
30/04/2023	Polícia Federal ouve primeiros depoimentos sobre ataque na Terra Yanomami	Território Indígena	Agência Brasil	Não
VEÍCULO: PORTAL G1				
<i>DATA</i>	<i>TÍTULO</i>	<i>TEMÁTICA</i>	<i>REPRODUÇÃO</i>	<i>PRODUÇÃO</i>
16/04/2023	Duas startups acreanas são escolhidas em programa que destina recursos na área de bioeconomia	Economia	Não	Victor Lebre, G1 AC
18/04/2023	Programa oferta bolsas de 2,1 mil para mestrado em economia e meio ambiente; EDITAL	Pesquisas	Não	Luke Araújo, G1 AP

QUADRO 5 - Portal A Crítica e G1 (Maio/2023)

VEÍCULO: PORTAL A CRÍTICA	<i>Maio/2023</i>			
<i>DATA</i>	<i>TÍTULO</i>	<i>TEMÁTICA</i>	<i>REPRODUÇÃO</i>	<i>PRODUÇÃO</i>
03/05/2023	Ibama suspende cinco planos de manejo florestal fraudados no Amazonas	Fraude em planos de manejo	Não	A Crítica
03/05/2023	Reino Unido anuncia investimento de R\$ 500 milhões no Fundo Amazônia	Fundo Amazônia	Agência Brasil	Não
05/05/2023	Queimadas caíram 96% em Terra Indígena Yanomami	Queimadas	Agência Brasil	Não
06/05/2023	Óleo de copaíba extraído na terra do povo Apurinã passa a ser comercializado	Economia	Não	A Crítica
06/05/2023	Mulher é encontrada morta em Terra Indígena Yanomami	Morte Indígena	Agência Brasil	Não
08/05/2023	Governo nomeia primeira mulher indígena para Funai no Rio Negro	Política	Não	Waldick Júnior, A Crítica
10/05/2023	Banco Mundial alerta para dano permanente do desmatamento na Amazônia	Desmatamento	Agência Brasil	Não
11/05/2023	Black Hawk transporta equipe de saúde para imunizar 6 mil indígenas no Amazonas	Saúde	Não	A Crítica
12/05/2023	Do Apurimac ao Marajó: por que o Rio Amazonas não possui pontes?	Recursos Hídricos	Não	Michael Douglas, A Crítica

17/05/2023	Ibama nega licença para a Petrobras perfurar bacia da Foz do Amazonas	Licença ambiental	Não	A Crítica
18/05/2023	Desmatamento na Amazônia cai 36% no primeiro quadrimestre	Desmatamento	Agência Brasil	Não
18/05/2023	Fundo Amazônia pode liberar R\$ 1 bi para ampliar segurança na região	Fundo Amazônia	Agência Brasil	Não
18/05/2023	Funai alerta MPF sobre presença de balsa de dragagem no rio Purus	Garimpo	Não	A Crítica
19/05/2023	Polícia Federal indiciou ex-presidente da Funai por omissão no caso Bruno e Dom	Polícia	Agência Brasil	Não
21/05/2023	Pesquisadores do Inpa identificam nova espécie de abelhas-sem-ferrão	Pesquisas	Não	A Crítica
22/05/2023	Governo brasileiro defende política unificada para a região amazônica	Política	Não	A Crítica
23/05/2023	Turismo já injetou cerca de R\$ 170 milhões na economia em 2023, aponta Amazonastur	Turismo	Não	A Crítica
24/05/2023	Reino Unido e governo brasileiro em projeto milionário para entender o futuro da Amazônia	Política internacional	Não	Karol Rocha, A Crítica
24/05/2023	Petrobras vai pedir reconsideração de licença na Foz do Amazonas	Licença ambiental	Agência Brasil	Não
26/05/2023	Estão abertas inscrições para projetos voltados à preservação da Amazônia	Preservação	Não	A Crítica
26/05/2023	No Amazonas, boto ferido no olho por zagaia aguarda cirurgia	Caça de animais	Não	Robson Adriano, A Crítica
27/05/2023	Não vai ser a postura de um ou outro político que vai definir as ações do Ibama'	Política	Não	Waldick Júnior, A Crítica
28/05/2023	INPA estuda uso de nanobiotecnologia para recuperar áreas degradadas	Pesquisas	Não	Jefferson Ramos, A Crítica
31/05/2023	Ibama multa em R\$ 47 milhões desmatadores no sul do Amazonas	Desmatamento	Não	A Crítica
VEÍCULO: PORTAL G1				
<i>DATA</i>	<i>TÍTULO</i>	<i>TEMÁTICA</i>	<i>REPRODUÇÃO</i>	<i>PRODUÇÃO</i>
09/05/2023	Justiça de RO reduz pena de Chaules Pozzebon, madeireiro apontado como o maior desmatador do Brasil	Desmatamento	Não	G1

15/05/2023	Bico de furar bambu, ninhos nunca vistos: conheça a ave rara e exclusiva da Amazônia ameaçada de extinção	Fauna	Não	Jaíne Cruz, G1 RO
20/05/2023	Ministra dos Povos Indígenas defende que AGU se posicione contra a redução do Parque Nacional do Jamanxim	Política	Não	G1 SP
20/05/2023	Candiru: conheça mitos e verdades por trás do 'peixe-vampiro' que penetra orifícios do corpo humano	Fauna	Não	Jaíne Cruz, G1 RO
25/05/2023	Belém é escolhida como sede da COP 30, em 2025, diz governo	COP 30	Não	Pedro Alves Neto e Mateus Rodrigues, g1

QUADRO 6 - *Portal A Crítica e G1 (Junho/2023)*

VEÍCULO: PORTAL A CRÍTICA	JUNHO/2023			
DATA	TÍTULO	TEMÁTICA	REPRODUÇÃO	PRODUÇÃO
05/06/2023	Adesão ao sistema de esgotamento sanitário representa benefícios que atravessam gerações, em Manaus	Saneamento	Não	A Crítica
05/06/2023	Wilson Lima assina Pacto Nacional das Águas e lança edital para projetos em Unidades de Conservação	Política	Não	A Crítica
05/06/2023	PF quer ceder prédio ao Ibama para reforçar ações em área que inclui Vale do Javari	Política	Não	Waldick Júnior, A Crítica
05/06/2023	Contra pesca ilegal, Ibama incentiva manejo do pirarucu no Vale do Javari	Pesca ilegal	Não	Waldick Júnior, A Crítica
06/06/2023	Governo retomará Bolsa Verde para comunidades tradicionais da Amazônia	Política	Agência Brasil	Não
06/06/2023	Agência Nacional de Águas visita projeto de tratamento de esgoto em área de palafitas de Manaus	Saneamento	Não	A Crítica
06/06/2023	Amazonas Energia promove Semana do Meio Ambiente com ações de conscientização e preservação	Eventos	Não	A Crítica
07/06/2023	Entenda o que está sendo julgado no caso do marco temporal	Marco Temporal	Agência Brasil	Não
08/06/2023	Petroleiros retidos por indígenas na fronteira do Peru com Amazonas desencadeiam operação de resgate	Petroleiros	Não	Cley Medeiros e Lucas Vasconcelos

09/06/2023	Chance de El Niño forte é de 56%, diz agência dos Estados Unidos	Clima	Agência Brasil	Não
10/06/2023	Extrativistas da RDS do Uatumã geram renda através do trabalho com a resina de breu	Economia	Não	A Crítica
11/06/2023	Força-tarefa destrói dez garimpos ilegais na Amazônia	Garimpo	Agência Brasil	Não
12/06/2023	Projeto mapeia desafios para oferta de profissionais de saúde na Amazônia	Saúde	Não	A Crítica
12/06/2023	Desmatamento no Brasil cresceu 22% no ano passado	Desmatamento	Agência Brasil	Não
12/06/2023	Águas de Manaus terá posto para negociação de dívidas durante o Arraial do CSU	Serviço de água	Não	A Crítica
12/06/2023	No Amazonas, operação da PF destrói 23 garimpos e multas ambientais chegam a R\$ 4,5 milhões	Garimpo	Não	Amariles Gama
12/06/2023	Amazonas desmatou área maior que o Iranduba em 2022	Desmatamento	Não	A Crítica
15/06/2023	Governo envia ao Congresso projeto que regulamenta a cadeia do ouro	Política	Agência Brasil	Não
15/06/2023	A Exploração Ilegal de Minérios continua devastando a Amazônia em todos os países da América Latina	Garimpo	Não	A Crítica
16/06/2023	Fiocruz e Universidade de Washington criam projeto de vigilância em saúde na Tríplice Fronteira	Pesquisas	Não	A Crítica
17/06/2023	Belém deve receber cerca de 50 mil visitantes para a COP30	Cop 30	Agência Brasil	Não
18/06/2023	Exército garante apoio logístico à população indígena Yanomami, no Amazonas	Crise Yanomami	Não	A Crítica
18/06/2023	Fiocruz realiza mapeamento colaborativo em comunidade ribeirinha de Santa Maria	Pesquisas	Não	A Crítica
19/06/2023	Cientistas abrem “túnel do tempo” para estudar o passado remoto da Amazônia	Pesquisas	Agência Fapesp, Herton Escobar	Não
20/06/2023	Evento 'Plantar & Transformar' reúne líderes para impulsionar a sustentabilidade na Amazônia	Eventos; Sustentabilidade	Agência Brasil	Lucas Vasconcelos, A Crítica
21/06/2023	El Niño deve diminuir incidência de chuvas e aumentar ainda mais a temperatura na Região Amazônica	Clima	Não	Amariles Gama, A Crítica
24/06/2023	Fábrica de gelo beneficiará mais de 400 moradores da Comunidade Santa Helena	Economia	Não	A Crítica

26/06/2023	Pesquisa extrai óleo essencial de planta Amazônica com potencial para uso na indústria	Pesquisas		A Crítica
27/06/2023	Expedição tentará provar que rio Amazonas é maior que o Nilo	Pesquisas	AFP	Não
VEÍCULO: PORTAL G1				
<i>DATA</i>	<i>TÍTULO</i>	<i>TEMÁTICA</i>	<i>REPRODUÇÃO</i>	<i>PRODUÇÃO</i>
	Belém é escolhida como sede da COP 30, em 2025, diz governo	COP 30	Não	Pedro Alves Neto e Mateus Rodrigues, gl

Observações: Estes quadros apresentam matérias não só do *Portal A Crítica*, mas também de um portal nacional, para se identificar a presença de matérias relacionadas à Amazônia no noticiário local e nacional. No decorrer da pesquisa documental, será analisado como estas matérias aparecem ou não no perfil do *Instagram* do *Portal A Crítica*, levando em conta o ano de 2023.

ANEXO 2 – Postagens do *Instagram* do *Portal A Crítica* – Acesso em 16.03.2025 a 23.03.2025





Foto



portalacritica 
Amazonas, Brasil



TODOS OS MUNICÍPIOS DO AMAZONAS ESTÃO OFICIALMENTE EM SITUAÇÃO DE EMERGÊNCIA



896



16



Curtido por indiarab e outras pessoas

portalacritica  Todos os 62 municípios amazonenses estão oficialmente em situação de emergência. Os municípios de Presidente Figueiredo e Apuí, que estavam em situação de alerta no boletim divulgado pelo Governo do Amazonas na terça-feira (31/10), decretaram situação de emergência nesta quarta-feira (1º/11).



portalacritica • Seguindo

portalacritica 71 sem
TÁ SUBINDO!

Após atingir a maior seca já registrada da história, o rio Negro voltou a subir em Manaus. De sábado (28) até esta segunda-feira (30), o nível do rio subiu 17 centímetros, segundo registros de medição divulgados na plataforma do Porto de Manaus.

A subida aconteceu logo após a



3.540 curtidas

30 de outubro de 2023



Adicione um comentário...



portalacritica • Seguindo

portalacritica 72 sem
⚠️ QUALIDADE DO AR

Manaus voltou a apresentar, nesta quinta-feira (26), níveis de poluição do ar fora da normalidade, de acordo dados de monitoramento do Sistema Eletrônico de Vigilância Ambiental (Selva). Na manhã desta quinta, a maior parte da cidade registra qualidade do ar considerada "moderada". No horizonte, é possível observar uma fina camada de fumaça.

Segundo o aplicativo Selva, apenas o bairro da Cachoeirinha, na Zona Sul, apresenta níveis de poluição do ar considerados normais. O restante da cidade amanheceu com níveis de poluição do ar moderados. 📖 Leia na íntegra em ACRÍTICA.COM



2.177 curtidas

26 de outubro de 2023



Adicione um comentário...





portalacritica • Seguindo

portalacritica 72 sem
Há dois dias, o Porto de Manaus anunciou que o Rio Negro havia atingido novo nível mínimo histórico. Sua cota ficou abaixo de 13 metros pela primeira vez desde 1902, quando começaram as medições. As imagens impressionam: partes que costumam ficar cobertas pelo leito do rio estão tomadas por bancos de areia.

59 dos 62 municípios amazonenses estão em situação de emergência e 158 mil famílias foram afetadas. Leia nos stories
Ver tradução

hericaluizz 68 sem
Precisamos cuidar sim do nosso Brasil

1.996 curtidas
26 de outubro de 2023

Adicione um comentário...



portalacritica • Seguindo
Amazonas, Brasil

portalacritica 73 sem
Agora 59 municípios estão em situação de emergência, uma cidade continua em alerta e duas estão em normalidade. A seca já afeta 138 mil famílias no estado!

A seca severa que atinge o Amazonas é a pior dos últimos anos. Ela é causada por uma combinação de fatores, incluindo o fenômeno climático El Niño, o desmatamento e as mudanças climáticas.

Saiba mais detalhes do boletim da seca no story
Ver tradução

iago_azancot 73 sem
Gente, o capitalismo, ou seja, a exploração sem precedentes do

945 curtidas
17 de outubro de 2023

Adicione um comentário...



portalacritica • Seguindo

Áudio original



portalacritica • Editado • 73 sem

Uma árvore de Samaúma centenária começou a ser derrubada nesta segunda-feira (16), no município de Anamã (a 165 quilômetros de Manaus). Conhecida como "a rainha da floresta", a tradicional samaumeira era uma atração na cidade e encantava tanto a população local quanto visitantes pelo seu tamanho gigantesco.

Segundo a prefeitura de Anamã, o corte precisou ser feito porque a samaumeira localizada no meio da cidade estava sendo "alvo fácil e atrativo para raios", e isso poderia representar riscos para a população.

A derrubada da árvore em Anamã gerou diversas reações da população e



2.591 curtidas

16 de outubro de 2023



Adicione um comentário...



portalacritica • Seguindo



portalacritica • Editado • 73 sem
SECA RECORDE!

O Rio Negro atingiu a cota de 13,59cm em Manaus, a maior vazante de toda a história da capital amazonense.

A marca supera a seca mais extrema já registrada do Rio Negro em Manaus em quatro centímetros até aqui. Em 2010, o rio marcou 13,63m. Este ano, atingiu nesta segunda-feira 13,59, dez centímetros a menos do que o registrado neste domingo.

📷: Rayane Garcia / TV A Crítica

🔗 A cobertura completa da seca e muito mais você lê em ACRÍTICA.COM
Ver tradução



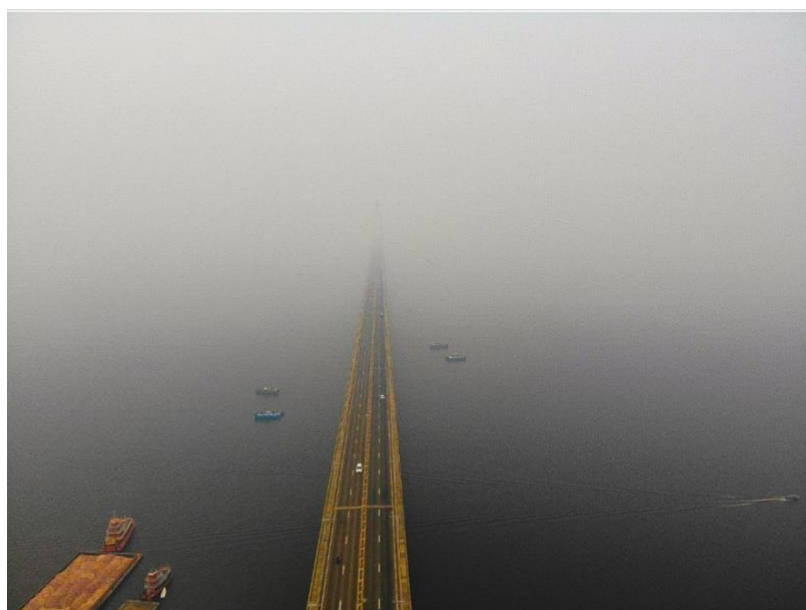
2.935 curtidas

16 de outubro de 2023



Adicione um comentário...





portalacritica • Seguindo

portalacritica 74 sem
#fotodasemana Cadê Manaus?! Cidade fica encoberta de fumaça das queimadas durante toda a semana. 🌫️: Márcio Silva/A Crítica
Ver tradução

elongiomoreira 70 sem
O prefeito está em briga com governador. Não se unem pela cidade . Nem pelo Estado.
Responder Ver tradução

5.509 curtidas
13 de outubro de 2023

Adicione um comentário...



portalacritica • Seguindo
Manaus

⚠️ Manaus entra em estágio de "mobilização" nesta quarta-feira (11)

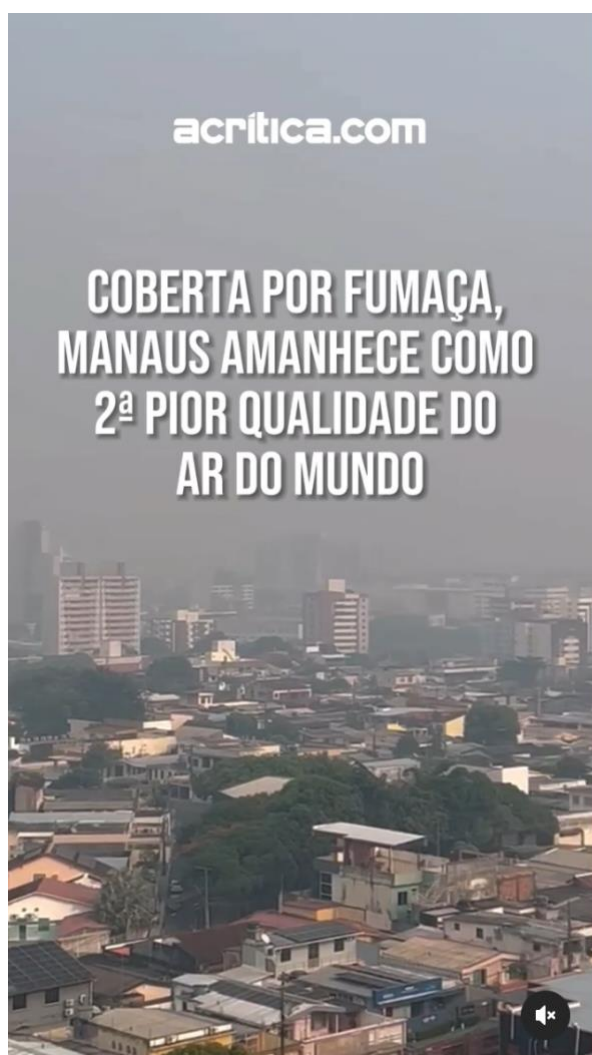
O anúncio foi dado pela prefeitura de Manaus por conta da intensa fumaça que cobriu a capital amazonense desde a madrugada de hoje.

Em nota, o Centro de Cooperação da Cidade (CCC) informou que a alteração do status da cidade para "Mobilização" foi necessária após análises de especialistas de Saúde e Meio Ambiente da Secretaria Municipal de Saúde (Semsu) e da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Sustentabilidade (Semmas), devido à fumaça proveniente das queimadas.

Saiba mais detalhes no story ou acesse este conteúdo no acritica.com

7.226 curtidas
11 de outubro de 2023

Adicione um comentário...



portalacritica • Seguindo



portalacritica • 74 sem

AMAZONAS SEM AR | A capital amazonense amanheceu mais uma vez coberta por intensa fumaça nesta quarta-feira (11). Manaus já é considerada o segundo pior lugar do mundo para se respirar.

A qualidade do ar foi classificada como "hazardous", ou seja, "perigosa" de acordo o painel de monitoramento de qualidade internacional World's Air Pollution, que reúne dados de se sensores ao redor do mundo - incluindo o Sistema Eletrônico de Vigilância Ambiental (Selva).

Leia mais em acritica.com
Ver tradução



12 CC



20.239 curtidas

11 de outubro de 2023



Adicione um comentário...





 portalacritica • Seguindo ...

 portalacritica 74 sem
Um desbarrancamento na margem da cidade de Itacoatiara, (distante 175 quilômetros de Manaus) causou a destruição parcial do porto da cidade na manhã desta quarta-feira (11).

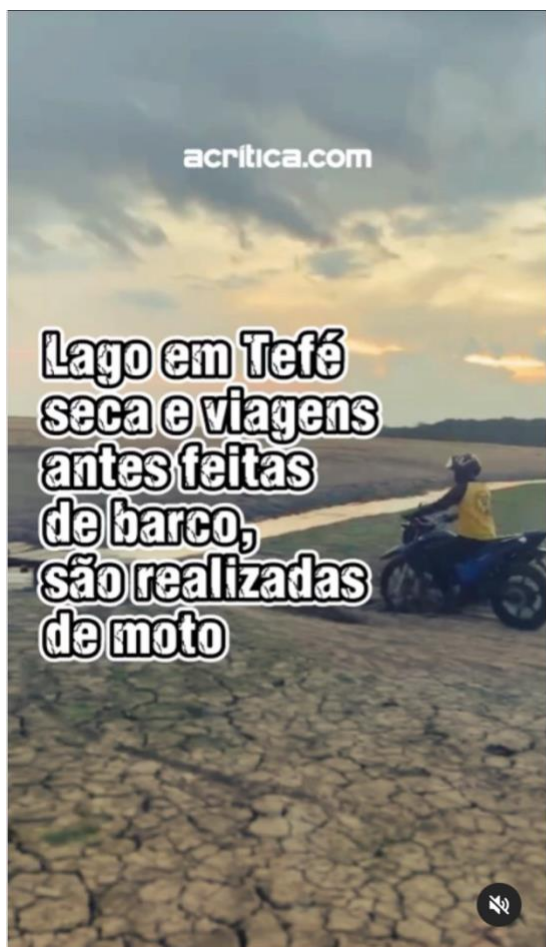
De acordo com os primeiros relatos dos moradores, o deslizamento da terra começou por volta das 9h, levando uma parte da estrutura e causando uma fenda de aproximadamente 300 metros.

Leia mais em [acritica.com](#)
Ver tradução

 marinesmaximo10 74 sem
Eita caramba nem a natureza guenta segurar o barro imagina o ser humano

4.633 curtidas
11 de outubro de 2023

Adicione um comentário...



acritica.com

**Lago em Tefé
seca e viagens
antes feitas
de barco,
são realizadas
de moto**

portalacritica • Seguindo
Sheevhaa • Drama

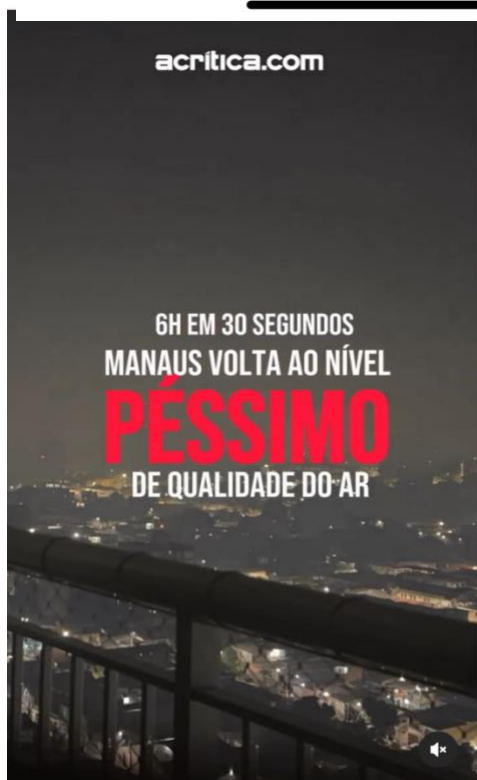
portalacritica 75 sem
POR UM FIO 🧵💧
Após 125 botos serem encontrados mortos no Lago Tefé, no Amazonas na última semana, a região foi palco de mais uma cena inusitada devido a seca extrema que atinge quase todo o estado.

Em vídeo que circula na internet é possível ver motociclistas atravessando uma ponte improvisada sobre terras rachadas causadas pela escassez de água. O curioso é que o mesmo trajeto de Tefé até Alvarães, que antes era realizado por embarcações, agora só é possível via terrestre.

Confira a reportagem completa no story.
Ver tradução

5.520 curtidas
5 de outubro de 2023

Adicione um comentário...



acritica.com

**6H EM 30 SEGUNDOS
MANAUS VOLTA AO NÍVEL
PÉSSIMO
DE QUALIDADE DO AR**

portalacritica • Seguindo

portalacritica 75 sem
MANAUS SOB FUMAÇA | De acordo com os alertas registrados na madrugada desta quinta-feira (5), a qualidade do ar está considerada com o nível péssimo em bairros como Parque Dez, Aleixo, Adrianópolis, Aparecida, Morro da Liberdade, dentre outros.

Imagens: Dante Graça

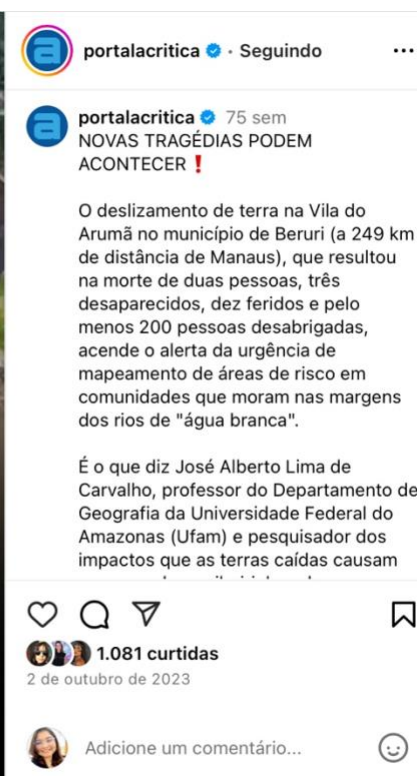
Leia mais em [acritica.com](#)
Ver tradução

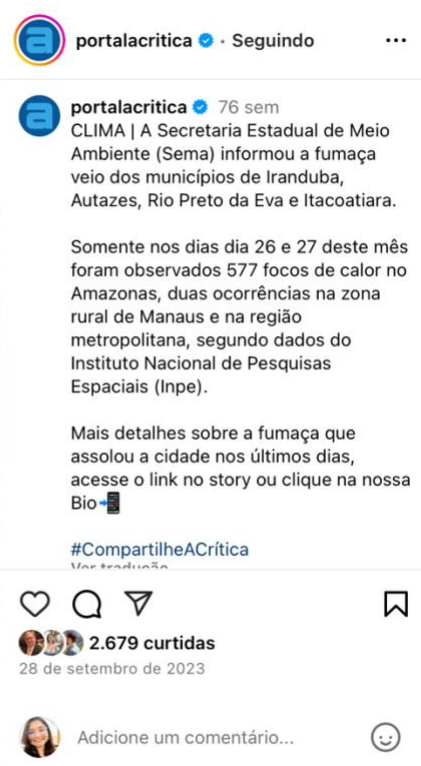
renatarmx 74 sem
@lulaoficial nos ajude
Responder Ver tradução

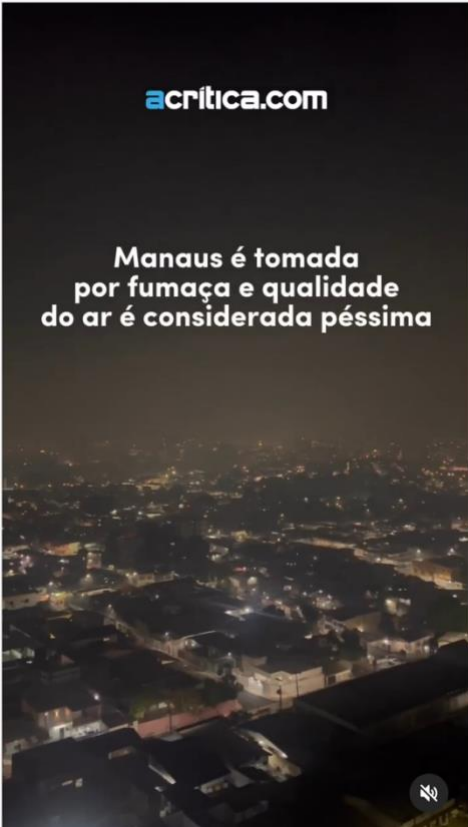
delciocarioca 74 sem
Alguém não divulga por que agora

3.497 curtidas
5 de outubro de 2023

Adicione um comentário...







acritica.com

Manaus é tomada por fumaça e qualidade do ar é considerada péssima

portalacritica • Seguindo
Áudio original

portalacritica 76 sem
VISÃO ESFUMAÇADA

A origem da fumaça ainda é desconhecida. A plataforma Sistema Eletrônico de Vigilância Ambiental (Selva), a qualidade do ar nesta noite em quase toda a cidade está acima de níveis considerados "ruins".

Na internet, manauaras reclamam de cheiro forte e de "neblina". Para mais detalhes, acesse o link no story 📱

[#CompartilheACritica](#)
Ver tradução

fco_alcantarajr 73 sem
Cadê os artistas para protegerem a Amazônia? ❤️

16.231 curtidas
27 de setembro de 2023

Adicione um comentário...



acritica.com

Seca do rio causa morte de boto-cor-de-rosa e outros peixes em Tefé

portalacritica • Seguindo
Áudio original

portalacritica 76 sem
SECA | Cidade já está classificada como "situação de emergência". Além da fauna aquática, a população ribeirinha e urbana também é afetada pela estiagem.

Na esfera de políticas públicas, já se planeja medidas por parte do Governo do Estado. Para ler mais, acesse o link no nosso story ou clique na nossa Bio.

[#CompartilheACritica](#)
Ver tradução

monteirocathia 67 sem
@cop28uaeofficial ...
Responder

biomagnetismo_lam 75 sem

4.278 curtidas
27 de setembro de 2023

Adicione um comentário...



portalacritica • Seguindo ...
Áudio original

portalacritica 77 sem
MANAUS ENCOBERTA | Grande quantidade de fumaça em toda a cidade assusta moradores de Manaus

➡ A capital amazonense está, desde o início da manhã, coberta por fumaça, dificultando inclusive a visualização de longas distâncias. Moradores também relataram forte cheiro de fuligem. Leia mais em acritica.com
Ver tradução

lopesjucy_nara 25 sem
Aqui no Lago Azul próximo à barreira está beirando o insuportável de tanta fumaça. Esses enviados do capet4 sempre começam a queimar à noite. Um foco de s

Responder Ver tradução

14.193 curtidas
20 de setembro de 2023

Adicione um comentário...



portalacritica • Seguindo ...
Áudio original

portalacritica 77 sem
FORTES CHUVAS

Em meio a condições climáticas instáveis, um vídeo, que viralizou nas redes sociais, mostrar um homem pegando pequenos pedaços de gelo que caíram no chão, no bairro Tarumã.

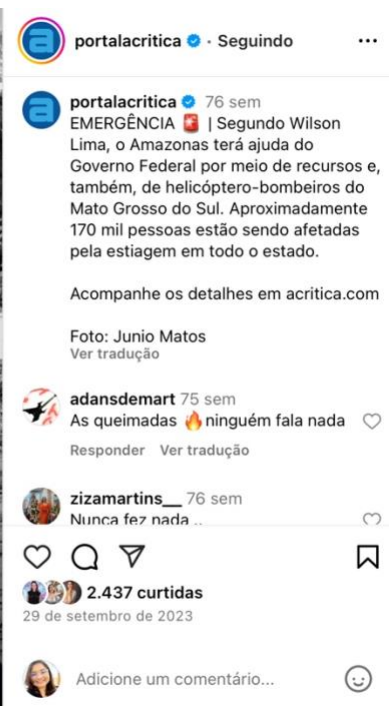
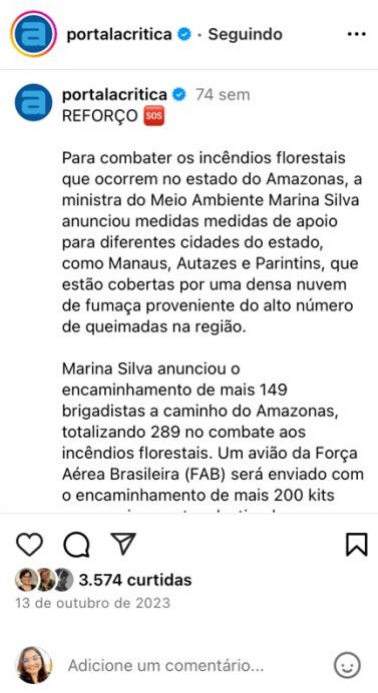
Durante as chuvas, foram registrados destelhamentos, desabamentos e alagamentos. Para mais detalhes, acesse o link no story

#CompartilheACritica
Ver tradução

belkiscorrea3 77 sem
Responder

1.416 curtidas
20 de setembro de 2023

Adicione um comentário...



ANEXO 3

Lista de links do *Instagram* do *Portal A Crítica* – acesso em 16.03.2025 a 23.03.2025

https://www.instagram.com/p/CzL9_IsLBG/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==

https://www.instagram.com/p/CzHf74RvNaJ/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==

https://www.instagram.com/p/CzBpxw4sZie/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==

https://www.instagram.com/p/Cy3aeoDLyGO/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==

https://www.instagram.com/p/Cy3QuQBA5ek/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==

https://www.instagram.com/p/Cyg6SmSPS6G/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==

https://www.instagram.com/reel/CyfA5nSMqGu/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==

https://www.instagram.com/p/CydYEtKgrTb/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==

https://www.instagram.com/p/CyWGR0qLCsk/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==

https://www.instagram.com/p/CyVwkZiLKcq/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==

https://www.instagram.com/p/CyRiJ2eLyUA/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==

https://www.instagram.com/p/CyRMVuaAR_c/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==

https://www.instagram.com/reel/CyQl5OvgO4L/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==

https://www.instagram.com/reel/CyCGg6DL8cO/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==

https://www.instagram.com/reel/CyBejsnLTCM/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==

https://www.instagram.com/p/Cx-iXSygEWz/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==

https://www.instagram.com/p/Cx6boGjsjAa/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==

https://www.instagram.com/p/CxyId_qLpYJ/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==

https://www.instagram.com/p/CxwRpC8MAj3/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==

https://www.instagram.com/p/CxvcIPSMVPH/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==

ANEXO 4

Lista de reportagens reproduzidas do *Portal A Crítica* – acesso em 22.03.2025

<https://www.acritica.com/geral/rio-negro-volta-a-subir-e-acumula-alta-de-17-centimetros-em-seu-nivel-nos-ultimos-tres-dias-1.322228>

<https://www.acritica.com/geral/qualidade-do-ar-volta-a-piorar-em-manaus-1.321888>

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-10/pesquisador-ve-relacao-entre-seca-no-rio-negro-e-aquecimento->

[global#:~:text=Para%20ele%2C%20há%20indícios%20de,Oceano%20Pacífico%2C%20mas%20do%20Atlântico](https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-10/pesquisador-ve-relacao-entre-seca-no-rio-negro-e-aquecimento-global#:~:text=Para%20ele%2C%20há%20indícios%20de,Oceano%20Pacífico%2C%20mas%20do%20Atlântico)

<https://www.acritica.com/manaus/seca-do-rio-negro-ja-e-a-10-pior-da-historia-1.319660>

<https://www.acritica.com/manaus/vazante-historica-rio-negro-bate-recorde-e-chega-a-marca-de-13-59-metros-1.320902>

<https://www.acritica.com/manaus/efeito-fumaca-manaus-entra-em-estagio-de-mobilizac-o-1.320511>

<https://www.acritica.com/amazonia/coberta-por-fumaca-manaus-amanhece-como-segunda-pior-qualidade-do-ar-do-mundo-1.320437>

<https://www.acritica.com/geral/lago-em-tefe-seca-e-viagens-antes-feitas-de-barco-s-o-realizadas-de-moto-1.319834>

<https://www.acritica.com/manaus/seca-do-rio-negro-ja-e-a-10-pior-da-historia-1.319660>

<https://www.acritica.com/manaus/fumaca-que-cobriu-manaus-foi-resultado-de-queimadas-em-pelo-menos-quatro-cidades-do-estado-1.319169>

<https://www.acritica.com/manaus/decreto-manaus-entra-oficialmente-em-situac-o-de-emergencia-devido-vazante-do-rio-negro-1.319118>

<https://www.acritica.com/manaus/manaus-e-tomada-por-fumaca-e-qualidade-do-ar-e-considerada-pessima-1.319079>

<https://www.acritica.com/amazonia/boto-cor-de-rosa-morre-devido-estiagem-em-tefe-1.319071>

<https://www.acritica.com/manaus/apos-fumaca-morador-filma-chuva-de-granizo-no-bairro-tarum-defesa-civil-registrou-5-ocorrencias-1.318345>

<https://www.acritica.com/manaus/nova-onda-de-fumaca-cobre-manaus-deixando-qualidade-do-ar-de-muito-ruim-a-pessima-1.322315>

<https://www.acritica.com/geral/conhecida-como-rainha-da-floresta-samauma-centenaria-e-derrubada-em-anam-1.320983>

<https://www.acritica.com/geral/desbarrancamento-destroi-parte-do-porto-de-itacoatiara-1.320462>

<https://www.acritica.com/geral/e-urgente-o-mapeamento-de-comunidades-as-margens-de-rios-de-agua-branca-alerta-pesquisador-1.319518>

<https://www.acritica.com/manaus/marina-silva-anuncia-mais-149-brigadistas-recursos-e-kits-de-equipamentos-a-caminho-do-amazonas-1.320661>

<https://www.acritica.com/manaus/amazonas-entrara-em-situacao-de-emergencia-por-conta-da-estiagem-afirma-governador-1.319242>